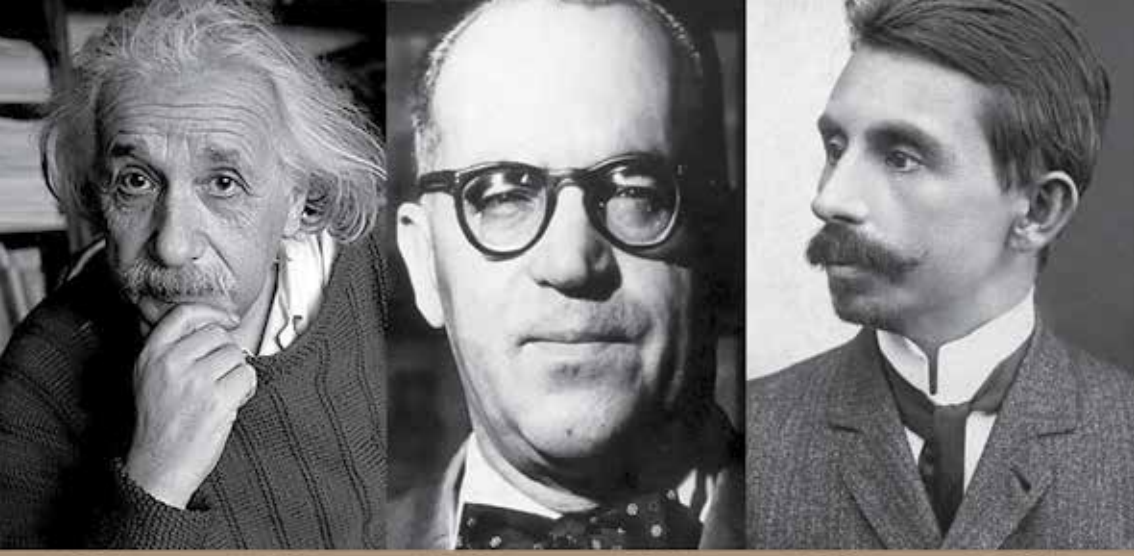


REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Nº66
2016
CURITIBA PARANÁ

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS
DIRETORIA GESTÃO 2015 -2016

Presidente
Chloris Casagrande Justen

Vice-Presidentes
Ernani Buchmann
Léo de Almeida Neves

Secretários
Antônio Celso Mendes
René Ariel Dotti

Tesoureiros
Ário Taborda Dergint
Ernani Costa Straube

Orador
Clemente Ivo Juliatto

Editoração
Eduardo Rocha Virmond
Laurentino Gomes
Marta Morais da Costa
Paulo Vitola

Biblioteca Norton Macedo
Patrono
Eduardo Rocha Virmond

Comunicação
Adherbal Fortes de Sá Júnior
Dante Mendonça
Nilson Monteiro
Cecília Maria Vieira Helm

Artes e Promoções
Ário Dergint
Guido Viaro
Maria José Justino
Paulo Torres Pereira

Regimento | Estatuto
Adélia Maria Woellner
Albino de Britto Freire
José Wanderlei Resende
Ney José de Freitas

Observatório da Cultura Paranaense
Darci Piana
Oriovisto Guimarães

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS
Publicação da Academia Paranaense de Letras
Ano 77, nº 66, junho de 2016. A revista não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos seus colaboradores.

Projeto gráfico
Rita Soliéri Brandt

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Fundada em 26 de setembro de 1936, teve seus estatutos registrados em 7 de março de 1974 no Cartório do 1º Registro de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas de Curitiba, PR, arquivados sob n.º 164.893 e registrados no Livro A n.º 3.112, e também junto ao Conselho do Serviço Social do Ministério da Justiça sob n.º 53/67.

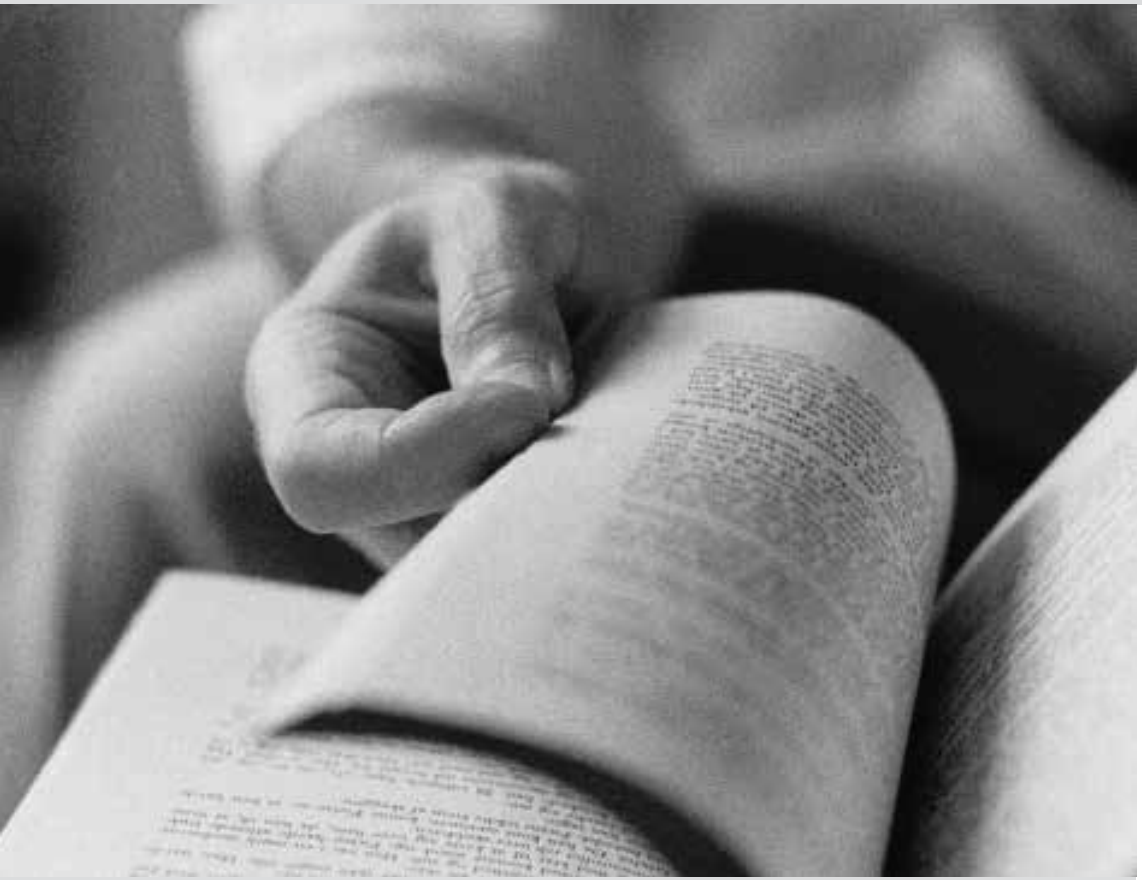
Avenida Visconde do Rio Branco, 1717 – Centro
Curitiba/PR – Tel. 41- 3232-8123
CEP. 80420-210
www.academiapr.org.br
e-mail: erv@ervirmond.com.br

PRESIDENTES

Ulisses Falcão Vieira (1936-1942)
Oscar Martins Gomes (1942-1951)
Otávio de Sá Barreto (1951-1957)
Oscar Martins Gomes (1957-1966)
Osvaldo Piloto (1966-1970)
Vasco José Taborda Ribas (1970 -1990)
Felício Raitani Neto (1990 -1992)
Valfrido Pilotto (1992-1994)
Túlio Vargas (1994 - 2008)
Lauro Grein Filho (2008)
José Carlos Veiga Lopes (2008 - 2010)
Chloris Casagrande Justen (2010)
Eduardo Rocha Virmond (2011-2013)
Chloris Casagrande Justen (2013-2016)

PREFÁCIO

CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN
Presidente



O Presente é como o vento
Rápido, tênue, fugaz.

Lançando ao universo cultural mais uma Revista da Academia, o Paraná conta a sua História, enaltece seus vívidos valores, dignifica poetas e prosadores, resguarda memórias de homens e mulheres notáveis, revive os tempos que dormem em inacessíveis bibliografias.

Um pequeno compêndio, a Revista proporciona a agradável oportunidade do conhecimento personalizado, lembranças iluminando a História, discursos trazendo à vida uma jornada de valores que interliga a mística da imortalidade aos pequenos rituais que ainda nos envolvem.

Como convém à leveza de uma revista, notícias especiais vêm de reportagens carismáticas que deixaram histórias e histórias, carregam consigo profundas emoções gravadas para sempre. Nesse contexto, relatos e estudos sobre a FEB dizem do necessário estudo do passado para a construção permanente da cidadania do futuro.

O nosso Paraná de Todas as Gentes, em construção permanente de sua personalidade paranista, é um Estado de uma riqueza genética e histórica inigualável, pois somos, cada um, a vibração de muitas raízes, pulsando em um só coração. Qualidade que nos irmana, expressa nos braços abertos à recepção daqueles que, sob um céu azul, encontram um clima que, em uma variedade ímpar, mantém as lembranças de cada um, em muitos passados remotos, prenhes

de esperanças e sonhos que se estenderam entre as Gentes da Terra, vibrando todos igualmente na construção de uma cidadania que nos orgulha e enaltece: Somos Todos Paranaenses!

Esta formação, de uma profunda união humanista, vibra nas artes plásticas, na música, na sacralização dos valores maiores, fazendo dos nossos ideais, estrelas que iluminam a jornada.

É, pois, com essa proposta de construção permanente de um Paraná que sempre nos encante e nos fortaleça que tecemos as páginas da Revista da Academia Paranaense de Letras.

PREÂMBULO

EDUARDO ROCHA VIRMOND
Editor

Cento e cinquenta anos de Euclides da Cunha. Cem anos do Código Civil Brasileiro - Clovis Bevilacqua. Cem anos da Teoria da Relatividade – Albert Einstein. Duzentos e trinta anos da Constituição Americana. Oitenta anos da criação da Academia Paranaense de Letras. Setenta anos da Constituição de 46. Setenta anos do lançamento de "Sagarana" de João Guimarães Rosa. Quatrocentos anos de William Shakespeare e Miguel de Cervantes. São todos aniversários redondos que merecem ser lembrados. E assim está sendo nesta Revista da Academia Paranaense de Letras. Espera-se ainda que ainda venha a ser possível neste ano mais um número da Revista, pelos oitenta anos de nossa Academia, quando haverá pronunciamentos sobre os dois últimos gênios referidos e ainda sobre o Código Civil de 1916.

Perdemos dois dos nossos acadêmicos. Lauro Grein Filho e José Wanderlei Rezende. Ambos são pranteados agora. Ambos foram merecedores reais de suas cadeiras na Academia. Personalidades completamente diferentes, honraram a seu modo a todos nós, que apreciamos o seu desempenho. Wanderlei foi juiz e desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná, nos surpreendeu com sua performance e sua delicadeza. Lauro Grein foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Presidente de nossa Academia e Presidente da Cruz Vermelha, cujo hospital foi modernizado graças a sua contribuição, agora um estabelecimento modelo, esplendidamente dirigido por ele até recentemente. Também Lauro Grein foi diretor de outras entidades importantes ligadas à medicina, não é preciso mencionar.

Neste número, temos colaboração bastante vasta, suficiente para realçar a vitalidade da Academia e ainda a importância do heterogêneo de sua composição, a que se deve a sua força, bem como daquelas excelentes escritoras independentes que, pelo tema e pela qualidade de suas contribuições, foram convidadas a participar – o que enriqueceu a nossa publicação.

Vivemos tempos e momentos muito graves da nacionalidade, agravados por provocadores reconhecidos, até das mais altas esferas, obcecados por ameaças, agressões e convites à desordens. Não é possível esconder essa preocupação, que é de todo brasileiro, mas que como tal iremos prosseguir enfrentando a vida cotidiana e as tarefas que assumimos como acadêmicos e como responsáveis de onde cada um é originário, como brasileiros enfim.

PIERO DELLA FRANCESCA

Seiscentos anos de seu nascimento em 1416 na aldeia de Sansepolcro, no alto do Vale do Tibre, próximo a Arezzo, grande pintor dos primórdios do Renascimento na Itália, que vem depois naturalmente de Giotto, mas antes de Leonardo da Vinci e Michelangelo. E tantos outros, de um lado e de outro. Não foi só o esplendoroso artista, foi matemático geômetra, que escreveu "Summa de Arithmetica", copiado declaradamente pelo célebre matemático renascentista Luca Pacioli. Há obras dele em Londres, National Gallery, uma maravilhosa, que domina uma das salas desse grande museu inglês, é "Batesimo de Cristo". Não precisa ir à sua casa em Sansepolcro para saber dele,mas valeria à pena, para ver o afresco sobre a Ressureição, que foi financiado não por nobres

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS N.º 66 CURITIBA 2016

italianos, mas por humildes co-habitantes de sua terra natal. Há que se acrescentar ainda sobre o seu comportamento. Louvado por todos da Itália dos primórdios do Renascimento, ele voltava sempre à sua Sansepolcro, como se dissesse a todos "aqui nasci – aqui moro". Próximamente voltaremos mais ainda sobre Piero della Francesca, que ele merece, que nós apreciaríamos merecer.

Madonna della Misericordia

MIGRAÇÃO DOS CONTINENTES

Por JOÃO JOSÉ BIGARELLA

No noticiário internacional ou nacional surgem de vez em quando notícias sobre terremotos ou maremotos (tsunamis). O que provocaria estes eventos? O último desses eventos aconteceu no Nepal afetando os Himalaias com muitas perdas de vida. Na parte final deste artigo vemos a formação destas cadeias de montanhas num passado remoto.

O tsunami que afetou o Japão resultou na destruição de cidades na orla costeira do Japão. No Caribe o Haiti foi intensamente destruído por um terremoto numa reativação de uma falha transcorrente. No século 20 dois grandes terremotos destruíram a cidade de São Francisco da Califórnia.

Em 1951 obtive uma bolsa da John Simon Memoria Foundation para realizar pesquisas nos Estados Unidos. Meu grande interesse seria acompanhar pesquisadores, bem como, observar os trabalhos de mestrado ou doutorado realizados por eles no campo.

Em Tucson no Arizona visitei o Prof. Edwin D. McKee que trabalhava na Universidade do Arizona e comentei que não considerava a permanência dos continentes como estão atualmente, mas sim, acreditava na hipótese do Prof. Alfred Wegner que falava num super continente, a Pangéia.

Creio que ele ficou vermelho e se houvesse inquisição poderia ser queimado numa fogueira!... Acabamos cada um com sua idéia.

Muitos anos mais tarde pesquisas realizadas por oceanógrafos americanos junto a Cordilheira Meso Oceânica fez com que os americanos mudassem de idéia e aderissem a migração continental.

Nessa época, A. Wegner queria saber se na América do Sul e na África as rochas tinham a mesma coloração? Entretanto isto não seria prova da migração. Neste momento tive uma idéia de abordar a deriva continental numa nova aproximação, medindo a direção dos ventos do passado desde o Nordeste do Brasil até o Uruguai, bem como, na África do Sul e na Namíbia.

Consideramos também as correntes marinhas ao longo da costa brasileira, bem como, na África Ocidental, além de determinar a direção do curso dos rios pretéritos nos dois continentes. Com esses dados foi possível descobrir o momento da ruptura do grande continente de Gondwâna no final do Paleozóico (figura 1 e 3).

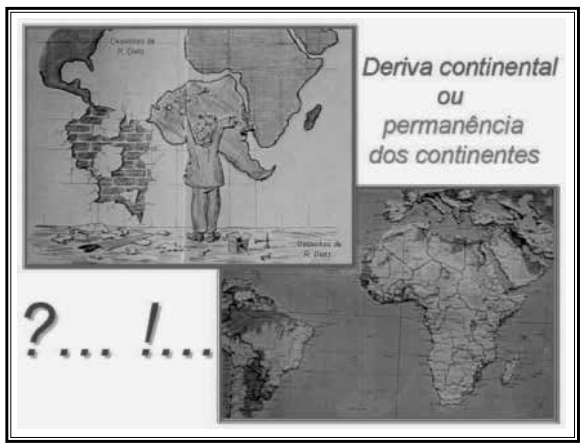


Figura 1

Na conceituação da permanência dos continentes como explicar a presença de animais antigos dos dois lados do oceano. Sugeriram a presença de pontes (figura 2), ou de animais capazes de pular de ilha em ilha, ou então, viajar de carona no oceano. Algo inconcebível, mas por aquela linha de pensamento, talvez fosse possível!...

Figura 2

Figura 3

Na figura 4 a concepção da Pangéia com a localização dos atuais continentes.

Figura 4

Na figura 5 a tectônica das placas. A figura simula que cada continente tivesse um motorista por sinal, mau condutor. Em "A" viajando livremente para oeste. Em "B" ele viaja para o norte e vai colidir com um continente. Em "C" ele faz com que a Índia que estava mais ao Sul colidisse com a Ásia. Na parte inferior da figura o mecanismo de movimentação indicado pelo sentida das setas.

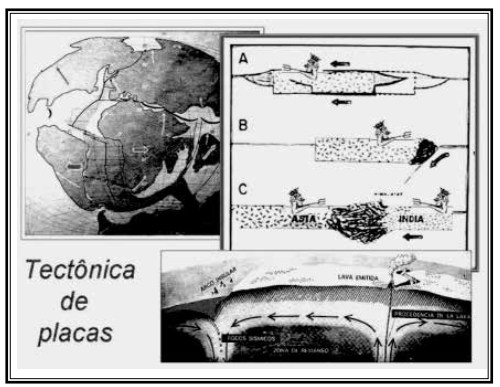


Figura 5

Na figura 6 constam detalhes deste mecanismo mostrando o sentido das correntes de convecção, bem como, a existência de falhas. Para compreender as correntes de convecção ir para a cozinha da casa onde a dona da casa está preparando uma sopa para o almoço. Olhando para a panela vemos os grãos de arroz subindo pelo centro indo para as paredes internas, descendo para o fundo e seguindo para a parte central do fundo e iniciando a subida e assim por diante.

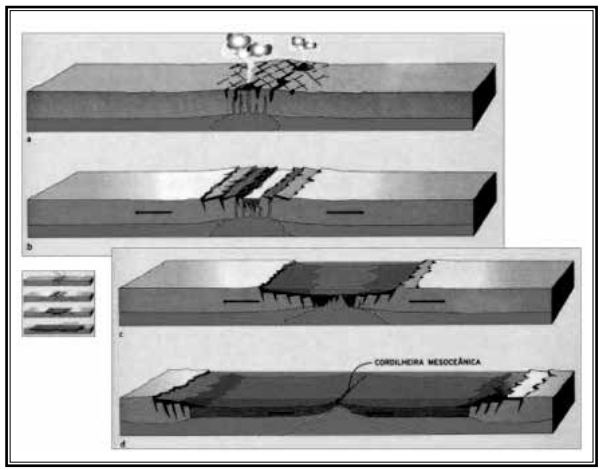


Figura 6

De forma mais descritiva apresenta uma força no meio do Oceano Atlântico fraturando à grande profundidade o fundo, causado por algo que vem debaixo e vai empurrando para a esquerda e para a direita duas massas continentais. Na ilustração inferior (figura 7) percebe-se a formação da Cordilheira Meso Oceânica. Nos lados voltados para o oceano surgem falhamentos levantando blocos que no Paraná deram origem a Serra do Mar. Mais para o norte em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, alguns blocos foram soerguidos e outros afundados tornando-se capazes de aprisionar o petróleo a grandes profundidades.

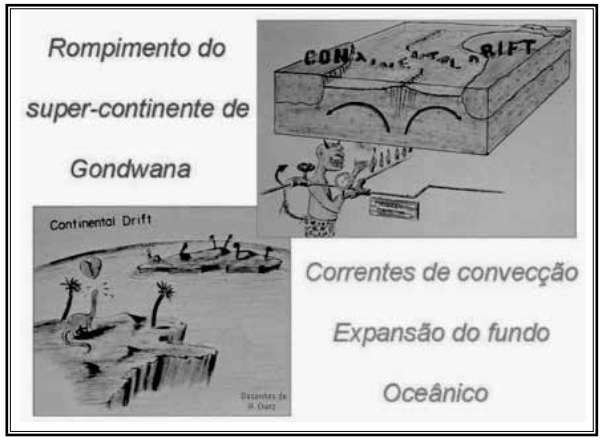


Figura 7

Na figura 8 temos uma representação das correntes de convecção (agora não na cozinha, mas no oceano) separando populações animais como bem ilustrado por R. Dietz que conheci pessoalmente em 1952 no Instituto Oceanográfico Scripps na Califórnia. Com a separação de populações animais, surgiram novas espécies e extinções de outras.

Figura 8

Na figura 9 podemos observar a Cordilheira Meso Oceânica com inúmeras falhas. No nordeste do Brasil principalmente no Rio Grande do Norte de tempos em tempos surgem abalos sísmicos que danificam casas.

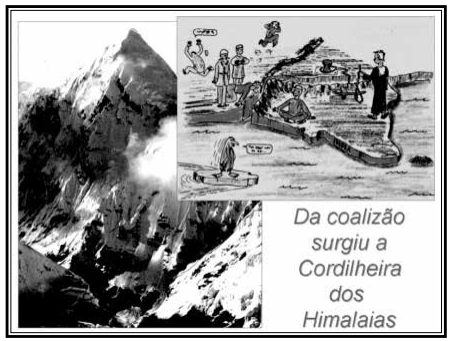


Figura 9

Quando bem jovem, na residência de meus pais na Av. Visconde de Guarapuava, percebi ruído como de ratos correndo no sótão. Na realidade ocorreu um ligeiro movimento num daqueles blocos situados provavelmente ao largo da costa paulista.

Na figura 10 está ilustrada a trajetória da Índia quando ela começou a afastar-se da África rumo à placa Euro-Asiática dando origem à Cordilheira do Himalaia. A figura 11 complementa a figura 10.

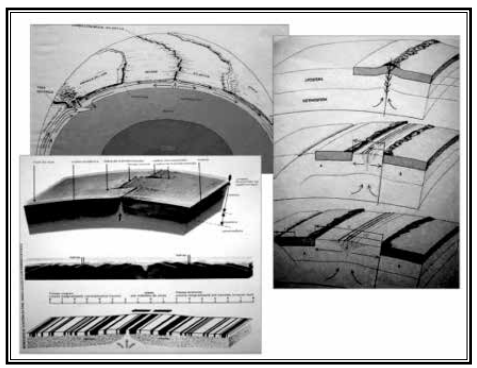


Figura 10

Figura 11

Na figura 12 revemos a placa Sul-americana chocando-se com a placa de Nasca, dando origem à Cordilheira dos Andes.

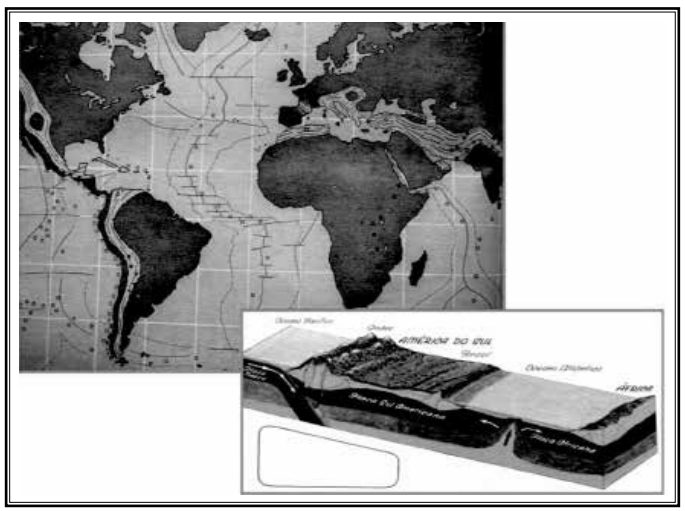
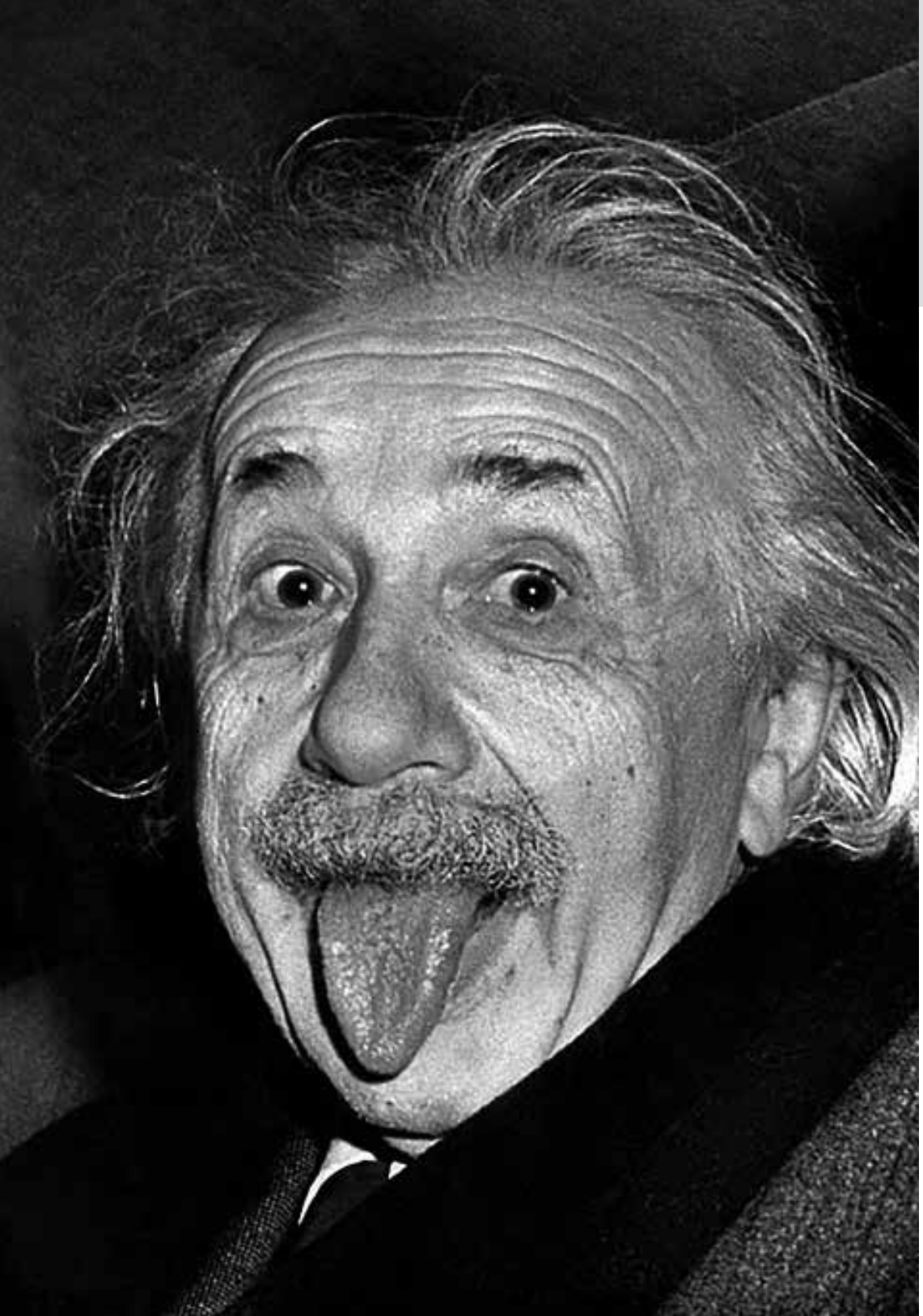


Figura 12

A migração dos continentes continua. A América do Sul e a África continuam afastando-se de dois a quatro centímetros por ano.

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS N.º 66 CURITIBA 2016

Em 1969 fui convidado pelo Serviço Geológico da África do Sul a visitar a África, tudo pago. Notei o preço da passagem. Um ano mais tarde voltei à África do Sul para fazer uma conferência em Johanesburgo. "O preço da passagem aumentou relativamente ao aumento da distância de 4 cm."



A GENIALIDADE DE EINSTEIN

Sinopse de ANTONIO CELSO MENDES

ALBERT EINSTEIN (1879-1955) publicou, em 1905, três estudos de Física, todos eles impactantes. Era uma verdadeira façanha para um físico alemão que trabalhava meio período no Escritório de Patentes da Suiça, em Berna. Os estudos explicavam o movimento browniano, (ou o deslocamento aparentemente aleatório de partículas em suspensão num meio fluido), o efeito fotoelétrico (ou a emissão de elétrons quando expostos a uma radiação eletromagnética, como a luz, sobre uma placa metálica) e a relatividade especial. Em 1915, eles se seguiram de outro marco, a teoria da relatividade geral. Essa teoria foi comprovada de maneira espetacular apenas quatro anos depois por observações durante um eclipse solar. Einstein se tornou um nome familiar. Ele recebeu o prêmio Nobel em 1921 pelo seu trabalho com o efeito fotoelétrico. Em 1933, Einstein se mudou para os Estados Unidos e assinou uma famosa carta alertando o presidente Roosevelt sobre o risco dos alemães desenvolverem uma arma nuclear, o que levou à criação do Projeto Manhattan.

A Fórmula $E=mc^2$ expressa que massa e energia são equivalentes. A fórmula nos diz que a energia liberada pela destruição de uma massa (m) é igual a m vezes a velocidade da luz (c) ao quadrado. Como a luz viaja a 300 milhões de metros por segundo (no espaço vazio), mesmo a destruição de uns pouco átomos libera uma enorme quantidade de energia. Nosso sol e as usinas nucleares produzem energia dessa maneira.

A cor dos astros revela sua temperatura: A cor de uma estrela denuncia sua temperatura. Quanto mais clara ou azul é a cor refletiva, mais quente ela é. Ao solucionar o problema de por que o brilho do carvão é vermelho e não azul, o físico alemão Max Planck deu início a uma revolução que conduziu ao nascimento da física quântica. Buscando descrever tanto a luz quanto o calor em suas equações, ele segmentou a energia em pequenos pacotes, ou *quanta* de radiação : estas, de alta frequência, possuem mais energia que aquelas de baixa frequência. O universo, por ocasião do big bang possuía altíssima frequência, e, depois, continua esfriando. O satélite da NASA (*Cosmic Background Explorer*, COBE), em 1990, mapeou esta radiação cósmica de fundo, que havia sido detectada em 1960.

O surgimento do eletromagnetismo: A luz é uma onda eletromagnética. Estendendo-se além do espectro da luz visível, o eletro magnetismo vai desde as ondas de rádio até os raios gama. Sua descoberta foi o estímulo tanto para o surgimento da teoria da relatividade quanto para a física quântica. Em 1900, Einstein mostrou que a luz de fato pode se comportar ora como uma torrente de partículas, hoje chamadas fótons, que carregam energia, mas não possuem massa; ou como ondas, em campos elétricos e magnéticos. Em 1905 ele lançou a Teoria da Relatividade Especial, na qual detalha as particularidades da luz ora como onda, ora como partícula.

Esta dualidade onda-partícula referida à luz, teve sua comprovação em laboratório em 1922, quando Arthur Compton teve sucesso na dispersão de raios X a partir de elétrons, medindo a pequena mudança de frequência que resultou daí. Tanto fótons de raios X quanto elétrons estavam se comportando como bolas de bilhar. Einstein estava certo. Além disso, todos os fenômenos eletromagnéticos se comportavam como partículas. Hoje, físicos testemunham o comportamento onda-partícula em nêutrons, fótons e moléculas- até mesmo das grandes.

Naturalmente, a luz trafega sempre à mesma velocidade, qualquer que seja sua fonte: um farol de bicicleta, um trem ou um jato supersônico. Einstein mostrou, em 1905, que nada pode viajar mais rápido que a luz. O tempo e o espaço se distorcem quando nos aproximamos desse limite de velocidade universal. Perto da velocidade da luz, o tempo desacelera e os objetos se encolhem e se tornam mais pesados.

Objetos ficam maciços quando se aproximam da velocidade da luz, de acordo com $E=mc^2$. Esse ganho de peso é pequeno a baixas velocidades, mas se torna infinito à velocidade da luz, de forma que qualquer aceleração além dela se torna impossível. Então, nada pode exceder a velocidade da luz. Qualquer objeto com massa jamais poderá atingi-la, apenas chegar quase lá, tornando-se mais pesado e mais difícil de acelerar à medida que se aproximar daquele limite. A luz em si é feita de fótons, que não têm massa, por isso não são afetados.

A teoria de Einstein afirma que todo movimento é relativo: não existe ponto de vista privilegiado. Se você está sentado em um trem e vê outro trem se mover ao lado, você pode não saber qual trem está parado e qual está deixando a estação. De modo similar, apesar de a Terra estar se movendo em torno do Sol e ao longo de nossa própria galáxia, nós não percebemos esse movimento. Movimento relativo é tudo aquilo que podemos experimentar.

A teoria especial de Einstein causou constrangimento e levou décadas para ser aceita. As implicações, incluindo a equivalência entre massa e energia, a dilatação do tempo e da massa, eram profundamente diferentes de qualquer coisa considerada anteriormente. Talvez a única razão pela qual a relatividade tenha sido apreciada é que Max Planck ouviu falar sobre ela e ficou fascinado. A defesa de Planck sobre a teoria da relatividade especial alçou Einstein aos grandes círculos acadêmicos e, finalmente, à fama.

EINSTEIN E A CRISE DA RAZÃO

Maurice MERLEAU-PONTY, pensador francês falecido em 1961, em um resumo sobre Einstein e seus dilemas intelectuais como cientista, nos brinda com uma bela digressão filosófica sobre a crise da razão clássica, esta como sempre fora entendida pela grande maioria dos pensadores, desde os gregos. As ideias principais estão assim formuladas:

1) Às pretensões de hegemonia da razão para resolver os problemas do mundo, ao tempo e modo de Augusto Comte (sec XIX), sucedeu-se um momento de crise da razão científica, com o aparecimento da teoria da relatividade de Einstein (sec XX), que subverteu as formas tradicionais de considerar muitos fenômenos, como aqueles relativos ao tempo e ao espaço.

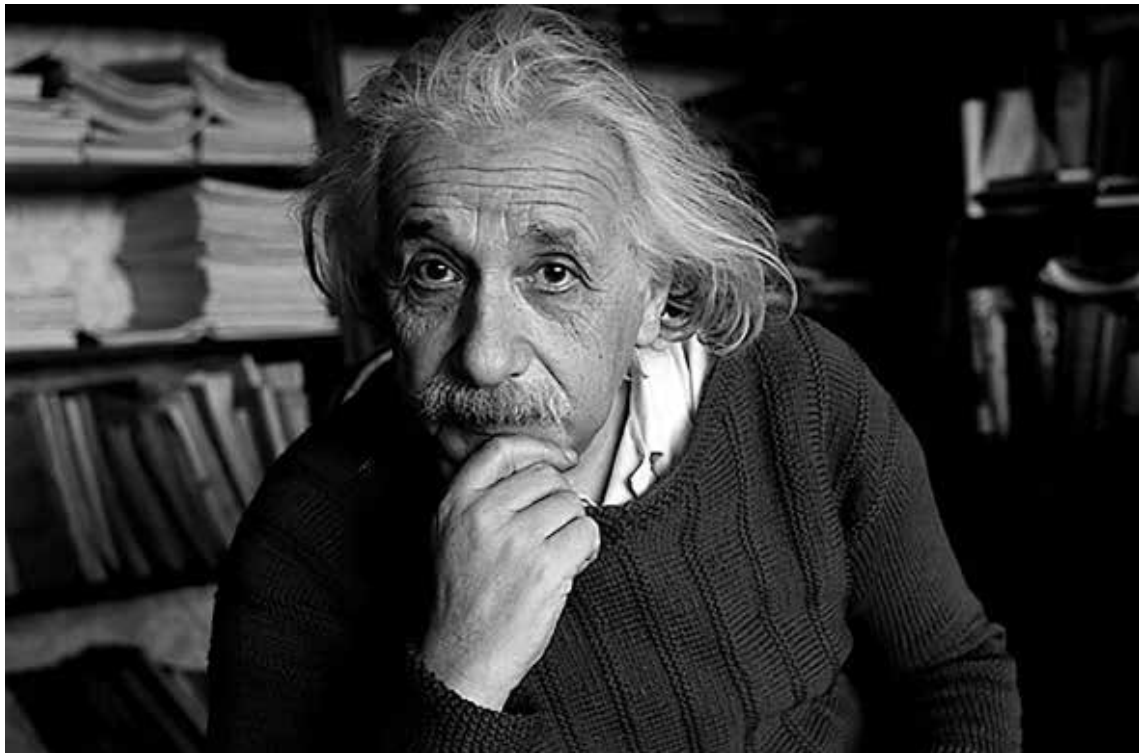
2) Contudo, Einstein parece manter ainda sua confiança na ciência clássica, ao afirmar: *"Acredito num mundo em si, mundo regido por leis que tento apreender de uma maneira selvagemente especulativa"*. Porém, Einstein reluta em aceitar uma harmonia preestabelecida, à maneira cartesiana, ou mesmo uma visão idealista à moda platônica, preferindo mais referir-se a um Deus como o de Spinoza, onde há mistério e religiosidade cósmica: *"a coisa menos compreensível do mundo, dizia ele, é que o mundo seja compreensível"*.

3) Einstein assim coloca a física clássica em seu limite crítico, relutando em aceitar os argumentos da física ondulatória, que joga com um mundo apenas de probabilidades: *"Todavia, acrescentava ele, não posso invocar nenhum argumento lógico para defender minhas convicções, a não ser meu dedinho, única e fraca testemunha de uma opinião profundamente arraigada na minha pele."* Seu dedinho era o sinal patético de sua indecisão entre o fracasso da ciência clássica e o mistério de suas especulações sobre um Deus 'sofisticado ou refinado'.

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS N.º 66 CURITIBA 2016

4) Eis que então a notoriedade de Einstein dá o que falar. Sua glória é como um cumprir a vontade dos deuses, o momento de uma crise da razão que transforma os sábios em taumaturgos.

5) Contudo, o fato principal a reconhecer é esta capacidade humana de falar e calcular, criando algoritmos e linguagens, num processo simbólico que não perde os vínculos com a realidade experimental. Não obstante ainda não possuímos uma teoria rigorosa do simbolismo. Depois disso, tudo passa a ser magia e ocultismo.



6) Em discussão com Einstein sobre o problema dos tempos múltiplos, aqueles referidos a diferentes observadores, Bergson propõe a distinção entre verdades físicas e verdades naturais, enfatizando a realidade sui generis de seu tempo duração. Pois esta intuição original é o pressuposto nas próprias teorias físicas! Portanto, há sempre que distinguir entre o mundo imediato de nossas percepções e o mundo sofisticado das fórmulas matemáticas.

7) Que iria responder Einstein? Que o tempo do filósofo não é diferente daquele pesquisado pelo físico, porém, mesmo que haja uma noção intuitiva do simultâneo, só à ciência compete constatar sua percepção relativa, quando referido a grandes distâncias. Não obstante, convém assinalar que esta percepção relativa do tempo, quando ensina que meu presente é simultâneo ao futuro de um outro observador bastante afastado de mim, arruína o próprio sentido do futuro...

8) Ora, na medida em que Einstein sustenta a validade da expressão matemática como dirigida ao real, fica preso a um paradoxo que ele nunca desejou, mas não soube como superar. Por isso, o vigor da razão está ligado ao renascimento de um sentido filosófico que, certamente, justifica a expressão científica do mundo, porém em sua ordem, em seu devido lugar no todo do mundo humano, conclui Merleau-Ponty.

A COMPROVAÇÃO DAS ONDAS GRAVITACIONAIS

Einstein afirmou, em 1915, na Teoria Geral da Relatividade, que o espaço é maleável como a superfície de um lago: ele pode se esticar e encolher, ao encontro de qualquer corpo sólido,

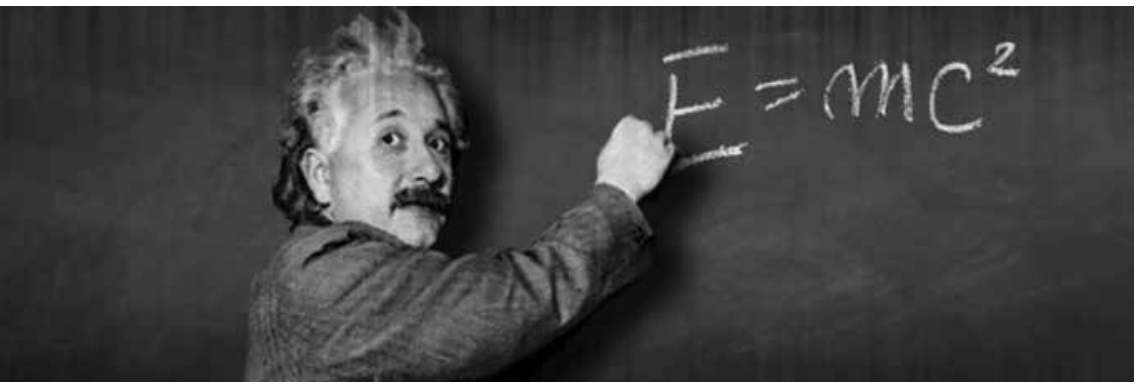
provocando a curvatura da luz que o atravessa. Tal conclusão pôde ser comprovada em Fortaleza, em 29 de maio de 1919, por ocasião de um eclipse solar. Tais ondas gravitacionais puderam ser detectadas também, na colisão de dois buracos negros, cada um com cerca de 30 vezes mais massa que o Sol, a mais de 1 bilhão de anos-luz de distância. Com esse sinal, podemos estudar objetos astrofísicos e até as ondas causadas pelo Big Bang, nos primeiros instantes do Universo. Uma das formas de produzir um buraco negro é por meio de uma supernova – a explosão de uma estrela de alta massa- que deve ser uma fonte importante de ondas gravitacionais. Outra, é pela colisão de duas estrelas de nêutrons. A análise das ondas gravitacionais permite lampejos sofisticados sobre esses processos e pode permitir ainda a descoberta de coisas ainda mais estranhas, como as hipotéticas cordas cósmicas. Só agora, porém, estas ondas puderam ser detectadas experimentalmente, o que foi tornado possível pelo desenvolvimento de alta tecnologia, através de um sistema de raios lasers, conhecido pela sigla LIGO (Observatório de Ondas Gravitacionais por Interferômetro de Laser). Ele consiste em duas instalações idênticas localizadas nos Estados de Washington e da Louisiana, nos EUA, contendo um projetor, que lança o feixe de raios. A luz é então dividida em duas e enviada a túneis idênticos e perpendiculares de 4 km. Daí, os feixes são constantemente refletidos entre espelhos. No encontro dos feixes, ao retorno, eles se chocam, produzindo um som, agora denominado *chirp*, a melodia das ondas gravitacionais. A experiência foi comunicada oficialmente por David Reitze, em 12 de Fevereiro de 2016.

Está desencadeada uma corrida internacional pela detecção de novas ondas gravitacionais, incluindo Brasil, Itália, China, Japão e Índia. O projeto brasileiro, denominado SCHENBERG, em homenagem ao físico Mário Schenberg, está instalado no Instituto de Física da USP, porém, sua antena está de mudança para o Inpe em São José dos Campos, onde terá sua sensibilidade aprimorada.

Funciona desde 2006 e consiste numa esfera metálica que é resfriada a temperaturas próximas do zero absoluto (-273 graus centígrados) e é equipada para detectar a vibração produzida pela passagem de ondas gravitacionais.

CONCLUSÃO

Como se vê, a física quântica deve muito a esse pensador privilegiado, que muito contribuiu para o avanço das pesquisas no campo micro e macrocósmico. E a humanidade tem a obrigação de venerá-lo em todas as épocas, como um dos homens que soube contribuir para o progresso universal. Parabéns à Academia Paranaense de Letras, pela iniciativa de reverenciá-lo, em momento tão oportuno.



FONTES

BAKER, Joanne. **50 Ideias de Física Quântica**. SP, Ed Planeta 2015
Folha de São Paulo, 17 de Fevereiro de 2016, Caderno B5
Notas do Autor

A UNIVERSIDADE EXISTE PARA SERVIR A SOCIEDADE

Por CLEMENTE IVO JULIATTO

A universidade é essencialmente uma instituição voltada para o serviço à Sociedade. As outras empresas também o são, mas em grau menor, pois precisam também trazer retorno financeiro ao proprietário. Essa é a diferença básica entre esses dois tipos de instituição. Ambas existem para servir à sociedade, porém uma sem pensar demasiadamente no retorno financeiro e outra, essencialmente votada para ele.

As primeiras universidades foram criadas no Século XII. Foram pensadas para servir a sociedade, sobretudo para formar seus cidadãos. Sabe-se que a formação de bons cidadãos exige basicamente duas coisas: preparação de profissionais competentes em variadas ocupações e formação de gente que preste. Por isso, sempre digo aos estudantes da Universidade que no dia da formatura, os estudantes precisam merecer dois diplomas, um de competente profissional na área que escolheram para se formar e outro de "gente boa".

A sociedade, para seu bom funcionamento, certamente precisa de profissionais competentes e habilitados. Por isso, a Universidade forma médicos, advogados, engenheiros, economistas e profissionais para muitas outras áreas, uma vez que qualquer sociedade precisa deles. A formação de gente boa inclui a preparação de bons pais e mães de família, pessoas éticas, respeitadoras das leis, cooperativas e conscientes de suas obrigações pessoais e comunitárias.

As empresas, por seu turno, também precisam aportar lucro financeiro para seus proprietários. É fácil admitir que ninguém mantém uma empresa para dar prejuízo. Se a instituição não der lucro, simplesmente é fechada. Seu proprietário irá fazer outra coisa, desde que lícita, que produza algum dinheiro.

A Universidade, entretanto, não se dedica apenas ao ensino. Ela atua igualmente na pesquisa e na extensão comunitária. A investigação é importante, pois o desenvolvimento de produtos ou sistemas, dela decorrentes, contribui para o progresso do país. Qualquer invenção procede de alguma ideia nova que é perseguida por um pesquisador. É fácil notar que os países mais desenvolvidos são sempre aqueles que cuidam melhor do seu sistema universitário.

A universidade também se dedica à extensão comunitária. Dessa forma, ela repassa a toda a comunidade, e não somente a seus alunos, muita coisa boa que produz com seus estudantes, professores e funcionários. Assim, mantém hospitais, orquestras, grupos teatrais etc; promove exposições, organiza eventos e encontros diversos sobre temas de interesse social. Toma, enfim, uma série de iniciativas visando o desenvolvimento da comunidade global.

Naturalmente, com essas atividades sociais, a universidade mais gasta dinheiro do que ganha. Por isso, os serviços e organizações sociais voltados para a educação, saúde, transporte, segurança etc., em geral, são mantidos pelo Estado e sustentados com dinheiro público ou com donativos. Não é de estranhar, pois, que a maioria dessas atividades sejam públicas ou, então, sejam mantidas por organizações filantrópicas idealistas. Esse campo de atividades também fica aberto à iniciativa particular, porém, esta precisa cuidar muito da sustentação financeira, sobretudo quando não for subvencionado pelo governo.

A academia de Platão, protótipo de universidade, já no seu processo de fundação, tem algo importante a nos ensinar. Conta-se

que, ao ser construída, perguntaram ao seu fundador onde localizá-la. E o mestre Platão respondeu: "O mais longe possível do mercado"! Naturalmente, ele não se referia a mercado como o lugar onde se compra cenoura, alface ou algum outro alimento, mas ao lugar onde são feitos os negócios. Isso é bem significativo. Ensina que educação não tem muito a ver com negócio; ou que o negócio educacional é um negócio diferente dos demais negócios.

A Universidade começou propriamente no Século XII. Inicialmente se dedicava mais ao ensino. Na Universidade de Berlim, com Humboldt, no Século XIX, deu-se bastante ênfase à pesquisa. A extensão só apareceu mais tarde, especialmente na América Latina e em outros países em desenvolvimento. Aliás é compreensível que a Universidade, com tantos recursos humanos que possui, deva colaborar bastante com a sociedade.

No Brasil, a Universidade é uma instituição recente; começou propriamente no Século XX, o que surpreende bastante. A PUCPR, uma das principais universidades do Estado e do País, por exemplo, foi criada em 1959. Ela prepara seus 32.000 estudantes para serem profissionais em mais de 60 áreas diferentes. Faz pesquisa científica em áreas importantes e atua fortemente na extensão comunitária. São também conhecidas e apreciadas as suas atividades culturais. Mantém o Projeto Comunitário para todos os alunos da graduação e promove muitas outras atividades sociais. Assumiu a Santa Casa de Misericórdia de Curitiba com seus dois hospitais e a mantém, junto com três outros hospitais. Além do seu câmpus principal do Prado Velho, abriu mais quatro sedes no Estado. Presta, assim, um serviço expressivo à sociedade paranaense.

ESTÁTUA

Por CLEMENTE IVO JULIATTO

Na data festiva do aniversário da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, foi inaugurado no câmpus universitário do Prado Velho um monumento bastante original, de aproximadamente três metros de altura, do renomado artista Elvo Damo. O tema da obra de arte é a educação. Trata-se de um enorme bloco maciço de mármore rosa com a inscrição, em baixo relevo, de a frase do filósofo latino Plotino (205 - 270), gravada em latim e português, alusiva ao cultivo pessoal: "Não cesses de esculpir a tua própria estátua". Encimando o bloco, como que dele saindo, surge a estátua em bronze de meio corpo em tamanho natural de uma pessoa desnuda.

Eu desejo, numa oportunidade assim, insistir sobre a importância de uma universidade zelar especialmente por três pontos: ter um campus bonito, saber educar bem as pessoas que o frequentam e prestigiar as artes.

É muito claro que tudo o que é bom e belo merece ser preservado, prestigiado e desenvolvido. É por isso que devemos respeitar a natureza, bela obra de Deus; ter magníficas escolas, onde se deve aprender a apreciar as coisas certas, boas e bonitas, favorecer a ciência, demonstração inequívoca da inteligência humana e valorizar as artes, expressão maior do talento humano.

É sabido que se educa sobretudo pelo exemplo. Mais pelo que se é do que pelo que se diz, mais pelo que se vê do que pelo que se ouve. Assim, numa escola, deve-se praticar as coisas do bem: a beleza, a verdade, a tolerância, a compreensão. Pois é bem nisso que consiste a sabedoria de um educador.

Um câmpus atraente, bonito, agradável, bem ajardinado, com certeza, é um ambiente favorável a uma educação de qualidade. O estudante, o professor e o servidor precisam vir à sua escola com prazer e agrado. E o gestor precisa cuidar muito também do aspecto físico de sua instituição.

No passado, os mecenas das artes têm sido, principalmente, os papas. Assim, podemos admirar as maravilhas do Vaticano e de muitas igrejas. Depois, foi a vez dos reis e dos chefes políticos os que sustentaram músicos e artistas. Igualmente, podemos apreciar os museus e tantas belas obras de arte patrocinados pelos mandatários políticos daquela época.

Hoje em dia, porém, os papas e os poucos reis ainda existentes, fazem isso em escala bem menor. É, então, a vez das universidades assumirem esse papel. Gabriela Mistral, a grande educadora chilena, Prêmio Nobel de Literatura, que também passou pelo Brasil como embaixadora, convencida de que a arte nos educa e nos torna melhores como pessoas - nos "angeliza", como costumava dizer - afirma: "Nestes séculos, agora sem a Igreja e sem a Monarquia que patrocinem a arte, a Universidade assume esse patrocínio, esse mecenato".

Nesse monumento está impresso em pedra e bronze de maneira indelével, o pensamento de Plotino: "Não cesses de esculpir a tua própria estátua". Esta é uma recomendação que servia para quantos viviam no seu tempo, mas que também serve para todos os que frequentam o câmpus universitário da PUC no Prado Velho e frequentam outros ambientes de qualquer escola.

UMA CERIMÔNIA DE FORMATURA

Por CLEMENTE IVO JULIATTO

Quero dizer da minha alegria ao ser convidado pela Reitoria da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como patrono da cerimônia de formatura dos seus alunos e nessa condição, poder dirigir-lhes uma pequena mensagem. Ela foi relativa aos formandos do ano de 2015, mas aconteceu no início deste ano acadêmico de 2016.

Essa festa, tão importante na vida de tanta gente, também o foi para mim. Durante os longos anos em que trabalhei na instituição, tive a felicidade de vê-la crescer em todos os sentidos, principalmente a satisfação de ter assistido e contribuído para a sua elevação à condição de pontifícia. Tive também a oportunidade de ter participado de seu esforço para tornar-se um importante centro de educação e, de assim, figurar entre as principais universidades do país. Isso para mim é motivo de indizível alegria.

Por várias razões, enalteço este ato solene. Primeiro, por ser um momento de vitória para tantos estudantes que conseguiram concluir os seus cursos. Com certeza, isso não tem sido fácil, tanto assim que nem todos os estudantes o conseguiram. Vários ficaram pelo caminho. Quanto talento e esforço foram despendidos, para que os vencedores pudessem chegar a essa hora. Quantos momentos de lazer foram abdicados e, talvez, quantas noites mal dormidas, ou até passadas em claro!

Em segundo lugar, enalteço este ato por ser um marco que representa uma nova etapa na vida dos formandos. É hora de começar a trabalhar como profissionais formados. Não imaginem, porém, os

prezados formandos, que agora, chegou, finalmente, o tempo de abandonar os estudos e de fechar os livros! A profissão e o auto-aperfeiçoamento exigem que eles continuem estudando, e muito, se quiserem manter-se atualizados e progredir como profissionais e como pessoas.

Agora, como diplomados, eles pertencem a uma privilegiada minoria de brasileiros que possuem uma formação universitária. Estão de parabéns pela vitória! Sem dúvida, eles mereceram essa posição! No entanto, devem lembrar-se de que mais de 80% dos seus colegas brasileiros não possuem tal condição. Então, que façam algo também por eles.

Naquele ato solene encontravam-se também muitos pais, amigos e professores dos formandos. Fato bastante normal, por tratar-se de um momento de justo orgulho inclusive deles. Eles participaram da conquista e é justo que participem também da festa.

Uma tal cerimônia fez-me recordar também as formaturas por que passei. A de graduação, no curso de Matemática da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Lá, em presença de minha mãe, tive a oportunidade de encabeçar o juramento acadêmico dos formandos, juramento que me serviu de orientação para toda a vida profissional. Tal escolha foi uma recompensa por ter sido o estudante a conseguir a maior média durante o curso, entre todos os alunos da universidade. A formatura da PUCPR lembrou-me também outra formatura minha, a do doutorado em Administração Universitária, na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque. Posso dizer que ambas as formaturas me marcaram muito e para sempre.

Concordo e fico contente em ver que a PUCPR é uma universidade que está procurando, devagar, centralizar e organizar as formaturas dos seus estudantes. Uma razão muito simples para isso é porque tal momento importante, mais do que a ninguém, a

ela pertence. Na maioria das vezes, é o último encontro da escola com os seus estudantes. Na realidade, em linguagem direta, trata-se da última aula, naturalmente bem diferente das demais, mas legal e bastante festiva. Outra razão é devido aos custos crescentes das cerimônias de formatura que, dessa maneira, ficam poupados, pois muitos estudantes, cada vez mais numerosos, apresentam dificuldade em arcar com as despesas decorrentes.

Disse que esta cerimônia fez-me lembrar da minha formatura na Universidade de Columbia; por sinal, magnífica e inolvidável e também unificada e centralizada na instituição. Formamo-nos em mais de cinco mil estudantes: alunos de graduação junto com os de mestrado e de doutorado. Colamos grau no câmpus, em frente à nossa querida *Alma Mater*, uma bela e majestosa estátua representando uma veneranda matrona coroada de louros, tendo ao colo um livro aberto, símbolo do conhecimento e da sabedoria, que devíamos levar do que aprendemos na universidade. A Procissão Acadêmica que precedia a formatura, era formada pelos professores que trajavam suas becas, de variadas cores, oriundas das universidades onde se formaram. Tudo ao som maravilhoso da orquestra que tocava a majestosa música "Pompa e Circunstância", de Elgar, como aconteceu também na PUC. Isso em presença de mais de quarenta mil pessoas, algumas procedentes de países distantes, pátria de muitos formandos.

No dia seguinte, a solenidade era matéria obrigatória, até com direito à ilustração, no *The New York Times*, um dos principais jornais americanos.

Aquele maravilhoso evento também conferiu o título de Doutor *Honoris Causa* a algumas ilustres personalidades. Entre elas, tive o prazer de ver homenageado com tal título o meu querido professor de Filosofia Philip H. Phenix que, finalmente, após várias tentativas sem sucesso, conseguira se aposentar, porque os alunos

assim o permitiram, pois o estimavam tanto que o desejavam ativo na universidade.

Também, na mesma festa, idêntico título seria conferido a Desmond Tutu, Arcebispo Anglicano de Johannesburgo – negro - por sua incansável luta contra a descriminação racial. A sua cadeira, porém, encontrava-se vazia porque o Presidente da África do Sul, Pieter Botha, não permitiu a sua saída do país. Eram os tempos difíceis da política do *Aparteid*... Lembro-me bem das palavras do Reitor da Universidade, Michael Sovern, na ocasião, apontando para a cadeira onde o homenageado deveria estar sentado: "Essa cadeira vazia permanecerá vazia, até que o Arcebispo Tutu venha buscar o título que recebeu"! Lembro-me também, com muita emoção, dos aplausos da multidão dos ouvintes que se seguiram a tais palavras. Naquele momento, eu pensei com meus botões: "Se algum dia eu puder, eu entregarei a este homem notável esse mesmo título na minha universidade". Foi indizível a alegria que tive, como Reitor da universidade, quando, em 28 de outubro de 2011, consegui trazer Desmond Tutu a Curitiba para entregar-lhe esse mesmo título também na PUCPR.

Desejo, igualmente, agradecer aos responsáveis pela organização dessa festa o fato de terem colocado um pensamento que me é muito caro no livro-convite de formatura. Eu costumava dizer, e continuo a pensar da mesma maneira: no dia da formatura, os estudantes dessa universidade precisam receber dois diplomas: um primeiro, de competente profissional na área que escolheram para se formar, uma vez que não pode um ex-aluno dessa escola ser medíocre em nada do que pratica. Os formandos, entretanto, também devem receber outro diploma: o diploma de "gente boa". Este, de bom pai ou mãe de família, de cidadão honesto e de cumpridor de seus deveres, de profissional ético e de pessoa sensível aos apelos do bem. Em outras palavras, um diploma de gente que preste!

Afinal, de que precisamos para sermos bons, perguntava, a propósito, numa de suas cartas, escrita há aproximadamente dois mil anos, o filósofo latino Sêneca. E ele mesmo respondia: apenas querer! Tal pensamento faz-me lembrar do conselho deixado por Marco Aurélio: "Em tudo o que fizeres, faze-o com o propósito de ser pessoa de bem". E continuava o sábio imperador romano: "Que esse ideal presida a todas as tuas ações" (Meditações).

Não deve ser permitido a nenhum ex-aluno de uma universidade desonrá-la com qualquer tipo de incompetência, omissão ou mau comportamento. Com toda a certeza, não foi a agir assim que os mestres da escola lhe ensinaram.

Formulo novamente meus sinceros parabéns aos formandos da universidade, a seus pais, familiares e demais membros da comunidade, bem como aos professores, por mais essa vitória! Que Deus os acompanhe ao longo de suas vidas e os abençoe!

UMA LEMBRANÇA PRECIOSA DO LÍBANO

Por CLEMENTE IVO JULIATTO

As crianças são maravilhosas porque sempre estão de bem com a vida e olham para o futuro com otimismo. Elas merecem ser mais ouvidas porque demostram pureza e transparência e, em geral, pensam certo. Os escritos de muitas crianças comprovam isso. Elas ainda não foram contaminadas pelos males e distorções de nossa sociedade. Têm a capacidade e a facilidade de perceber que o mundo pode ficar bem melhor. O ruim pode ser mudado e o bom ser preservado e incrementado.

Sabemos que o mundo não nos pertence; foi apenas emprestado pelos cidadãos do futuro. Precisamos entregar o planeta e a sociedade aos pósteros em condições melhores do que os recebemos, pois estamos aqui apenas de passagem. Ainda é tempo de corrigir os erros e descuidos do passado e de construir um futuro melhor.

As crianças desejam um mundo onde possam estudar, um lar que respire amor. Querem um mundo de paz e de solidariedade, onde não haja guerras, onde as pessoas, mesmo diferentes, se respeitem e se ajudem; onde todos cuidem melhor da natureza e valorizem mais as belezas que possuímos. Elas têm direito a isso; são cidadãos como nós e o futuro lhes pertence!

Felizmente, somos capazes de melhorar-nos e de melhorar o planeta. Com Deus no coração e pensando nos outros que virão depois, tudo ficará mais fácil. A frase de Jesus é bem significativa: "Quem acolhe uma criança é a mim que acolhe" (Mc 9, 37).

Quero contar o que me aconteceu no Líbano, em março de 2015. Eu estava em Beirut participando de reunião da FIUC (Federação Internacional das Universidades Católicas), da qual era conselheiro. Durante uma folga, visitamos as ruínas de Biblos, uma cidade muito antiga. Foi impressionante ver 8000 anos de história: sumérios, fenícios, romanos, gregos e outros povos que por lá passaram. Ao sairmos, algo inesperado me tocou bastante.

A entrada dos visitantes ficava contígua à saída do campo de visitação. Nosso grupo, de umas 15 pessoas, acabara de sair. Havia umas 30 pessoas na fila de ingresso. Entre elas, algumas crianças; pareciam pertencer a um grupo de escoteiros.

De repente, uma menininha de aproximadamente 7 anos, possivelmente também do grupo, saiu da fila e veio correndo em minha direção. Entregou-me uma folha de papel onde estava desenhado um rosto sorrindo. O desenho muito simples, feito com pincel atômico, possivelmente era de sua autoria. Impressionou-me profundamente o seu sorriso alegre e o brilho dos seus olhos. Era algo realmente admirável! Depois de me entregar o papel, voltou correndo, satisfeita, para sua fila.

O acontecido me deixou pensativo. Confesso que não esperava por isso. Não perguntei o nome da menina, nem tirei uma foto com ela. Foi tudo muito inesperado... Assim, não tenho comprovante nenhum do episódio. Só guardo o desenho, que também não está assinado. Uma pena!...

Fiquei a imaginar o significado daquilo: o sorriso da menina, o brilho nos seus olhos, o desenho de um rosto sorridente, o por quê da entrega para mim... Concluí que as crianças são geniais porque veem o futuro com entusiasmo. E assim acontece no mundo inteiro, também no Líbano e no Oriente Médio tão provados!

Enquadrei e guardei com grande carinho o presente que recebi em Biblos e vou procurar apoiar mais as iniciativas de maior cooperação entre as pessoas.

CONSTITUIÇÃO DE 1946 - 70 ANOS

Por EDUARDO ROCHA VIRMOND

A Constituição de 1946

A solene proclamação dos constituintes, hoje, às 15 horas, no Palácio Tiradentes: "Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos sob a proteção de Deus em Assembléia Constituinte para organizar um regime democrático, decretamos e promulgamos a Constituição dos Estados Unidos do Brasil." * * * *

Folha Carioca

PROMULGADA A CONSTITUIÇÃO

A imponente cerimonia realizada no Palacio Tiradentes — Os signatarios da nova Carta Magna — A presença das altas autoridades — Continencias militares — Homenagens aos constituintes falecidos — Notas e impressões da reportagem de FOLHA CARIOCA — Falou á Nação o Presidente da República, sr. Eurico Gaspar Dutra

FINAL

DISCURSO DO PRESIDENTE DA CONSTITUINTE

GRANDE MAIORIA PARA O SR. NEREU RAMOS

"A liberdade é o conhecimento da necessidade"
Hegel,citado por Engels no "Anti-Dühring"

A Constituição do Brasil foi elaborada a partir de janeiro e promulgada em 18 de setembro de 1946, em nove meses, portanto. Foi feita com grandeza e amor, com plena dedicação dos então membros do Congresso Nacional, deputados e senadores da República. Vale a pena rememorar a palavra gasta **patriotismo,** que deixa de ser gasta quando, como é o caso, é autêntica, verdadeira.

Congressistas que votaram e subscreveram a Constituição de 1946:

Do Paraná, já vemos, passado tanto tempo, alguns nomes que justificam e enobrecem a excelência da representação : Senador Flávio Guimarães, Senador Roberto Glasser, Deputados José Munhoz de Mello, Lauro Lopes, Gomy Junior, Fernando Flores, Bento Munhoz da Rocha Neto, Exemplarmente de outros Estados, Nereu Ramos, Cristiano Machado, Mello Viana, Gustavo Capanema, Brochado da Rocha, Eloi Rocha, Agamenon Guimarães, Samuel Duarte,Gofredo Telles, Aliomar Baleeiro, Gabriel Passos, João Agripino, Juraci Magalhães, João Agripino , Gilberto Freire, Café Filho, Jorge Amado, Hermes Lima, para selecionar esses nomes que até hoje engrandecem a nossa história. Se tivéssemos hoje uma representação como essa, o Brasil poderia ser, como antes o foi, orgulho maior de todos nós. Oxalá possa voltar a ser.

Estávamos tomados por um fervor brasileiro, encantados com esse novo mundo que estava se descortinando, acabada a guerra que derrotou o nazi-fascismo, liquidada a ditadura de Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945, realizadas as eleições gerais no Brasil. Acompanhávamos o desenrolar das discussões do Congresso Nacional através do rádio e dos jornais que reproduziam as expressões e os debates da Constituinte, aguardávamos os resultados, que afinal vieram no dia 18 de setembro de 1946, cuja excelência se constata nos termos realistas e democráticos da Carta Magna, que correspondeu às expectativas de todos nós brasileiros, que vibrávamos com o resultado. O Brasil recomeçava a sua verdadeira vocação de liberdade, com a intensidade que poucas vezes desfrutara. Eram as nossas esperanças de jovens que assistíamos o fulgor de uma Europa em reconstrução, ao reviver seus esplendores – só ofuscados agora, setenta anos depois, pelos recentes dramas e tragédias que nos assustam dia a dia, em reflexos das violências e dos desesperos de outros povos, vítimas de aberrantes crueldades, que se acreditava não poder mais existir.

Vários autores escreveram livros sobre essa Constituição, entre os quais Carlos Maximiliano, Themistocles Brandão Cavalcanti, Pontes de Miranda, ainda outros. Não é o caso de rever agora esses trabalhos, com exceção de Pontes de Miranda, em uma introdução que se refere muito mais a atitude que deverá ser adotada para interpretar qualquer lei, e mesmo qualquer literatura. Assim disse o grande mestre (por sinal, o autor da maior e mais extensa obra jurídica do Brasil):

> "Fez-se cânon da Crítica moderna ser-lhe indispensável a simpatia. Interpretar lei não é só criticá-la, - é inserir-se nela, e fazê-la viver. A exigência, portanto, cresce de ponto, em se tratando de Constituição. Com a antipatia não se interpreta, - ataca-se, porque interpretar é pôr-se do lado do que se

> interpreta, numa intimidade maior do que permite qualquer anteposição, qualquer contraste, por mais consentinte, mais simpático, que seja, do intérprete e do texto.Portanto, a própria simpatia não basta..." etc.("Coment.", Vol. 1, Prefácio).

É difícil ser original para comentar a Constituição de 46. Será melhor, até obrigatório, reproduzir o contundente discurso de instalação da derradeira sessão do Congresso Nacional, feito pelo então Presidente da Assembléia Constituinte, traduzindo a emoção que atingia senadores e deputados, e nós, o povo naturalmente ("we, the people...", como na abertura da Constituição Americana, 1786 – 230 anos! e é a mesma vigente agora, com suas emendas espetaculares). Todos presentes naquele dia 18 de setembro de 1946, que estavam lá para assinar a nova Constituição e comemorar a democracia, desse momento em diante em sua plenitude, acabada de se instaurar para o presente e para o futuro da nacionalidade. Assim disse o Presidente Fernando de Mello Vianna:

> O SR. PRESIDENTE – Senhores Representantes, quando todas as esperanças da nação, todos seus anseios democráticos se voltam para este recinto augusto, rejubilamo-nos pelo remate de nosso trabalho árduo, conscientes de haver propiciado ao povo brasileiro um código político sem desnível de sua cultura.
>
> Emergimos de um regime ditatorial sombrio, em que as garantias individuais foram canceladas, superpondo-se o arbítrio onipoderoso ao direito e à justiça (Palmas prolongadas).
>
> Tranquilizavam-se as consciências pelo desvalor das decisões judiciárias, transfiguradas em meras deliberações administrativas, flutuando ao sabor de terceiros, e em nome de pseudo alto interesse coletivo, o Tribunal Excelso perdera, por

vezes a autoridade confortante sob a qual vivíamos, outrora, amparados forte e confiantemente.

Nesse caos de insegurança, enervada por uma apreensão constante, quase desiludida nas noções multisseculares do resguardo aos direitos adquiridos, de disciplina da força material pelas energias morais, a alma nacional se agitava, como o dorso das ondas e iniciava a reação. Se o espírito individual tem existência efêmera, a alma coletiva do povo é eterna e afronta destemerosa a própria morte, porque não se criara em um só dia, mas se caldeara através largas estratificações do tempo, destarte formando um Brasil forte, pátria de um povo livre, habituado a lutar pela sua independência, pelo reconhecimento de seus direitos e aspirações.

A resistência corajosa levantou fronteiras eficazes e a redenção incruenta raiara a 29 de outubro (palmas prolongadas).

Eis o remate desse esforço ingente, deste espírito renovador.

E, se a construção jurídica de 1946 não pretende a perfeição, é permeada de largo sopro, de socialização e humanismo, que agita a civilização contemporânea, em justa equilíbrio.

É urna obra democrática, traçada dentro das lindes da civilização cristã, que faz a felicidade de nossa gente, abnegada e pacífica!

Basta, Senhores!

É legítima a impaciência pela fórmula que passo a pronunciar, instilando em nosso nome e por nossa autoridade, vida e eficácia aos preceitos materiais:

Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos, sob a proteção de Deus, em Assembléia Constituinte para organizar

um regime democrático, decretamos e promulgamos a Constituição dos Estados Unidos do Brasil.

(Ouve-se o Hino Nacional, tocado pela Orquestra Sinfônica Brasileira).

***

Poder-se-á imaginar, após esses anos sombrios, que começaram antes de 1930, a tremenda emoção que tomou conta dos brasileiros participantes, que se revela por esse magnífico discurso, contemporâneo da assinatura por todos os deputados e senadores da República, naquela tocante cerimônia, que viria a modificar a vida do País.

Em seu mérito, fácil é verificar que essa Constituição foi a mais democrática e profunda em sua estrutura, que qualquer outra.

A primeira Constituição Republicana foi aprovada em 1891, praticamente elaborada por Ruy Barbosa. É um trabalho magnífico, que veio a substituir a Constituição do Império, criada em 1824 por Don Pedro Primeiro, por sua vez nada má, muito inteligente e surpreendente, por ironia da história, a que mais tempo durou. Depois da Constituição de 1891 chamada da República houve outras tentativas, de que sobressai a de 1934, que não é má, porém teve vida efêmera, pelo advento da Constituição de 1937, denominada "Polaca", que consagrou a ditadura de Getúlio Vargas, que durou na verdade até 29 de outubro de 1945, com a queda de Getúlio. Só foram respeitadas até setembro de 46 as condições de estrutura do País, enquanto foram instituídas as aspirações democráticas, exigidas pelo momento que percorria o mundo com o final da guerra, convocadas as eleições para 2 de dezembro de 1945, estabelecido o novo Congresso pela eleição de senadores e deputados.

Estes fizeram a Constituição de 46, que não houve nada de melhor, embora Castelo Branco fizesse a de 67, logo substituída

pela denominada Emenda n. 1, da funesta ditadura que se instalou em dezembro de 1969 pelo Governo militar, que consagrou o terrível Ato Institucional n. 5, só revogado pelo Presidente Ernesto Geisel em novembro de 1978, antes de ter entregue o Governo ao Presidente Figueiredo, substituído por José Sarney, que durou cinco anos, a pretexto de se aguardar a discussão da Constituição que veio a ser promulgada em 1988, eleito em seguida Fernando Collor Presidente, que veio outra vez a propiciar uma comoção nacional . É a Constituição que vige atualmente, uma colcha de retalhos, que configurou a existência de perto de cem emendas substitutivas.

A Constituição de 46 permanece como exemplo, pela qualidade de sua elaboração, pela sabedoria dos congressistas de então, o que dificilmente se repetirá, pois não se sabe o que acontecerá com os desastres nacionais, a incompetência, a corrupção, o desânimo generalizado.

Pelo menos, estão sendo respeitados, no que é possível, os direitos fundamentais do homem, que foram ratificados pelo Brasil, instituídos no ano de 1948, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas tinha sido presidida pelo Brasil, na pessoa do notável Oswaldo Aranha. Os direitos denominados ''humanos'' e os ''sociais'' foram descritos ''ex abundancia'' na Constituição de 1988, ora em vigor, com título outorgado por Ulysses Guimarães de ''Constituição Cidadã''.

O que se sabe é que a atual Constituição sofre, entre outras coisas, de excesso de declaração de intenções – o que tornou esta Carta Magna tão extensa. Mas todos estão invocando a necessidade de ser sempre respeitada. E o é, quando não negada, ou quando desprezada pelo Executivo.

Agora o Brasil está vivendo momento extraordinariamente dramático, algumas vezes trágico, aguçado infelizmente por autoridades, que perderam o poder real, pela confluência de arrogância

e incompetência. A **liberdade** é a questão mais importante, liberdade de pensamento, de expressão, do ir e vir, liberdade de imprensa. Não é a Constituição, ou a não-constituição que resolverá este presente, esta atualidade. Resta a nós, cidadãos preocupados e participantes, o ditado popular:

''O futuro agora a Deus pertence''.

A LITERATURA DA CIDADE DE NUVENS DE TODAS AS CORES

Por NILSON MONTEIRO

Na cidade jovem, buliçosa, desafiadora, prenhe e multiplicadora de ideias e dúvidas do final dos anos 60, nos juntamos, quase meninos, também espevitados, alguns já escolados em literatura de grosso calibre, outros curiosos, todos contrários à noite política que teimava em se consolidar, para ver onde o buraco ia dar não só lá, mas em todo o país.

Londrina era libertária, diziam e faziam. Seu território estendia-se onde a crosta terrestre, há milhões de anos, meio às suas rachaduras, despejou uma massa quente, feito creme, que, esfriando, virou um imenso lençol de rocha roxa estendido.

Londrina, cultivada nesta tira de terra vulcânica, uma das mais férteis do planeta, tinha mania de produzir não só café, mas pessoas propensas a criar. E a brigar.

E não era de então: havia um passado próximo, sindical, de conflitos, de mudanças, de manifestações diversificadas, que fomentara expressões artísticas diversas e alguma literatura antes de nos topar nos anos 1960, reunidos na sede da União Londrinense dos Estudantes Secundários para participar de grupos de teatro e imprensa.

Na mesma faixa de idade e criação estavam Roldão Arruda, Marcelo Oikawa, Paulo Nassar, Carlos Verçosa, entre outros, além de um barbudinho meio metido a guru, dois anos mais velho do que nós, Domingos Pelegrini.

A panelinha era política, mas disfarçada de artística. E fervia todo tipo de arte, inclusive a de moleques que enchiam a cara e falavam poemas para as águas do lago Igapó ou planejavam roubar alimentos estocados nos domínios dos mormons para fazer a revolução. Não conseguimos nem os alimentos e muito menos a revolução.

Na ULES, os meninos e meninas, Célia Regina de Souza e Cleusa Antônia Venâncio, entre elas, criaram grupos de teatro e jograis, de estudos e prática de literatura, organizaram palestras e debates sobre os temas latentes da época e um curso de jornalismo que revelaria os primeiros profissionais de uma geração que viria se destacar nesta seara.

A cidade cresceu e apareceu.

Virou dínamo da economia regional, usina de lideranças políticas e ninho de manifestações artísticas. Na universidade, desde o início dos anos 1970, o tal quinteto, com outros adicionados, muitos já engatinhando no jornalismo, nos mantivemos juntos, catando e discutindo letrinhas literárias.

Não éramos uma ilha meio à agitação da cidade. Éramos parte, grudados no seu corpo. Paulo Leminski, radicado no Pilarzinho, Curitiba, e emitindo sinais de farol literário para o mundo, destacava, em artigos para o curitibano *Correio de Notícias*, em 1985, a ausência de provincianismo em Londrina. "Me custa a admitir, mas Londrina está à nossa frente em termos culturais".

A cidade, ele provocava, era a vanguarda paranaense no jornalismo, literatura, teatro, artes plásticas, música, borbulhava de criatividade. E citava nomes e sobrenomes.

Nomes, se quiserem algum elenco, pipocavam em todas as áreas, quase sempre caminhando e cantando juntas, em casamento e ruptura artística de fazer gosto.

O capital político institucional era forte e se revelaria nos anos 70/80, com Hosken de Novaes, José Richa, Alvaro Dias, Leite Chaves, Hélio Duque, entre tantos outros. O capital político clandestino, idem.

No teatro, Nitis Jacon de Araujo Moreira, Mário Bortolotto, Denise Assunção, Apolo Teodoro... Nas artes plásticas, Letícia Faria, Kambé, José Antônio, Lúcio Jeolás... No cinema, Paulinho Barnabé, Carlos Eduardo Lourenço Jorge... Na música, Marinósio Filho, Arrigo Barnabé, Itamar Assunção, Robinson Borba, Neusa Pinheiro, Marcus Ribeva, Patife's Band...

No jornalismo, uma penca que ia de Délio César, Walmor Macarini, Edilson Leal, Pedro Scucuglia, Joana Lopes, Jota Oliveira e Leonardo Santos, uma porção considerável e mais experiente de escribas, aos novos, que escreviam o trivial e seguiam os rituais da profissão, mas sobretudo abominavam o corriqueiro. Na fotografia, Daniel Martinon, Chico Rezende, Kaximbo e Xuxulin, entre outros, faziam arte atrás das lentes. Na TV, rádio e publicidade se dava o mesmo fenômeno.

Fora esses nomes, havia pessoas de grande competência na área acadêmica, especialmente em cursos como Medicina, Direito, Filosofia etc. Essas figuras, algumas carimbadas e outras clandestinas, comiam na mesma panela. E especialmente bebiam no mesmo copo, em maior ou menor intensidade. A literatura, óbvio, era parte dos ingredientes. E assunto nas mesas, em algumas delas inevitável.

A teoria indicava a colonização inglesa no Norte do Paraná, às avessas da sesmaria portuguesa e com maior partilha de terra e de informações, e a cidade, ainda adolescente, com pouco mais de trinta anos e um passado político significativo em suas reivindicações e propostas, como culpada por esse borbulhar, ao contrário de outras regiões do estado, mais consolidadas e acomodadas em seus fazeres e afazeres inclusive artísticos.

Havia também o cordão umbilical econômico e cultural londrinense com São Paulo, tanto da capital como do interior, de cujas regiões vieram muitos colonizadores do Norte do Paraná. Além dele, o DNA de 32 etnias presentes nas células que criam Londrina. Tudo isso se revelava no caldo cultural da cidade de sempre e especialmente dos loucos anos 1970.

Na literatura londrinense, que já tinha nomes e práticas antecedentes, como os de Mário Romagnolli, José Joffily e Cássio Leite Machado, um detalhe não pode passar desapercebido: os concursos e festivais, estimulados a partir dos anos 1970.

Tanto os organizados pela ULES, por colégios e pela universidade, quanto aquele que, para nós, nos juntou ainda mais. Aliás, mais precisamente espremidos dentro de um fusca que fazia, ao som de músicas de protesto e goles de conhaque, os 160 quilômetros de Londrina a Paranavai.

O Festival de Música e Poesia de Paranavai foi marcante para aquele pequeno bando. Em 1971, os três primeiros colocados em poesia estavam dentro do fusca londrinense: Domingos Pellegrini, Nilson Monteiro e Marcelo Oikawa. Entre os declamadores, Roldão Arruda, que também estava no fusca, ganhou prêmios seguidos. Não sei quanto ganhamos em dinheiro (havia prêmio em espécie), mas sei que guardo aquele primeiro troféu do Femup até hoje.

Participamos de mais algumas edições do festival e em 1977 conheci uma pessoa, Dorival Torrente, que, ao declamar, de forma espetacular, um poema de minha autoria, "Forinha", quase fez o Cine Ouro Branco vir abaixo e fez crescer minha admiração por aquele festival e pelo fazer literário. A amizade e o festival, assim como a admiração pelo tear literário, duram até hoje.

Em Londrina, vários festivais tinham vida. Na área literária ou fora dela. Inclusive, no mais conhecido deles, Festival Internacional de

Teatro, criado no final dos anos 60 pelo jornalista Délio César e realizado até hoje. E não raro muitos de nós estávamos metidos nele(s).

Além ou aquém dos festivais, a geração mimeógrafo se revelava intensa e eficientemente em nosso bando, com a circulação de poesias, contos, crônicas etc. em dezenas de publicações artesanais distribuídas nas escolas, na universidade, nas praças, em eventos diversificados. Não escolhíamos plateia.

O jornalismo, enquanto isto, virou profissão, prática e maior conhecimento de literatura para vários: Pellegrini, Roldão, Marcelo, Carlos Verçosa e eu, no mínimo. Em 1971, participamos da maior inovação em termos de imprensa até àquela época na cidade, o *Novo Jornal*.

A partir de 1972, Pellegrini começou a editar a página *Rascunho*, publicada pela *Folha de Londrina*, em cujo espaço gravitávamos, com a produção de poesias, contos, ensaios, críticas, ilustrações etc. Depois, nos anos seguintes, a página passou por minhas mãos e, ao virar *Leitura,* pelas dos poetas Nelson Capucho e Ademir Assunção.

Em 1975, quando de nossa ida da *Folha de Londrina* para o jornal *Panorama*, mais uma louca e deliciosa aventura de Londrina, bancada pelo ex-governador e empresário Paulo Pimentel, conheci na Redação, nos botecos e madrugadas abafadas um maldito da noite e das letrinhas, ele próprio uma aventura generosa e criativa: João Antonio. Vários de nós tiveram o privilégio de partilhar do seu deboche pessoal, de seu jornalismo criativo e de sua literatura naquela época já famosa pelo país afora.

No mesmo jornal, além de trabalhar na reportagem, editei a página *Bau*, dedicada à literatura. Virei carne e unha com um ótimo artista gráfico, Jotinha, mais um pé-vermelho que brilhara em São Paulo e desembarcara no ambiente criativo do *Panorama*. Veio do Rio

de Janeiro mais ou menos no mesmo tempo outro artista gráfico de traços novos e instigantes, Nelson Bravus.

No jornalismo universitário, espelho de nossa intensa atuação nos diretórios estudantis, assim como no jornalismo profissional, a literatura também tinha presença notória. Foi assim com nos jornais *Ensaio, Terra Roxa* e no *Poeira,* o mais famoso deles, conhecido nacionalmente.

A cidade de nuvens vermelhas, como cantou Arrigo Barnabé, tinha nuvens de todas as cores. Essa diversidade tonificava os setores de criação de forma intensa. E garantia o sustento de donos de bares em todos os quadrantes da cidade. Essa diversidade transitava multicolorida no jornalismo – tanto profissional quanto estudantil – e na literatura.

Era preciso não se dispersar, fora ou dentro dos jornais. Três de nós – Pellegrini, eu o Nassar – fizemos parte, junto aos curitibanos Reinoldo Atem, Raimundo Caruso e Hamilton Faria e aos paulistanos Arnaldo Xavier, Aristides Klafke e Ronivalter Jatobá, entre outros, da criação da Editora Cooperativa dos Escritores. Participamos também da Cooperativa de Jornalistas, sediada em Londrina, onde o mercado profissional começava a sintomas de anemia no final dos anos 1970.

Enquanto isso, produto de todo esse caldeirão coletivo e de experiências pessoais, manifestações artísticas, especialmente as experiências cênicas-musicais como de "Rabo de Peixe", "Tubarões Voadores" e "Na Boca do Bode", à literatura, multiplicavam-se. A literatura continuava fervendo em nossas veias.

Enquanto Domingos Pellegrini se tornava um nome nacional, com algumas publicações como o antológico "Terra Vermelha" e o ótimo "O encalhe dos 300", criávamos movimentos reveladores, como o "Mural de Poesias" e "Panelinha de Poetas". As ligações com

escritores das fronteiras regionais próximas foram se avolumando e se estreitando. Entre os que habitam a minha memória: Miguel Sanches Neto, em Peabiru, Marco Cremasco, em Guaraci, Rubens Sossela, em Paranavai, Lourivaldo Baçan, em Uraí, Jair Ferreira dos Santos, em Cornélio Procópio, entre outros, assim como em paragens mais distantes. Nomes foram brotando nas ruas e botecos londrinenses, com a receptividade que mereciam, como Ademir Assunção, Nelson Capucho, Maria Leopoldina Rezende, Bernardo Pellegrini, Karen Debértolis e Lourival Pontidura, entre outros.

O moinho do tempo literário, longe de parar, continuou a gerar gente de ótima linhagem na cidade: Rodrigo Garcia Lopes, Paulo Briguet, José Antonio Pedriali, Maurício Arruda Mendonça, Marco Antônio Fabiani, Célia Musilli, Marcos Losnak, Joel Gehlen, Benvinda Palma, a cada dia uma surpresa ou consolidação de um criador literário de alguma ou de extrema qualidade. Alguns já são cantados em prosa e verso pela crítica literária.

Os meninos nascidos e criados naquela *belle* e rebelde época publicaram e continuam publicando aqui e ali, romances, crônicas, poesias etc.: Pellegrini escreveu dezenas de livros e é recordista de prêmios Jabuti no estado - seis; Roldão Arruda, "Dias de Ira"; Carlos Verçosa, "Oku"; Nilson Monteiro, "Mugido de Trem", e Marcelo Oikawa, "A guerrilha de Porecatu".

Os que vieram logo ou bem depois escrevem e vão escrever sua *belle* e maravilhosa história com as letras lúdicas da literatura de todas as cores. É ler e conferir.

DIZERES CONTIDOS SOBRE UMBERTO ECO

Por MARTA MORAIS DA COSTA

O falecimento em 19 de fevereiro deste ano do escritor polígrafo italiano Umberto Eco (1932-2016) originou reportagens, resenhas biográficas e homenagens em inúmeros órgãos de imprensa do mundo. Sua fama deveu-se em parte por sua militância literária, pela tradução de seus livros em mais de 45 línguas e, acima de tudo, pela difusão de seu romance *"O nome da rosa"* no formato de filme, dirigido por Jean-Jacques Annaud.

Em março deste 2016, a Universidade de Bolonha, a mais antiga do mundo, iria dedicar a abertura do ano letivo à sua obra. No entanto, em uma declaração da viúva do escritor, foi revelado o desejo explícito de Umberto Eco de não receber homenagens pelo período dos próximos dez anos. A razão? Evitar reflexões e análises precipitadas e contaminadas pela emoção da perda e privilegiar uma avaliação de longo prazo. A próxima década trará a inevitável decantação de suas ideias e de sua contribuição para o mundo da ciência e da literatura, segundo é possível inferir de seu pedido.

Portanto, este texto já nasce sob a marca do não, da quebra de um desejo. É este mesmo espírito de denegação que autoriza e contribui para justificar a posição de Umberto Eco na cultura do século XX. Ao longo de seu legado para o pensamento e a literatura por meio de obras marcantes, o olhar analítico para alguns dos títulos reconhece de imediato um espírito de contestação à maré conformista, à compreensão institucionalizada, aos saberes compartimentados.

Entre esses títulos, ressalto o inaugural *Obra aberta* (1962), marco divisório para a compreensão da cultura contemporânea, ao colocar a tríade texto-autor-leitor sob a perspectiva de negociações que implicam a negação de padrões conservadores. A obra abre-se, por sua própria concepção inovadora, aos leitores parceiros, produzindo interpretações que se multiplicam e se prismatizam. Tal concepção ajusta-se ao tempo histórico da cultura ocidental em que a indeterminação de gêneros textuais, a fusão de diferentes linguagens artísticas e a arte como ruptura estavam a exigir uma teoria adequada. Propõe uma postura crítica afinada com as teorias da relatividade, a física quântica, a fenomenologia e a descontrução de Derrida, que, por sua vez, explodiam à força de estilhaços a regrada visão cultural e traziam a contribuição fundamental da semiologia, tendência crítica que teve em Umberto Eco um de seus expoentes. Subjacente ao título, sobrevive a negação da obra fechada, enquadrada, de interpretação restrita.

As obras se sucediam e sempre com espírito de contradição ou de negação, como *Apocalípticos e integrados* (1964), *A estrutura ausente* (1968), *Viagem na irrealidade cotidiana* (1983), *Interpretação e superinterp*retação (1992) *Entre a mentira e a ironia* (1998), *Em que creem os que não creem?* (1999), *História da beleza (2004) e História da feiúra (2007*), _não contem com o fim do livro (2010). São apenas alguns dos livros que sua insaciável curiosidade histórico-científica e seu talento de escritor espalharam mundo afora.

Em *Os limites da interpretação* (1990), Eco apresenta como caráter estrutural de qualquer texto uma combinatória de três intenções – identificadas em latim: *"intentio auctoris, intentio operis, intentio lectoris"*. Essa perspectiva considera a fluidez e a inapreensibilidade do termo "intenção", abrindo a possibilidade de intervenções críticas abertas, plurais, naturalmente amplificadas. Esta abertura não significa uma versão vale-tudo na interpretação dos leitores. Por isso propõe o conceito de leitor modelo, isto é, um leitor concebido pelas

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS N.º 66 CURITIBA 2016

possibilidades reais e textualmente justificáveis. Essa atividade leitora exige, portanto, a obrigatória coerência das escolhas interpretativas, estabelecendo com esse objetivo alguns limites.

Esse pensamento não impede que se abram campos para aventuras exegéticas. O leitor ganha destaque - não mais subordinado ao querer/poder do autor -, mas empoderado enquanto sujeito de suas posições semântico-interpretativas, sem cair, porém, no relativismo. A atenção conferida ao leitor ocorre ao tempo em que, vinda da Alemanha e influenciando França, Canadá e Estados Unidos os estudos sobre o ato de ler, que irão compor as Estéticas da Recepção. Dessa postura resultam que as universidades criam disciplinas e áreas de pesquisa a contemplar modos de ler, a história do livro e da leitura, o letramento e as múltiplas linguagens que formam a rede de comunicação da atualidade.

A importância do livro e da leitura já estruturava seu primeiro romance, *O nome da Rosa* (1980), em que a razão do conflito policialesco desenvolvido pelo enredo e solucionado pelo erudito frei Guilherme de Baskerville é o volume desaparecido que tem como assunto a comédia, escrito por Aristóteles. A leitura proibida é motivo dos assassinatos e da função detetivesca do medievo Sherlock Holmes, intertextualmente referido no próprio sobrenome do protagonista.

Não bastasse o denso conjunto de obras teóricas em que as linguagens, a interpretação e a figura do leitor ocupam o proscênio das discussões, outro romance de Umberto Eco, *A misteriosa chama da rainha Loana* (2004) narra a história retrospectiva do leitor Giambattista Bodoni – em muitos aspectos o *alter ego* do autor. Giambattista, cujo apelido é Yambo, é um vendedor de livros antigos e raros que perde a memória afetiva e vai reencontrá-la aos poucos no acervo de cartazes, gibis, literatura infantil e adulta, revistas, cadernos escolares e outros materiais guardados no sótão da

casa da família. O reencontro é com o passado leitor, simultaneamente com a história, a geografia, a cultura, a filosofia e outros conhecimentos depositados no material escrito e impresso que construiu sua infância. É um maravilhoso livro intertextual, ilustrado, multilinguístico e uma ode à leitura como salvação da memória e dos afetos.

Entre os textos mais recentes, saliento a longa e densa conversa entre dois bibliômanos: Umberto Eco e Jean-Claude Carrière. A obra – *não contem com o fim do livro* (2009) constitui uma espécie de manifesto amoroso em favor do livro impresso. O título original é um bocado mais contundente do que sua tradução ao português: *N'espérez pas vous débarrasser des livres*. Em português, o título parece indicar um discussão a respeito do falso embate entre livros e textos digitais (referência que vem marcada pelo uso do travessão em *_não contem)*. A leitura do volume demonstra que a riqueza dos argumentos extrapola esse pretenso conflito. É muito mais a negação do abandono e do desembaraçar-se de volumosos e pesados objetos de papel. Nas palavras dos dois eruditos, o que o leitor confirma é o extremado amor à tradição e às marcas culturais e históricas gravadas no *design* dessa máquina extraordinária de comunicação entre tempos, pensamentos e pessoas, eternizada nas letras e páginas. Entretanto, não é um amor cego e delirante. Ao contrário, é o amor resistente às perdas, à ignorância, às fraudes, ao tempo sem marcas, ao colecionismo fútil e interesseiro. Aspectos negativos e situações vergonhosas também são relatadas e, em seu contraponto, acabam por reforçar a possível e idealizada eternização do livro.

A erudição de Umberto Eco o levou para áreas diversas da cultura. Seu interesse por cinema, fotografia, artes plásticas, história, filosofia e línguas transparece nos títulos de sua produção bibliográfica. Um dos melhores exemplos é a dupla de volumes *História da beleza (2004) e História da feiúra (2007*). Em belos livros ilustrados, é um panorama da arte ocidental comprovado por riquíssimo acervo

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS N.º 66 CURITIBA 2016

visual. Surpreendente é o volume destinado à representação do feio, revelando imagens oriundas das artes plásticas, da escultura, do cinema, dos quadrinhos para ilustrar padrões de feiúra (e, consequentemente, de anti-beleza) com indeléveis marcas histórico-culturais. Seguindo o espírito de negação, é volume em que predomina o avesso e, muitas vezes, a oculta e censurada manifestação do lado escuro de nossa civilização.

Ousando contrariar a última vontade de Umberto Eco estas poucas linhas afirmam a importância de uma obra plural, sem fronteiras, que ajudou a formar (e formatar) a cultura do tempo em que vivemos.

Espero poder reafirmar o que hoje aqui deixo gravado nas futuras análises da próxima década: *_não contem com o fim* da leitura das palavras de Umberto Eco. Pêndulos, rosas e signos continuam longe de cemitérios.

O LAMENTO DO PINHERAL
UMA LENDA PARANAENSE

Por IRIS BIGARELLA

Há muito tempo, havia uma enorme e bela construção bem nas lonjuras do interior do sul da terra Brasil. Perdida e solitária, ficava no meio dos infindáveis campos pontilhados de pinheirais, florestas belíssimas sobreviventes de muitos milhões de anos passados e formadas por araucárias. Denso aglomerado de árvores esguias, soberbas e altíssimas, com copa em forma de taça silenciosa.

Aquela faustosa construção pertencia a Doña Urraca Penedo de Villanueva y Hermós, fidalga vinda do reino de Espanha com lacaios, móveis, pinturas e estátuas, tapetes e cortinas e que mais se possa imaginar de insólitos pertences decorativos. O marido de doña Urraca se ausentava longamente em aventuras de conquistas para o reino semeando amantes e filhos por onde passava.

Mas, ela, Doña Urraca, não tinha filhos e seu desgosto e sua raiva explodiam em tremendos acessos de fúria. Nunca aprendeu a falar português, que ela desprezava, como desprezava os sofridos serviçais brasileiros e os tropeiros que por ali passavam. Esbravejava e cuspia por onde passava e ameaçava com sua bela bengala decorada na cara de quem quer que falasse com ela. Só uma empregada lhe caíra nas graças, viúva diligente, prestativa e esperta; uma jovem moreninha mãe de dois filhos espertos como ela.

Decorriam os meses e os anos e na vasta propriedade - tão vasta que na Espanha seria todo um condado – multiplicavam-se as extravagâncias. Um dos maiores luxos eram os enormes viveiros de pássaros exóticos cheios

de lindos exemplares coloridos de todas as partes do mundo e que custavam fortunas em transportes, alimentação, abrigos e cuidados especiais já que o clima nessas paragens era totalmente inadequado.

Enorme número de serviçais trabalhava constante e penosamente sob chicotadas e berros dos feitores.

Aconteceu então, num belíssimo entardecer de inverno, um fato trágico.

Os dois moleques mestiços, filhos da viúva, ágeis, vivos e grandes preguiçosos, fecharam mal uma das imponentes gaiolas de pássaros raros e grande quantidade de belas aves se esvaiu para os campos em redor. Lindos, coloridos e soltos voejaram felizes pelo azuíssimo céu hibernal, longe e irrecuperavelmente!

Nada podia se fazer, nada ajudaria, ninguém podia conter a ira da agora velha fidalga que esbravejava furiosa por todos os aposentos da faustosa residência. Benzedeiras e cantadores foram contratados, velas acesas e invocados todos os santos de além e aquém mar.

Era inverno, o inverno gelado daquelas paragens longínquas que se cobriam de belíssimos lençóis de gelo tão constantes que não degelavam durante o dia.

Então a Doña Urraca Penedo de Villanueva y Hermós postou-se na frente dos dois moleques, imune à dor da mãe e ao pavor dos pequenos e berrou com sua voz sibilante de velha trêmula que se fossem os dois noite adentro, descalços que estavam, quase sem roupa, e procurassem os pássaros, procurassem por todos os campos e todas as florestas e todos os míseros casebres. Não voltassem sem eles, jamais!

Assim foi. Com os pesinhos roxos e duros saíram correndo, correndo desesperados.

Nunca mais ninguém os viu, nem os ossos nem as pobres roupas.

De então em diante tudo decaiu e foi acabando na faustosa propriedade, morrendo os bichos, secando as plantações, ruindo os móveis e as paredes e as cercas. As casas dos serviçais foram abandonadas.

Mas ainda agora, passados séculos e devastados impiedosamente quase todos os magníficos pinheirais, acontece um fato estranho.

Em certas tardes de inverno, quando o céu está claro e belo e azuíssimo como cobalto, os viandantes escutam.

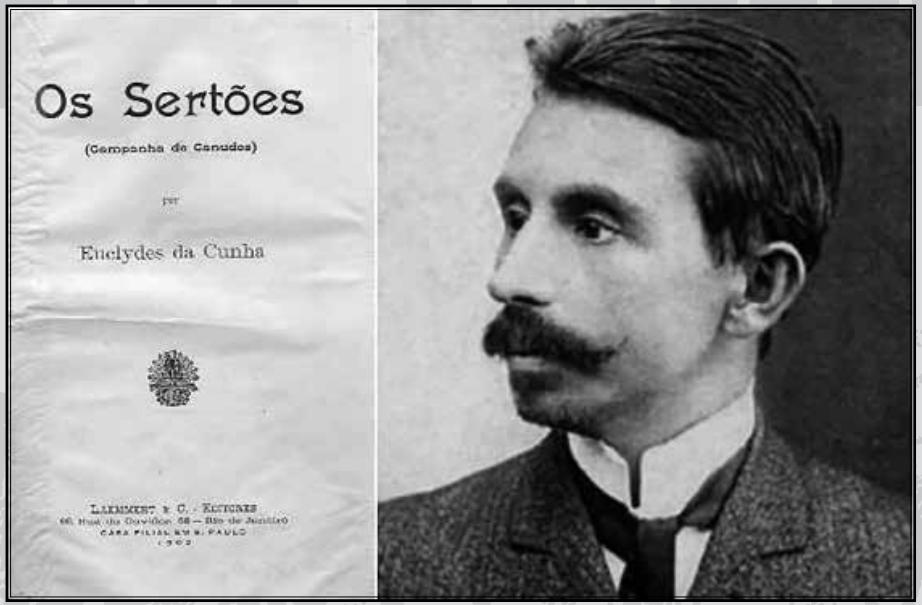
Escutam.

Escutam ao passar por uma determinada floresta que ainda sobrevive na orla, um canto, uma espécie de canto. É um lamento, horrível de se ouvir, longo e triste que ecoa em ondas pelos campos, pelos vales e pelas plantações em redor.

Mas às vezes... Às vazes é um som doce e terno, muito sutil, que se desdobra em melodias de acalanto infantil tão maravilhosos que os próprios passarinhos se quedam e os insetos param de zunir e o vento de soprar.

Dizem que são os cantos da mãe dos moleques que nunca mais pode cantar para eles e às vezes chora e às vezes canta. E os viandantes escutam e choram, também eles, de tristeza e ternura.

OS euclides da cunha sertões



BRASIL PROFUNDO / *MÚLTIPLO*

Por EDUARDO ROCHA VIRMOND

"A linguagem é a casa do ser"
Heidegger - Sobre o Humanismo

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte" (Euclides da Cunha).

"O diabo na rua, no meio do redemoinho...(...) Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos...O sertão está em toda parte" (João Guimarães Rosa).

E se amoldará ao que escreveu Martin Heidegger, em continuidade à epígrafe?

A resposta é sim, muito afirmativa. Acrescentou Heidegger, filósofo alemão, tão diferente, em tudo, de ambos os brasileiros, diferente de todos nós :

"Nesta habitação mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumar a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela se conservam" (op.cit.).

Muito próprio tal pensamento, é simples, direto, é universal, não há como discordar, vale para nossos dois heróis e para muito mais, para o mundo.

Euclides da Cunha faz 150 anos. O livro "Sagarana" de Guimarães Rosa foi lançado há 70 anos. Este, constituído de contos

que surpreenderam o mundo literário brasileiro de então, fez uma remexida na cabeça dos autores e dos poetas, era algo absolutamente novo. Só dez anos depois iria ser publicado "Grande Sertão Veredas", assim como "Corpo de Baile" - "Sagarana" foi uma antecipação do que viria "no depois".

Por sua vez, Euclides da Cunha foi se embrenhando em suas cartas, seus documentos, até chegar a essa obra prima da literatura brasileira, também da história universal, que é "Os Sertões".

Enquanto não haja afinidades expostas entre ambos, há a revelação de que separadamente se afundaram no denominado Brasil Profundo, sem o espírito de investigação, mas simplesmente pela circunstância de terem mergulhado de corpo e alma nessas profundezas de alcance de um oceano de vida, de permanência, de riqueza espiritual e física da terra e do homem, que foram descobrindo e redescobrindo, na medida em que reconheciam esse Brasil que não sabiam existir e que se revelava quanto mais concretas os seus passos, as suas vidas o exigiam.

Os conceitos de Heidegger sobre a linguagem não têm melhor exemplo universal que os dois mestres brasileiros. Pois será pela linguagem, pela construção literária, palavra por palavra, que iriam surpreender os outros e até a si mesmos. A linguagem, formada por palavras, vai se enriquecendo na medida em que seus autores absorvem a profundidade do reconhecimento dos territórios e dos seres humanos, que vão abrangendo, - sugando, com espontaneidade, a riqueza do homem e da terra que estão naturalmente a apreciar e a consumir. Os sertões que ambos vão desvendando não são idênticos, cada um tem o seu particular, na riqueza da terra e na psicologia do homem. Esse pluralismo é característico de nossa civilização, tanto na rudeza dos sertanejos, como do gaucho, - nos resíduos que esses e outras tantas composições de homens, de raças, de tendências,

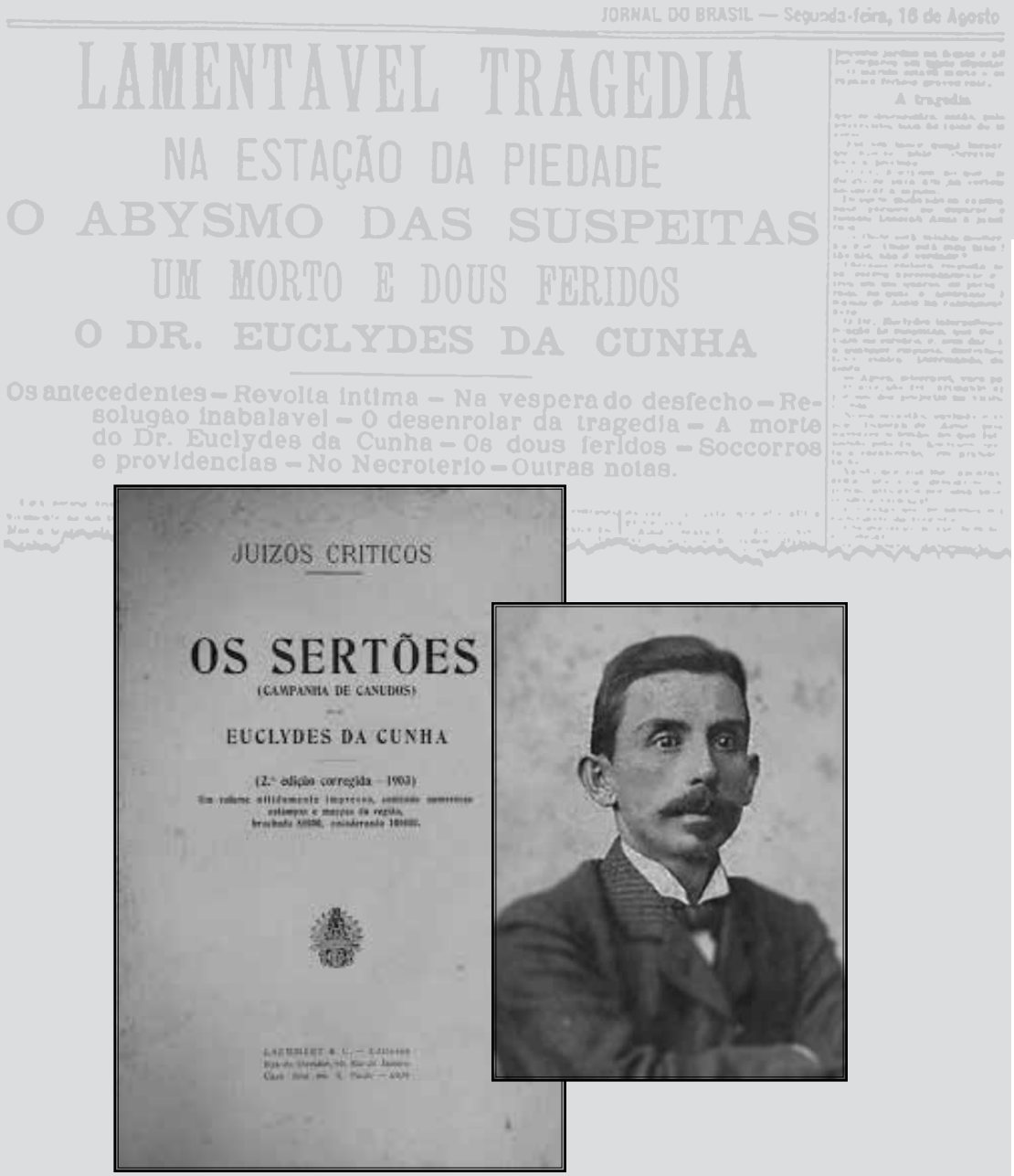
ainda de similitudes descobertas que proliferam em várias terras brasileiras de sul a norte.

Aqui no Paraná sentimos, quando da descoberta de "Sagarana", que lemos e relemos, depois de 1946, convivência e vivência de um estilo similar à linguagem de Guimarães Rosa, ao redor de Entre Rios, agora Guaragi, nas preferências do povo em formar vocábulos e substantivar verbos e o contrário (como seja escolher um substantivo e transformá-lo em verbo), feitos na conversa do dia a dia, com admiração, riso e criação. A mesma coisa acontecia com Ponta Grossa, que parecia ter, na linguagem dos Guimarães, dos Pinheiro Machado, dos Ribas, dessas famílias plenas de tradição, uma ligação pelos ares, ou por baixo da terra, com Santa Maria e Bento Gonçalves do Rio Grande do Sul. É o que produz alegria, em encontrar, em meio a um texto de fora, uma similitude no falar de dentro, sem nenhuma preocupação em ser original, ou uma cópia de outrem.

Se há algo de sonhador, é como se entrássemos no reino da poesia, dessa poesia que avança sobre a realidade humana, como, em outra dimensão, dizia Novalis: "a poesia é o autêntico real absoluto" – epígrafe dos livros de Fernando Pessoa.

Somos brasileiros gente simples e quanto mais simples mais brasileiros – para reconhecer Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, outros tantos, esse mundo grande, igual, contraditório.

Esse é o Brasil Profundo, com suas características de originalidade, pluralismo, grandeza d'alma, revoltos e redivivos por Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa, permanentes, eternos.



O CASO EUCLIDES DA CUNHA
DILERMANDO DE ASSIS

Por RENÉ ARIEL DOTTI

I - Resumo de uma tragédia por amor

A trágica morte do notável escritor **Euclídes da Cunha** (1866-1909) contém um grande material de informações e de reflexões que a passagem do tempo não esmaeceu. O autor da antológica obra *Os sertões*, publicada em 1902 e que trata da *Guerra de Canudos*, um confronto, no interior da Bahia, entre o Exército brasileiro e os integrantes de um movimento popular de fundo sócio religioso liderado por **Antônio Vicente Mendes Maciel** (1830-1897), conhecido historicamente como *Antônio Conselheiro*, tem sido objeto de inúmeras reportagens de época, encenação como novela de televisão e textos literários de diversos matizes que ainda hoje conservam grande interesse público.

O episódio ganhou notoriedade para muito além da condição dos protagonistas. De um lado, o engenheiro, físico, militar, poeta, geólogo, sociólogo, romancista, escritor, naturalista e jornalista que, como *correspondente de guerra*, cobriu para o jornal *O Estado de São Paulo* os lances finais de *Canudos*. De outro, **Dilermando de Assis** (1888-1951), o jovem cadete, "belo, alto e loiro", que, aos 17 anos, apaixonou-se por **Anna Emilia Ribeiro**, esposa de **Euclides**, com a qual manteve longo tempo do *amor proibido* enquanto o marido viajava a serviço.

Eram 10 da manhã de 15 de agosto de 1909, na casa número 214 da Estrada Real de Santa Cruz, em Piedade, no Rio de Janeiro, **Dilermando** já morava com **Anna** e dois filhos dela, chamados Luiz e Solon. **Euclides** bateu à porta e foi atendido por **Dinorah**, irmão de **Dilermando**, e armado com um revolver, gritava: "*vim para matar ou morrer*". Seguiu-se o tiroteio: sete disparos feitos por **Euclides** e seis, por **Dilermando**. O saldo funesto contabilizou um balaço na coluna vertebral de **Dinoráh**, alvejado pelas costas por **Euclides**, que o inutilizou para o resto da vida; ferimentos nos pulmões, diafragma e costelas de **Dilermando** e lesões em **Euclides** provocadas pelos disparos que atingiram no pulso e no pulmão direito, causa de sua morte, não sem antes vociferar: "*Bandido, desgraçado. Mato-o*". E andou em direção ao jardim onde caiu de bruços, ouvindo ainda as palavras de **Dilermando**: "*Que loucura foi essa? Veja o que o senhor fez! Eu não lhe queria matar*". Ao que Euclides, nos estertores da morte, respondeu: "*Odeio-te*". Segundo declaração de **Anna** (que se escondera no quatro dos empregados), **Dilermando** lhe disse, ainda na soleira da porta: "*S'Anninha, acabo de matar seu marido, em defesa própria*".

* * *

Dilermando e Anna continuaram a viver juntos durante 14 anos. Desse relacionamento nasceram quatro filhos. Há muitas fontes acerca do itinerário militar de Dilermando, servindo em diversas cidades e sendo promovido sucessivamente até o posto de general. Recebeu o título de ex-combatente pela sua atuação em operações bélicas em defesa da costa brasileira, durante a II Guerra Mundial.

II – A repercussão do infeliz episódio

A exploração pela imprensa e pelo rádio contagiou a população brasileira que, na época, assistia a *campanha civilista* promovida por Ruy Barbosa (1849-1923) como candidato à presidência da República em oposição ao militar Marechal Hermes da Fonseca (1855-1923), que foi eleito pelo voto direto da nascente República para o mandato de 1910-1914. A condição de militar de Dilermando e a condenação social daquela união ilegítima com a esposa de Euclides incendiaram a opinião pública.

Segue-se a publicação literal da reportagem feita pelo jornal *Correio da Manhã*, de 16 de agosto de 1909, com o título "Assassinato de Euclydes da Cunha".[1]

> "A tragédia de hontem. Euclydes Cunha assassinado.
> Treze tiros de revólver.
> "Dois estudantes militares gravemente feridos.
> Na estação da piedade.
>
> "O Brasil estremece de dôr deante da surprehendente tragédia de hontem. A morte violenta de Euclydes Cunha é um destes acontecimentos que ferem o espírito publico como uma explosão ou um desabamento: o inesperado, a extensão da perda de que se trata , as circumstancias dolorissimas que rodeiam o facto, abatem profundamente nesta hora quantos conheceram o poderoso estylista, quantos o leram alguma vez, quantos souberam, pelo juízo dos mais competentes, o valor extraordinario desse mestreda palavra, cuja glorianão era apenas uma luz imperecível para seu nome, mas um triumpho admirável para a sua geração e para a sua pátria.

[1] A republicação é feita com caracteres diferentes e a manutenção da ortografia original.

"Si para a collectividade tem essas proporções a desgraça de ontem, fácil é de avaliarquaes serão as que apresenta, para o círculo dos que privavam com o prosador insigne, dos que de perto lhe podiam admirar as raras qualidadesque possuía como homem, dos que vivamente o amavam pela superioridade dos seus sentimentos, pela tempera inexcedível de seu caráter, pela grandeza encantadora de sua alma.

"Euclydes Cunha não era apenas literariamente o excepcional que com um só livro conquistou uma das mais altas e mais justas reputações que um escritor pode almejar dentro e fora do seu paiz. Era também um excepcional como homem intimo. Misturavam-se nelle a energia e a taraidez, a violência e a doçura. Era a um tempo um lutador e uma crença. Mas o que era acima de tudo, era um bom e um puro.

"O trabalho prolongado, o excessivo amor que punha na execução de todas as suas obras, a actividade na produçãoe no estudo, abalaram-lhe a saúde.O seu organismo há muito tempo exigia largo repouso.Recusava-lho o extremado trabalhador. E ultimamente o preparo para a cadeira de lógica, do Gymnasio Nacional, de que saiu vitorioso, acabou por esgotar-lhe as forças, prejudicando-lhe o systema nervoso, aggravando-lhe a neurastheniade que não quizera ou não soubera curar-se.

"Dahi o ter entrado o querido Euclydes numa phase de continuo sofrimento, preocupado, apprehensivo sempre, a crear a sua fecunda imaginação desgostos sobre desgostos. Dahi essa cruel allucinação que o fez empunhar hontem uma arma, e que o arrastou afinal á morte, varado de balas.

"Que brutal fatalidade! Que pungentissimo fim de uma vida tão radiantemente gloriosa, cuja continuação parecia a toda gente ser uma nova serie de lindas conquistas mortaes! "

III – O depoimento do advogado de defesa

Dilermando foi julgado duas vezes pelo Tribunal do Júri. E duas vezes absolvido em face do reconhecimento da legítima defesa. Seu defensor foi Antonio **Evaristo de Moraes** (1871-1939), autor de uma imensa variedade de obras jurídicas e artigos em jornais sobre o tema que o imortalizou: o delito e o delinquente. Enfrentando o sensacionalismo da imprensa e as hostilidades sociais que deploravam o "assassinato" do grande brasileiro, o notável tribuno presta um *depoimento pessoal* acerca da causa de maior repercussão entre todas as que ele defendeu "com os seus destemperos oratórios", tanto no foro – em especial no tribunal popular – e nos movimentos políticos e sociais como a *Campanha Abolicionista* que viu coroada, como repórter do jornal republicano *Gazeta Nacional,* assistindo no Paço, a assinatura da *Lei Áurea*, pela **Princesa Izabel**.

São suas, estas palavras, colhidas do livro de sua autoria, *Reminiscências de um rábula criminalista:*[2]

> "Não fui, como de outras vezes, chamado logo após o crime; não assisti às diligências policiais. Tive conhecimento do que, conforme a *chapa* do costume, se apelidou "Tragédia da Estrada de Santa Cruz" pelos jornais, conhecimento viciado, eivado de prevenções quanto às anteriores relações dos dois protagonistas, quanto aos antecedentes do crime, quanto a muitas das suas circunstâncias. Fiquei — devo confessá-lo — mal impressionado. E não era para menos: Dilermando, (esclareciam as gazetas) *aparentado com Euclides, protegido por ele, recolhido generosamente no seu lar, o traíra,*

[2] Publicação póstuma, com introdução de seu filho Evaristo de Moraes Filho, Rio de Janeiro: Editora Briguiet, *Coleção Minerva*, 1989, vol. I, p. 174 e s.

seduzindo-lhe a esposa, a quem, para cúmulo, também explorava pecuniariamente. Uma abominação! ...

"Foi por isto que, quando Carlos de Azevedo meio repórter, meio advogado, o mesmo que, depois, tanto se distinguiu em vários processos — me veio chamar, a pedido de Dilermando, ainda no Hospital Militar, não manifestei pressa nenhuma. Sentia a repugnância instintiva que sempre me afasta de todos os ingratos — e Deus sabe com quantos me tenho avistado no trajeto da vida!

"Eis como se evidencia que ninguém, ainda mesmo cético por índole, se evade à infiltração das notícias e das apreciações dos jornais; elas influem na opinião dos que se julgam mais experientes.

"Eu cometi, no caso, a mesma leviandade que frequentemente, censurara aos outros.

"Mas, Carlos Azevedo insistiu, trazendo o compromisso do acusado, já então no quartel da Rua Pedro Ivo: ele me demonstraria que o crime não fora complicado de ingratidão; que ele não era parente de Euclides; que nunca lhe devera proteção.

"Acudi ao insistente chamado, mas sem entusiasmo, disposto a resistir, tamanho era o domínio da mentiralha, unido à minha profunda admiração pelo tumultuoso talento de Euclides da Cunha.

"Munira-se Dilermando de alguns documentos, segundo me dissera Azevedo. Nunca esquecerei o nosso encontro, em que ele foi o primeiro, e talvez o mais eloquente, dos advogados da sua própria causa. Logo, de entrada, me agradou aquele aspecto de criatura bem constituída, misto de força e de beleza, de energia e de amenidade, falando sem subterfúgios, e, assim, se impondo à confiança. Mostrou-me os documentos e prometeu fazer vir outros de São Paulo. Apontou pessoas, minhas amigas, com quem poderia contrastar os seus ditos.

"Abalado, semiconvencido, aceitei o patrocínio da causa. Não me arrependi. Foi principal preocupação minha reunir provas de que não houvera a apregoada ingratidão, porque, no caso, só esse *aspecto moral* tinha importância; o mais sempre se me afigurou pouco temível, a despeito dos esforços do delegado Oliveira Alcântara e do escrivão Anôr Margarido, que visavam fechar o caminho à legitima defesa.

"Quaisquer que pudessem ter sido outras circunstâncias, *era humanamente* impossível recusar o direito de repulsa a quem, *na sua casa,* vira cair, ferido mortalmente pelas costas, um irmão, e fora, por seu turno, agredido a tiros e também mortalmente ferido. Este é o fato; não valem contra ele minúcias, nem filigranas, mais ou menos teóricas.... Demais, se se apelar para o pretendido *excesso,* nunca se ofereceu ocasião, mas propícia para levá-lo à conta da perturbação ocasionada pelas peripécias do tiroteio; ninguém exigirá calma e raciocínio de um homem que, tendo já dentro do corpo três ou quatro balas, está perdendo sangue, transido de dores.

"Quanto à maneira pela qual provei a inverdade das balelas acerca da ingratidão do *parente* e *protegido,* sabem-no os que assistiram aos dois julgamentos de Dilermando; podem informar, insuspeitamente, os dois promotores com quem me bati — Pio Duarte e Gomes de Paiva. Documentalmente, sem deixar abertura ,à menor dúvida, está provado nos autos: **(1)** Dilermando não era parente de Euclides da Cunha; **(2)** Nunca, absolutamente nunca, o viu, antes de lhe conhecer a esposa, pois, ao tempo do seu encontro com esta, Euclides estava no Acre; **(3)** Na volta de Euclides, quase nenhuma ,relações teve Dilermando com ele; **(4)** Quer durante os estudos no Seminário Episcopal de São Paulo, quer durante a matrícula na Escola Militar, Dilermando sempre foi mantido pelos recursos da sua família, inclusive pequena, mas suficiente, herança, somando, *conforme conta de tutela,* mais de quatorze contos.

"Tal é a virtude convincente da farta documentação neste sentido, que, ainda no Conselho de Guerra por motivo da segunda

catástrofe, o juiz togado, Dr. Moraes Jardim, mal disposto contra Dilermando, modificou, diante dela, a sua impressão.

"Mas, quantas peripécias até à primeira absolvição! Quantas dificuldades para acalmar a matilha das paixões populares, açulada contra Dilermando!

"Dois fatos podem caracterizar o encarniçamento com que era perseguido o 'bárbaro assassino de Euclides da Cunha'.

"Certa vez, foi visto, devidamente escoltado, ao serviço da sua defesa, com permissão do seu comandante, vestindo o uniforme regulamentar do dia, o aspirante a oficial Dilermando, ao atravessar um canto da Avenida. Que barulheira! Aquilo era um escândalo: o matador da glória nacional tinha a audácia de "... *Passear na Avenida, vestido de branco, em plena liberdade".* Parece incrível, mas isto foi escrito e - quem sabe? - acreditado...

"O outro fato merece relato mais minudente, não só porque confirma a tendência persecutória, como constitui uma observação pouco banal de psicologia mórbida. Estava Dilermando preso havia, já, um ano devendo ser chamado a júri. No dia 4 de setembro de 1910, apareceu, em mais de um jornal, uma notícia alarmante: — havia ele, no estado-maior do 1° regimento de artilharia, onde permanecia, abusado de uma menor, cujo nome era francamente declinado. Tratava-se da filha de um poeta, de alcandorada inspiração, que, ultimamente, se tem dado a práticas de Ocultismo e Astrologia.

"Corri ao quartel, pensando, logo, em um manejo dos inimigos de Dilermando, que assim predispunham o espírito dos jurados. Encontrei o meu constituinte, sereno e sorridente, cercado de oficiais, que, todos, me garantiram ser inverídica a acusação. Assegurou-me Dilermando *que jamais vira a sua acusadora.* Dirigi-me à Delegacia do 10º Distrito, onde li as declarações mais absurdas que até então caíram sob os meus

olhos. Pasmei, ainda uma vez, diante da facilidade com que se aceitam, se publicam, se comentam certas acusações, especialmente no tocante a crime sexuais. Deliberei, por mim mesmo, fazer inquérito e, em poucas horas, voltando à minha residência, tinha bem firmado a convicção. Transmiti-a, no mesmo dia, ao *Correio da Manhã,* do qual era colaborador, e que a publicou, no dia 5, em forma de carta.

"O julgamento de Dilermando só se realizou no ano seguinte, dando-se a absolvição. Desabaram contra o júri as catilinárias do costume, mostrando-se exaltadíssimos alguns parentes e fervorosos admiradores de Euclides da Cunha. Chegou um a ponto de me ameaçar com a sua valorosa presença no segundo julgamento, a fim de, dizia, ensinar-me o que era legítima defesa. (Essa mesma pessoa confessou, muito depois, que estivera a pique de me matar).

"Atacado pessoalmente, revidei, lançando, pelo *Correio da Manhã,* de 17 de maio de 1911, o seguinte:

REPT0

"Eu não discuto, nem argumento, quando, afinal, consigo um resultado de justiça. Toda gente sabe que eu nunca forneci discursos forenses aos jornais; que eu nunca redigi notícias dos meus aparentes *triunfos;* que eu jamais solicitei *réclame* para a fraquíssima e humilde advocacia que venho exercendo há dezoito anos, sem grandes lucros, em favor de representantes de todas as classes sociais, desde almirantes e generais até soldados, desde capitalistas e homens diplomados até simples proletários e quase mendigos.

Pois bem; neste caso famoso de Dilermando, *no qual entrei a contragosto no princípio,* sou forçado a dizer, acerca da minha defesa perante o júri, o que me impõe o meu dever de patrono e a convicção de jurista, ainda crente nas virtudes — um dia afirmadas, no outro negadas — do tribunal do povo.

E é isto, que vale por verdadeiro e solene repto:

— Se na imprensa, alguém direta ou indiretamente, apresentar a prova de ter sido Dilermando Candido de Assis — atual aspirante a oficial — ajudado, protegido, auxiliado por Euclides da Cunha; se alguém, com responsabilidade de um nome digno, demonstrar que Dilermando feriu, atirando de revólver, o mesmo grande escritor pelas costas; se alguém sustentar, a sério, que um homem de talento e excepcionalmente ilustrado, pode acreditar na própria paternidade de um filho nascido a termo, estando junto à esposa somente desde seis meses antes; se alguém ousar defender a teoria dos maridos complacentes, a ponto de suportarem filhos alheios no lar doméstico; se alguém, abrindo os autos do processo apresentar uma só página contrária às afirmações de Dilermando, quando, ferido, alegou, ter agido em legítima defesa — eu, pelo fundado amor que dedico à minha santa mãe, me comprometo a abandonar a causa.

Não posso, não devo, não quero, entretanto, recuar no caminho que estou trilhando, convicto de me haver empenhado em uma defesa justa. Venho à imprensa provocado pelos amigos admiradores da ilustre vítima. Eles são literatos, são notáveis manejadores da pena, são, na sua maioria, dominadores da imprensa. Eis aí, com este meu repto, uma ocasião azada de patentearem a justeza da perseguição movida ao acusado, deixando fora de dúvida sensata:

1º Que Dilermando Candido de Assis fora protegido, criado, alimentado, educado por Euclides da Cunha;

2º que ele o conhecera familiarmente antes de haver a lamentável união adulterina de que resultou a atual desgraça;

3º que Euclides não desconfiara da paternidade, que a custo se lhe atribuía, de um filho por nome Mauro, falecido após sete dias de nascido;

4º que o mesmo excelso e inditoso escritor, cuja glória constitui toda uma riqueza nacional, não dissera a amigos que o seu último suposto filho,

comparado com os demais, parecia "uma espiga de milho no meio de um cafezal";

5º que Dilermando não era e não é um militar brioso, cumpridor dos seus deveres profissionais, amado dos seus chefes e respeitado pelos seus companheiros.

Bem se deve compreender que eu não lanço repto apaixonado; nem faço desafio para armar ao efeito.

Dilermando Foi — a contragosto dos seus acusadores públicos e privados — Absolvido. — Ninguém, falando juridicamente, tem o direito de aventurar o resultado da apelação. A situação é, como se vê, de perfeita calma, do meu lado".

Creio não ser preciso lembrar que o repto ficou sem resposta, e, quando, três anos depois, Dilermando respondeu, de novo, perante o júri, ninguém ali apareceu para me ensinar os requisitos da legítima defesa.

Deu-se segunda absolvição, conformando-se com ela o Ministério Público, representado pelo severíssimo promotor Gomes de Paiva.

IV – Uma lição histórica da independência profissional

O Estatuto da Advocacia e da OAB (Lei nº 8.906, de 04.07.1994) estabelece: *"O advogado, no exercício da profissão, de manter independência em qualquer circunstância"*; *"Nenhum receio de desagradar a magistrado ou a qualquer autoridade, nem de incorrer em impopularidade, deve deter o advogado no exercício da profissão"* (§§ 1º e 2º do art. 31).

Essas proclamações seriam prontamente assinadas e divulgadas pelo imortal **Ruy Barbosa** (1849-1923), quando respondeu a uma consulta de **Evaristo de Moraes**, que tinha dúvida em assumir uma causa em favor de acusado que matara um membro de seu partido político, embora houvesse prova suficiente da legítima defesa. Seguem palavras do *Águia de Haia*:

> "Ora, quando quer e como quer que se cometa um atentado, a ordem legal se manifesta necessariamente por duas exigências, a acusação e a defesa, das quais, a segunda, por mais execrando que seja o delito, não é menos especial à satisfação da moralidade pública do que a primeira. A defesa não quer o panegírico[3] da culpa, ou do culpado. Sua função consiste em ser, ao lado do acusado inocente ou criminoso, a voz de seus direitos legais.
>
> "Se a enormidade da infração reveste caracteres tais, que o sentimento geral recue horrorizado, ou se levante contra ela em violenta revolta, nem por isso essa voz deve emudecer. Voz do Direito no meio da paixão pública, tão suscetível de se demasiar, às vezes pela própria exaltação de sua nobreza, tem a missão sagrada, nesses casos, de não consentir que a indignação degenere em ferocidade e a expiação jurídica em extermínio cruel".[4]

3

[4] *O dever do advogado – Carta a Evaristo de Moraes*, prefácio de Evaristo de Morais Filho, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Aide Editora, 1985, p. 45)

EUCLYDES

Por ERNANI BUCHMANN

Nem bem escrevi este título e já me vem os detratores a reclamar da grafia. Ocorre que Euclydes nasceu em 1866, quando a linguagem ainda usava fraque. Assim, respeito a forma que estampa a capa da primeira edição de Os Sertões, grafando o nome do autor com ípsilon.

Euclides foi modernizado em "i", embora sua prosa siga nos encantando em "y". Explico: a linguagem de Os Sertões, por mais que se modifique a ortografia, será para sempre grandiloquente, orfeônica, como se nela sobrevivessem os anacronismos típicos dos épicos, em contraponto aos nossos tempos de textos curtos e vocabulário pobre.

Os Sertões fez de Euclides um dos maiores escritores da literatura brasileira. Já disse alguém que se sua obra prima tivesse sido escrita em inglês ele teria recebido o Prêmio Nobel. Assino embaixo.

Em 1966, Paulo Leminski, então professor de literatura no Curso Abreu, pré-vestibular exclusivo às Ciências Humanas, enfatizava que a melhor parte de Os Sertões era O Homem. Até iniciar a leitura do livro imaginei ter razão o autor de Catatau, mas bastaram as primeiras páginas para que me apaixonasse por A Terra. Euclides fez da narrativa um tratado geológico, usando toda a fundamentação teórica que possuía. Mais que isso, lançou mão de um artifício digno de gênio: se a terra é árida e o clima inóspito, a linguagem será árida

e inóspita. Tal recurso já faz da primeira parte de Os Sertões uma enciclopédia das ciências naturais. Bastaria ao escritor ter escrito A Terra para estar entre os grandes. Não se contentou, contanto.

Euclides vai além do sertão na análise geo-geográfica. Circula pelo planeta como quem circula em um parque. Em menos de cem páginas, suas palavras nos levam do Polo Norte ao meio do deserto. Vejamos um trecho em que imperam os cactos:

"Os mandacarus (Cereus Jaramacaru) atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. Atuam pelo contraste. Aprumam-se tesos, por toda a banda a flora se deprime. O olhar perturbado pelo acomodar-se à contemplação penosa dos acervos de ramalhos estorcidos, descansa e retifica-se percorrendo os seus caules direitos e corretos. No fim de algum tempo, porém,são uma obsessão acabrunhadora. Gravam em tudo monotonia inaturável, sucedendo-se constantes, uniformes, idênticos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuídos com uma ordem singular pelo deserto".

É uma prosa que gera calor inaudito, uma sede de beber oceanos, um cansaço infinito, embora não nos espinhe a pele como faria um cacto. Euclides foi ao âmago da rudeza climática nordestina. É nesta aridez profunda que nasce O Homem.

Não esqueçamos que o mandacaru, na expressão euclidiana, é uma analogia do homem subjugado, por estar sempre de braços para o alto, como se rendido de maneira perpétua. Mas não é este o homem que surge nas páginas de Os Sertões. Ali encontramos o derrotado, mas também o insurgente, a demonstrar sua coragem e seu desapego. Os indulgentes e os implacáveis, capazes de empalar soldados adversários em postes nos caminhos caatingueiros para servir de alerta às próximas expedições das tropas atacantes. A visão tétrica de um esqueleto fardado

da barriga para cima – com a perda da carne, as calças caíam sobre as botinas no chão incandescente, deixando o cadáver trajando apenas a jaqueta – fazia pelotões inteiros debandarem.

O Homem é um tratado sociológico profundo, além de gentil saudação ao nordestino do deserto, personificado na frase imortal: "O Sertanejo é, antes de tudo, um forte".

A análise acurada das razões para o surgimento e sobrevida da saga de Antônio Conselheiro é um primor antropológico. Da pena do escritor surgem as chagas e as cicatrizes perenes no corpo daquela gente sem porvir. O Conselheiro foi sua esperança e, como se viu, também a ruína. Entre o santo e seu povo sobraram balas e baionetas, nenhuma vida a não ser a dos cães vadios.

O crime de lesa humanidade que ali se praticou transborda em A Luta. Não foi uma: a guerra se dá em cinco capítulos, sangrentos como pátio de açougue. A destrambelhada ação militar tem passagens tão dramáticas quanto inimagináveis, algumas protagonizadas pelo espaventado Coronel Moreira César, um homem que se levava mais a sério do que convinha. Saudado como herói nos gabinetes da capital da República, vitorioso na Revolução dita Federalista, Moreira César desembarcou na Bahia disposto a acabar com os seguidores do Conselheiro.

Às portas da "cidadela mundéu", depois de haver obrigado as tropas a cavalgarem por horas "em acelerado", seus soldados desceram o Rio Vaza-Barris sem esperar contra ação dos defensores. O Coronel César levou dois tiros, antes que o recuo fosse inevitável. Euclides assim descreveu a reação dos sobreviventes na imensa tapera:

"Naquele momento o sineiro da igreja velha interrompeu o alarma. Vinha caindo a noite. Dentro da claridade morta do crepúsculo soou,harmoniosamente, a primeira nota da Ave Maria... Descobrindo-se, atirando aos pés os chapéus de couro ou os gorros

de azulão, e murmurando a prece habitual, os jagunços dispararam a última descarga..."

A Luta, em suas mais de 300 páginas, é uma epopeia bélica. Pode-se alegar que nessa parte da narrativa, Euclides tenha sido muito mais jornalista, testemunha ocular do genocídio, do que literato. Melhor será defini-lo como um escritor em serviço jornalístico na linha de frente, antecessor dos grandes autores que surgiram das batalhas da primeira e da segunda guerra mundial, dos quais Ernest Hemingway foi o mais bem sucedido (e também John dos Passos, Ford Madox Ford na primeira guerra; J. D. Salinger e Kurt Vonnegut, na segunda, a mesma em que os brasileiros Rubem Braga e Joel Silveira se revelaram cronistas brilhantes).

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS N.º 66 CURITIBA 2016

Caso Euclides fosse personagem de Nelson Rodrigues, sua hipotética biografia póstuma seria tão imponente quanto Os Sertões, posto que viveu uma odisseia comparável . Nascido em Cantagalo, no interior do Rio de Janeiro, fez carreira no interior de São Paulo, embrenhou-se pela Amazônia. Traído pela mulher, enveredou pela residência do amante disposto a matar ou a morrer. Escritor que era, manejava melhor as letras. Morreu matado pelo rival, no penúltimo capítulo da tragédia suburbana (o crime foi cometido no subúrbio de Piedade, no Rio de Janeiro). O último ato foi o casamento do homicida com a amante.

Texto épico, memórias póstumas, tragédia suburbana, tratados sociológicos, sertão da Bahia, tudo em Euclides nos remete aos mais conceituados escritores da língua portuguesa, eis que esteve sempre ao nível de Camões, Machado, Nelson Rodrigues, Giberto Freyre, Castro Alves. Um dos maiores entre os maiores. Nasceu Euclydes Rodrigues da Cunha, será para sempre Euclides de Os Sertões.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES BREVES SOBRE A OBRA DE GUIMARÃES ROSA

Por JOÃO MANUEL SIMÕES

Abrindo com chave de ouro, de modo talvez heterodoxo, o texto fluente, dou a palavra àquele que é, provavelmente, o maior crítico luso de todos os tempos: Óscar Lopes. (Data vênia a Fidelino de Figueiredo e Jacinto do Prado Coelho, Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões, Jorge de Sena e Eduardo Lourenço.)

Enfatiza o mestre da fundamental "História da Literatura Portuguesa" e meia centena de outras obras marcantes: "Mais do que Vieira ou Herculano, mais do que Camilo ou Coelho Netto, mais do que Eça ou Machado, mais do que Aquilino ou Graciliano, é Guimarães Rosa o maior latifundiário da Língua Portuguesa, do condomínio idiomático luso-brasileiro.

Não há dúvida que o genial artífice de "Grande sertão: veredas", "Corpo de Baile", "Sagarana", "Tutameia" e "Terceiras Estórias" tem o seu lugar assegurado na galeria onde se alinham as grandes individualidades romanescas da Língua. Talvez seja mesmo a maior de todas. Por que não?

Demiurgo incomparável, bruxo capaz dos mais estranhos encantamentos verbais, Guimarães Rosa, das ruínas resultantes da desintegração linguística a que procede metódica, sistemática, incansável, beneditinamente, consegue edificar um mundo novo. Nesse particular, de resto, vai mais longe do que o mestre de

"Macunaíma". Na verdade, o anarquismo de Mário de Andrade (ou pseudoanarquismo – até que ponto é lícito confiar nas meras aparências epiteliais, epidérmicas, mormente num escritor comprometido radicalmente com a demolição de estruturas a seu ver anacrônicas, obsoletas?) era puramente formal. Se não formalista. A sua revolução candente, com efeito, fazia-se "contra". Contra a gramatiquice embolorada, coberta por vetustas e veneráveis teias de aranha. Contra o purismo (ou puritanismo, considerando-se este como uma exacerbação mórbida daquele) dos conservadores. Contra a tradição petrificada, fossilizada, mumificada.

O espírito revolucionário de Guimarães Rosa, contudo, nada, absolutamente nada possui de demolidor ou de iconoclasta. Não está nos seus propósitos a derrubada de ídolos. Não se volta contra nada, contra ninguém. Apesar de todas as aparências (e de todos os equívocos) em contrário, a sua revolução nada tem de formalista. É uma revolução essencial, nuclear. Mais do que isso – ontológica.

O criador de Riobaldo não busca os galhos hirtos, os ramos esquálidos da palavra: procura a sua raiz. Telúrica e metafísica, essa palavra faz-se mundo. São tênues, translúcidas as barreiras que separam o mundo concreto da palavra imaterial, a realidade fenomenológica do ideal incorpóreo.

Se Mário de Andrade partia da ordem preexistente (demolida) para a construção dialética de uma ordem nova, Rosa inicia o seu périplo de Ulisses de outro porto: o da solidão irremediável do caos original. Do caos onde as palavras se agitam, num tumulto anárquico, desconexas, desordenadas, confusas, à espera do "fiat lux" criacional.

No princípio, diz o Apóstolo, era o Verbo.

E é precisamente do verbo inicial que Guimarães Rosa parte para a sua admirável peregrinação metafísica. Sua prosa dúctil,

vibrátil, nervosa, é um sismógrafo fiel do mundo. Do mundo que está sempre um pouco aquém (e um pouco além) das suas linhas exteriores, visíveis, palpáveis.

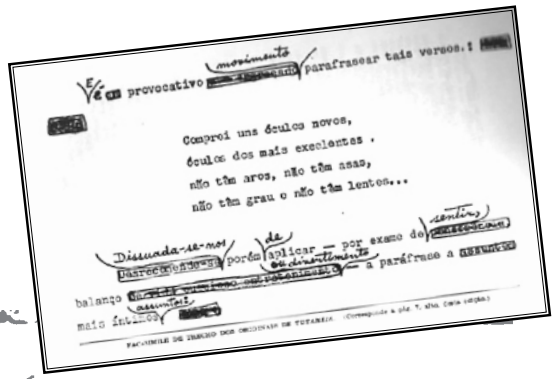
A grande aventura rosiana polariza-se, pois, numa dicotomia flagrante, em dois grandes planos: o cósmico (ou telúrico?) e o humano. Ela decorre no "grande sertão" do mundo e da vida. É lá, nesse palco imenso, que o homem se vê obrigado, quotidianamente, perpetuamente – numa incessante reedição do mito de Sísifo – a descobrir (e a redescobrir) as imperceptíveis "veredas" da sua verdade. Quando não da própria Verdade.

Essa epopeia titânica – a dramática aventura existencial por excelência –, equacionada, desdobrada sob os céus de um angelismo transparente, mirífico, tem a presenciá-la, quase sempre, as feras mais tangíveis de um demonismo de garras afiadas. E nunca, nunca se sabe quando pode chegar "a hora e a vez" de Augusto Matraga.

Tal "aventura", portanto, pelas suas próprias características transcendentais, só poderia exprimir-se por uma linguagem evadida do reino esquematicamente racionalista da discursividade ortodoxa, tradicional. Mais do que romanesca, essa linguagem é fundamentalmente poética. Poética no seu sentido semântico original. Quer dizer: criadora, demiúrgica.

Sob muitos aspectos, Guimarães Rosa é um escritor da nobre linhagem dos poetas épicos que, ao invés de procurar um estilo (como Flaubert, como Proust, como Eça, para citar apenas três exemplos) criou uma linguagem nova, capaz de atingir o metafísico, de exprimir o meta-humano, de consubstanciar o metaexistencial. Em suma: criou um tipo de metalinguagem.

O universo ficcional rosiano não é, como o de Kafka, absurdo, na exata medida em que o absurdo é a lógica às avessas.


É um provocativo movimento parafrasear tais versos.!

Comprei uns óculos novos,
óculos dos mais excelentes .
não têm aros, não têm asas,
não têm grau e não têm lentes...

Dissuada-se-nos porém de aplicar — por exemo de sentido — a paráfrase a assunto balanço mais íntimo assunto.

A JOSÉ OLYMPIO
— generosa inteligência e
formidável valor humano
a serviço da Cultura
brasileira, —
sincera homenagem de
admiração,
gratidão e
amizade
do
seu
CORPO DE BAILE Guimarães Rosa.
Rio, 27.II.56

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS N.º 66 CURITIBA 2016

Ele é simplesmente a-racional. E o verbalismo torrencial, caótico, apocalíptico, que estrutura e define esse universo é, por isso mesmo, a pré-figuração do mundo e do homem. Do mundo em busca do seu sentido. Do homem à procura do seu significado.

GUIMARÃES ROSA: O TEMPO EM ESPERA

Por MARTA MORAIS DA COSTA

Datas comemorativas resultam inevitavelmente em memórias invasivas no tempo presente. O passado deposita-se nos ponteiros do relógio e volta a percorrer o campo das horas, em uma revoada de fatos e sensações motivados pelo assunto homenageado. Neste ano, Guimarães Rosa domina relógios e calendários: são os sessenta anos de edição de *Sagarana* (1946); são os cinquenta anos de publicação de *Grande sertão: veredas* (1956) e de *Corpo de baile* (1956). A parte substancial e rigorosamente magistral de um autor fundamental de nossa literatura, uma obra que reposicionou a produção literária do Brasil. A homenagem que presto a Guimarães Rosa nestas poucas linhas é modesta e restrita diante de tudo o que a leitura destes livros trouxe de contribuição para minha profissão, para meus alunos e para os leitores pensantes e experientes em que nos tornamos.

Descobri Guimarães Rosa fora do ambiente acadêmico. Isto significa que este autor seminal da literatura brasileira não entrava nos programas da Faculdade de Letras na primeira metade dos anos 60. Nem por isso a leitura tardia deixou de ser um cataclismo cerebral e profissional. Sem orientação analítica, sem Google, só com um sábio conselho: " Não desanime, persista! No começo é difícil, mas depois vale a pena!". A voz de meu marido ecoa em mim, rememorando aquela aventura leitora. Tão adequadas foram essas palavras, que as adotei como estímulo para a leitura de sua obra ao ensinar a centenas de alunos com quem cruzei em minha carreira. Elas funcionaram como uma espécie de senha para aqueles, como eu, perdidos no cipoal da linguagem rosiana.

Amparar o leitor desanimado e mantido à distância das primeiras trinta páginas do *Grande sertão* era estabelecer pontes para seguir as veredas da obra. A apaixonante leitura-descoberta que vivi nos idos 60 me orientou em, ao menos, duas atitudes: evitar que meus alunos - futuros professores – continuassem desconhecendo a obra do desafiador artista mineiro e que penetrassem às cegas, sem cão-guia, na linguagem mina-de-ouro, de pepitas encravadas em rocha faiscante, do grande sertão de Guimarães Rosa.

Em tempos sem Google, sem novela ruim a traduzir mal toda a poesia, sem, enfim, a vasta bibliografia analítica, os alunos mergulhavam no vasto reino das palavras.

No curso de Letras, a literatura brasileira é disciplina de base. Seja em viés histórico-cronológico, seja no enfoque de tendências estéticas, ou em qualquer outra perspectiva de abordagem, contempla um sem número de autores e obras considerados de indiscutível valor literário e de indispensável leitura. Caminham lado a lado a leitura, a crítica, a história e a cultura no magistério dessa disciplina. Entre os autores exponenciais que integram programas de ensino em diferentes universidades, a obra de Guimarães Rosa é presença inalienável.

Em razão de alguns hábitos facilitadores adquiridos na formação, os leitores universitários do curso de Letras, chegam, não raras vezes, em estado de leitores incipientes da nossa literatura. Cabe aos professores transformar, na medida do possível, o estágio de leitura inicial em uma condição mais aperfeiçoada ao longo do processo de formação do curso. Por isso, a leitura da obra de Guimarães Rosa muitas vezes começa pelos contos e novelas de *Sagarana*. Talvez porque as narrativas mais curtas facilitem a apreensão do todo, talvez porque o tratamento linguístico ainda não havia rompido com tanta luminosidade – como se fará posteriormente em *Corpo de baile* e,

em especial, em *Grande sertão: veredas* - os padrões do regionalismo brasileiro em personagens, em situações narrativas, em cenários e ambientes. Mesmo assim, os alunos-leitores se encontravam em estado de surpresa ao ler a obra. Aos poucos, alguns dos textos da obra passavam a um estágio de compreensão mais avançado. No entanto, era *Grande sertão: veredas* o desafio maior. E nele, minha experiência no magistério, me ensinou muito, e mais, sobre o modo de ler, sobre o ato de ler, sobre a relação sempre surpreendente de leitores diante do novo.

Ouvi queixas, vi olhares vagos, senti a funda rejeição muda de quem se sentia impotente, desorientado, incapaz. Aí entrava o mediador a amparar, estimular, explicar, a apontar rumos de leitura, a ler junto e em voz alta. Aos poucos os dicionários, tornados inúteis ante a criatividade verbal, e os compêndios gramaticais – intencionalmente transgredidos - eram deixados de lado para que a poesia da língua rosiana entrasse pelos poros de sensibilidades até então inertes e novos ares movessem olhos e ouvidos para entender que a língua portuguesa estava ali a surpreender, a renovar velhos conceitos e a implodir preconceitos.

A leitura compartilhada aos poucos criava uma irmandade de leitores, uma rede invisível de saberes intercambiados, uma cumplicidade nascida de compreensões e interpretações multiplicadas e superpostas. Cada grupo criava sua própria dinâmica de trabalho que resultou em pesquisas, artigos e ensaios aproximando obras, dialogando com outros autores, revelando camadas de significados para os episódios da epopeia de Riobaldo, deleitando-se com as múltiplas faces de Diadorim, criando novas veredas para aquele "sertão dentro da gente".

Enquanto os personagens enredavam as aventuras dos sertanejos, os cadernos engravidavam de frases, de definições, de

achados linguísticos, de frases proverbiais, de neologismos, de pura poesia depositada sob a superfície de uma prosa barroca e inovadora. Criavam os alunos acervos selecionados das joias que recolhiam no tempo da leitura. Com certeza, há na obra um conjunto constituído por verdadeiras frases lapidares, legadas pelo texto aos leitores de todas as gerações.

Para quem se aproximava do livro com expectativas realistas e regionalistas, o *Grande sertão: veredas* negaceava, escondia, despistava seus encantos. Para quem trazia em sua leitura prévias informações de dificuldades, obscurantismo, artificialidade em relação ao texto, a história de amor proibido e de guerras sertanejas espalhava suas trilhas de sedução, suas iscas de encantamento, sua proposta de revisão de conceitos a respeito do como narrar. Mudavam de lugares também obras e autores, antes rígidos em uma linha cronológico-estética da literatura brasileira. Guimarães Rosa estabelecia um antes e um depois na evolução literária. Era "o poder das coisas se remexerem em seus lugares", como Riobaldo em sua travessia.

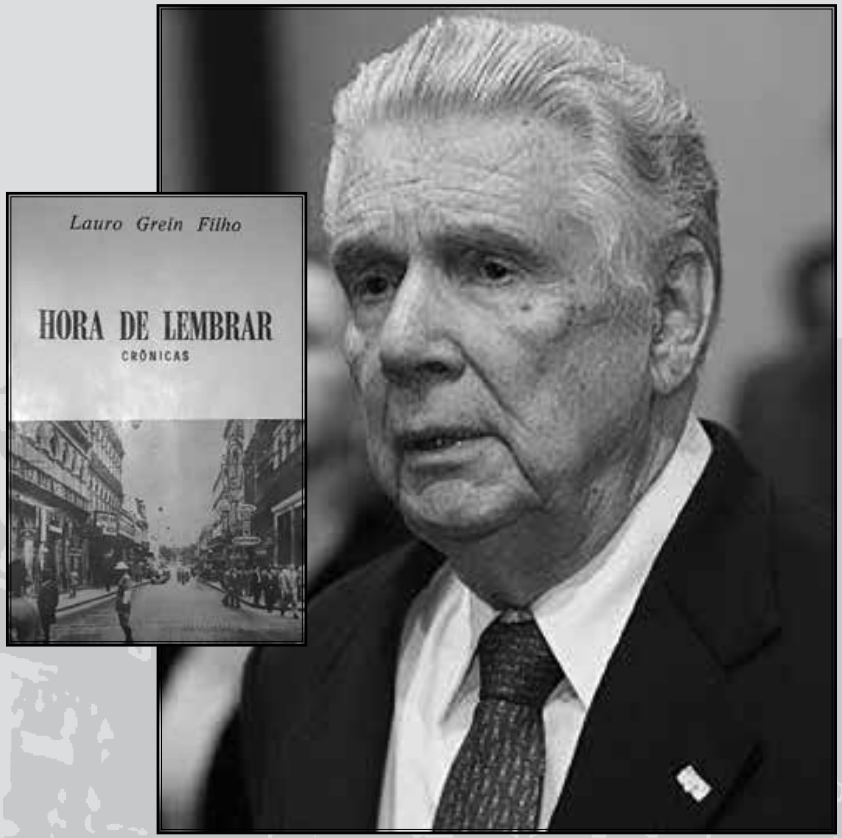
De "O burrinho pedrês" (e seu mistério de sobrevivência e negação da morte) em *Sagarana,* o episódio da matança dos cavalos em *Grande sertão* ou a cavalgada dos viajantes, sertão adentro, em "O recado do morro", em *Corpo de baile*, a natureza animal em comunhão com o homem servem para demonstrar um mundo arcaico e atávico. Longe, entretanto, de permanecer imóvel em eras remotas, fala aos arquétipos da alma humana. Esta mensagem cala profundamente nos leitores urbanos atuais, como fez rememorar meus alunos de histórias de vida familiar e de contares ao pé do fogo ou ao calor do seio materno. Na escrita do doutor diplomata brotam esses falares misteriosos e simbólicos da natureza a preparar vivências e mistérios, como a cegueira repentina de José, em "São Marcos" (*Sagarana*), como o morro a predizer, a alertar, a trazer de suas entranhas mensagens do futuro, em "O recado do morro", como o homem e a vida dispostos

em travessias, ora mortais, ora vitoriosas no Liso do Sussuarão, em *Grande sertão*.

Além da fala gratificante dos leitores, exemplarmente expressa em um "Ah, agora eu entendi!", o prêmio maior de um formador de leitores, também é fator de alegriazinhas a autoconfiança dos alunos, motivados pelas páginas lidas, que os leva a aventurar-se em comparações, em interrelações textuais, em lembranças de outras leituras, em caprichos de frases e poemas.

Sim, porque o leitor que se autoriza a autoria, já amadureceu, já desatou sua autonomia e ganhou voo próprio. E, com certeza, nos alunos que se arriscaram em outros espaços da leitura e da escrita, as asas levavam a marca e o selo **d.GR.**

À minha ingenuidade inicial da primeira leitura seguiu-se a maturidade, densificada pelo trabalho e pelo compartilhamento com outros leitores. No entanto, quando retorno aos textos de Guimarães Rosa é sempre para descobrir neles que, por mais que a idade se prolongue e que as experiências se sucedam, ali reside um tempo outro, sempre em espera.



LAURO GREIN FILHO

EDUARDO ROCHA VIRMOND
Editor

Em memória de Lauro Grein Filho, leremos textos escritos por Zirce Rollim Grein, por Helena Kolody, Oriovisto Guimarães, por sua neta Laura Grein Cavalcanti, por Eduardo Rocha Virmond. São pequenas narrações e lembranças de sua inteligência, seu espírito irônico e ao mesmo tempo sentimental, sua bondade, qualidades refletidas em tudo o que ele fez, inclusive como Presidente da Academia Paranaense de Letras e muito como Presidente da Cruz Vermelha, que transformou de um hospital de província em um hospital de primeiro mundo – neste particular é o que dizem os entendidos.

Escreveu **Zirce Rolim Grein**:

Lauro, meu Marido

Conversei com Lauro, pela primeira vez, num baile em 1947. Desde então, apreciei sua inteligência e seu caráter.

Começamos a namorar em agosto desse mesmo ano e logo fiquei apaixonada. Noivamos no dia 19 de fevereiro de 1950 e em 17 de junho desse mesmo ano nos casamos. Nesses cinquenta e oito anos de muito amor e compreensão pude cada vez mais admirá-lo, por suas qualidades, como esposo fiel e dedicado, pai amantíssimo e avô amo- roso e brincalhão.

Na medicina, Lauro deu mostras de seu grande saber, competência, altruísmo atendendo bem os que o procuram, solucionando seus problemas da melhor maneira possível.

É um administrador por vocação. Desde Castro, onde viveu por 15 anos e onde eu o conheci, pude sentir sua habilidade administrativa e seu pendor para a direção.Foi diretor do Hospital Bom Jesus, do Preventório Infantil Regional Manoel Ribas, do Castro Jornal e da Rádio Castro revelando em todos esses setores seu talento e seu carisma.

Aqui em Curitiba à frente da Cruz Vermelha, desde 1967, conseguiu transformar um pequeno hospital em decadência, em um centro de referência.

É grande amigo de seus amigos aos quais devota muito carinho, considerando-os companhias imprescindíveis.

Aqueles que com ele trabalham são para ele os melhores em suas áreas, não lhes poupando elogios e amor.

Preenchendo seu tempo com Crônicas na Gazeta do Povo é um intelectual-vitorioso, que consegue agradar seu grande público.

Assim é, em síntese, Lauro, o meu marido, esposo exemplar, pai carinhoso, amigo e um cidadão que honra e dignifica sua terra.

De **Helena Kolody** sobre um dos livros:

"Hora de Lembra é o levantamento lírico-histórico de uma época marcante da vida paranaense. Retrato social e político de um tempo, nele as pessoas são focalizadas com fina psicologia e lembradas com carinho.

O livro é, principalmente, um encontro do autor consigo mesmo, através da incorporação da riqueza do passado ao valor do presente. É uma avaliação do que Lauro Grein Filho foi, do que deu e do que recebeu, em termos culturais e humanos, num trecho significativo de sua vida tão plena".

De **Oriovisto Guimarães** na edição de "Painel de Realidades":

Há muitos anos leio as crônicas do Dr. Lauro Orem Filho e, com essa leitura, fui entendendo melhor nossa cidade e nosso país. Em 2004, tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Firmamos uma sólida parceria entre as instituições que presidimos, Unicenp - Centro Universitário Positivo e Hospital da Cruz Vermelha, para a criação de um moderno hospital-escola em Curitiba.

Os agradáveis contatos que temos mantido, desde então, autorizam-me a afirmar que o Dr. Lauro Grein Filho é mais do que um grande médico, é também um filósofo, um homem de excepcional cultura, capaz de compreender a sociedade e a alma dos homens.

De **Laura Grein Cavalcanti**:

Que Lauro Grein Filho, foi um líder nato, de postura irretocável, um médico generoso, administrador r competente e escritor primoroso, todos sabem. Foi também "gatão" da vó, um pai coruja e superpresente, um sogro companheiro, e

um avô amoroso e brincalhão. O nosso porto-seguro! Não é novidade também que foi um amante de viagens, de cultura, da boa música, e que enxergava na educação a esperança de um futuro melhor.

Mas nesses últimos dias em que recebemos inúmeras manifestações de carinho durante esta despedida, pudemos descobrir também que ele foi uma pessoa unânime, que fez a diferença na vida de muitas outras pessoas. Dono de uma personalidade intensa e carismática, deixou marcas por onde passou e em quem o conheceu. Havia sempre uma palavra amiga, uma história para contar, uma música para cantarolar, um conselho para dar ou uma brincadeira para fazer. Foi um paizão para seus pacientes, a fonte de inspiração de muitos colegas, e o incentivador de uma nova perspectiva de vida para seus funcionários.

E se para ver o que um homem representou para uma sociedade devemos observar a quantidade de pessoas que o respeita, podemos ter a certeza de que ele cumpriu sua linda missão nos diversos âmbitos da vida. Digno do respeito de todos, foi um homem com. Foi grande, foi impecável em tudo o que realizou.

De **Eduardo Rocha Virmond**:

Lauro Grein Filho faz muita falta. Amigo, companheiro, conversa solta, aberta e confidencial, privávamos com ele, Julio Gomel e eu, de longas reuniões, ou na Presidência da Cruz Vermelha, ou de seu apartamento à Alameda Pedro Segundo.

O papo passava de sua vida em Castro, do que ele sabia de Manoel Ribas, que reconheceu pelo seu grande companheiro Gustavo Ribas, filho do interventor, até as lindes na Academia Paranaense de Letras, que presidiu com galhardia. Era muito inteligente e extremamente discreto, por isso não aparecia em jornais, a não ser pelas suas crônicas publicadas. Ele tinha muito a contar, assistiu e participou de muita coisa durante toda a sua vida, como médico e como intelectual culto e devotado, que serviu de exemplo para todos nós. Transcreveremos o artigo que escreveu sobre a velhice, em homenagem, como estas lembranças, à sua memória.

* * *

OS VELHOS E OS IDOSOS

LAURO GREIN FILHO

"Envelhecer sorrindo" - uma sedutora alternativa do professor Heitor Borges de Macedo, bem mais atraente do que a morte prematura.

Um recado de otimismo, endereçado aos que se desconsolam em lamúrias sobre as limitações que os anos impõem, tirando-lhes ânimo da juventude que se foi.

Opção sensata essa de cair na real, distinguindo as etapas da vida, cada uma com seus encantos, regozijando-se com os anos a mais, acima da média brasileira que não chega aos setenta.

Agredido em sua vaidade, o idoso reclama da perda e alvura do cabelo, das manchas e rugas da pele, da perda da visão, audição

e memória, deterioração dos dentes, déficit da força muscular e varicozamento das veias. O apetite sexual é sempre reclamado, diante de supostas façanhas de outrora, criando um estado psicológico com forte apego ao passado.

As mulheres sentem mais as dores de sua aparência, quando a gordura castiga, enquanto os homens sofrem diante da debilidade que progride.

A geriatria, que trata de ambos, não admite a velhice como doença. Se assim fosse, para que a Pediatria e os Hospitais Infantis? Ao curso da existência, somos acompanhados por duas idades - a biológica e a cronológica. A primeira considera as inclemências trazidas acumuladas pelo tempo, a segunda conta as datas natalícias de cada ano. Diante de tais critérios, refletidos no visual, na disposição e atividade, um biológico de 50 pode aparentar 60, e um cronológico de oitenta simular 70.

A prevenção é tida como a grande arma para evitar os males típicos da longevidade, arteriosclerose, hipertensão, diabetes, artrose, reumatismo, gota, Parkinson. O desgaste é global, atingindo em todas as áreas células, tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos. Dos trinta aos setenta e cinco anos, o peso do cérebro involui, limitando os reflexos. Há uma diminuição da massa muscular, redução da capacidade dos rins e fragilidade dos ossos, sugerindo a osteoporose. A coluna se curva dolorida no achatamento dos discos, com mialgias, traumatismos e hérnias, enquanto no sexo masculino a próstata anuncia sua presença, com um elenco de sintomas da hipertrofia fisiológica ao câncer numa de suas mais frequentes incidências. Na maioria dos mamíferos, o limite de vida relaciona-se com tamanho físico, um ano para o camundongo, doze para o cão, trinta para o cavalo, setenta para o elefante. O homem excepciona-se ao viver mais que os grandes quadrúpedes, 76 nos países desenvolvidos e 68,9 no

Brasil, 72,9 para as mulheres e 65,1 para os homens somando uma diferença de 7,8 anos.

A resistência do organismo às infecções diminui com a idade. Ao longo do ciclo vital ocorrem sérias alterações nas células, atingidas por degenerescências que aceleram o envelhecimento ativado por herança genética, estresse, traumas psíquicos, desregramentos, drogas, fumo, álcool. O fator genético mostra sua influência no exemplo dos gêmeos univitelinos cujas mortes não excedem um intervalo de 1 meses, passando a 66 quando não idênticos. Filhos e netos de pessoas longevas vivem mais do que a média da população. Segundo o Guiness, a idade mais avançada registrada é de 122 anos. O Brasil ocupa a 108º posição na lista de expectativa de vida entre os 187 países relacionados pela ONU, abaixo do Uruguai, Chile e Argentina.

Grande problema da Terceira Idade, foco de especiais estudos, é a depressão com sintomatologia diversa das encontradas em outras fases da vida. Na velhice, a entidade tem sinais hipocondríacos mais evidentes e piores respostas ao tratamento. No cortejo dessa singularidade, são comuns as dores vagas e difusas pelo corpo ou na cabeça, coexistindo com laudos de laboratório normais. Os damos prosseguem com intestino preso, boca amarga, lábios secos, inapetência, hálito forte, cabendo ao médico distinguir o natural do patológico.

A depressão pode ser dividida em duas formas básicas, típica e atípica. A primeira emerge com todos os sintomas emocionais logo percebidos pelos familiares - indisposição, insegurança, angústia, ansiedade, tristeza, apatia, desânimo, irritabilidade. A segunda apresenta-se de forma discreta, própria das pessoas que não admitem sofrimento sem causa. Quando não descobrem um motivo justo, acham impossível o estado depressivo. Passam por vários consultórios com as mais deslavadas queixas, até se convencerem de que ninguém sabe interpretar suas dores.

O acúmulo dos anos modifica o indivíduo, tornando-o externamente mais feio e internamente mais fraco. Conta-se que um amigo de Tolstoi, ao encontrá-lo depois de longa ausência, perguntou-lhe como o achava. "Você é o mesmo, apenas menos", respondeu o escritor. "Como?". "Sim, menos jovem, menos bonito, menos simpático, menos elegante, menos inteligente, menos charmoso, menos tudo"

A Organização Mundial de Saúde considera idoso quem tem mais de 63 anos, e velho o cidadão que assume essa condição dependente de sua idade cronológica.

A Medicina dispõe de recursos adequados para dar ao idoso um padrão de vida digna de ser vivida, uma vez que todas as suas mazelas são passíveis de resoluções clínicas ou cirúrgicas. Para isso, é indicada a assistência de um especialista que lhe inspire confiança. Departamento de Geriatria da Cruz Vermelha é um dos mais procurados do Hospital e, com alegria, vejo seus bons resultados, nas mãos de um dedicado e competente médico.

A VIA ILUMINATA DE WANDERLEI RESENDE

Por RUI CAVALLIN PINTO

Conheci José Wanderlei Resende no convívio da vida forense. Ele juiz de Arapongas eu agente do Ministério Público. Mas não fomos simples colegas de ofício. Fomos amigos de guardar intimidade e compartilharmos jantares e eventos sociais. Anos depois, tornamos a nos encontrar, nas mesmas funções e mesma relação, mas na Vara de Execução Penal e Corregedoria dos Presídios da capital, ocasião em que renovamos nosso bom convívio, dividindo os problemas jurídicos e os dramas humanos da vida penitenciária.

Em 1995 me presenteou com seu "Caminhos", uma brochura reunindo 86 poemas. Mas já era desembargador e havia publicado "Folhas Caídas". Na ocasião eu o saudei na imprensa, homenageando seus flagrantes do cotidiano, convertidos em mimos-rimas, colhidos do diário da vida, que detinham o poeta diante da noiva no altar ou desperta sua emoção ao ouvir o velho carrilhão batendo horas de saudade e dolência. Noutras estampas o poeta comemora a noite que se avizinha ou o anúncio da primavera no chilreio da passarada. Tem até o poeta que vai às compras no Shopping, a imagem do hospital com suas dores e as ruas com seus bulícios. Havia, também, um particular devotado às canções de amor, feitas de ternura e devoção, dedicadas à esposa Cirenia, sua musa inspiradora e companheira e lembrança de toda uma vida.

Eu perguntava então se o exercício da judicatura não impedia o uso simultâneo da toga e da lira. Será que o bronze da lei e o rigor do

raciocínio jurídico não espantavam os fluidos da inspiração poética?

Soube depois que, na verdade, havia associações de juízes e editoras dedicadas ao exercício, à edição e divulgação dos versos dos juízes-poetas. E hávia,como há, tantos delas...

Assim, a exemplo, Raimundo Correa, o mais consagrado dos nossos parnasianos, se ressentia, no seu tempo, da sua condição de poeta. Nutria certo pudor epistemológico de que sua inspiração pudesse comprometer sua autoridade de juiz ou a respeitabilidade de suas decisões. Então, se alguém o saudava como poeta, logo reagia ríspido: "Raimundo Correa, juiz da 3ª. Vara Criminal!, isso sim!". Certa vez, no início da carreira, como promotor de São João da Barra, chegou a negar suas próprias rimas, quando o político local indagou dele, entre ansioso e incrédulo, se era verdadeira a notícia que corria no meio do povo de que ele era poeta.

Hoje, porém há razão para supor que juízes e poetas podem conviver no mesmo terreal. Adelmar Tavares, então desembargador-presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e membro da cadeira n° 11, da Academia Brasileira de Letras dizia, "se a poesia é a linguagem de falar com o céu, distribuir justiça é se aproximar de Deus. O juiz e o poeta estão irmanados na divina missão de prover o destino da humanidade." E falava de si com igual paixão: "Jamais reneguei minha arte por envergar uma beca. Jamais deixei de entoar uma estrofe com a mesma voz com que reclamo justiça."

Ora, a linguagem da justiça é sóbria e concisa, e isso explica o seu estilo lapidar e contido. É uma língua áspera, diz Radbruch, que renuncia toda expressão sentimental. Por sua vez, para o mestre uruguaio Eduardo Couture o processo judicial representa uma carga de sacrifício que nenhuma sentença pode aliviar, pois "o juiz é um homem que se move dentro do Direito, como o prisioneiro dentro do seu cárcere".

É daí é que surgiu, então, a "ponte de ouro", esta metáfora de Von Liszt, uma conjectura sentimental capaz de aliviar sua aflição e fundir as divergências de duas verdades, ligadas por uma unidade profunda: a Ciência e Arte, aparentemente divergentes.

Enfim, Wanderlei ocupou a cadeira 32 da Academia Paranaense de Letras, onde foi recebido em 18 de setembro de 2000. Deixou 5 livros de poesias: "Folhas Caídas", "Caminhos", "Grito Mudo", "Alma Nua" e "Caleidoscópio", além de sua participação em diversas Antologias de Contos e Crônicas e no Anuário de Poetas do Brasil, mais a sua contribuição para jornais e periódicos em geral.

Recebeu o Colar de Mérito Cultural, por sua participação em concurso de poesia e o prêmio Apollo Taborda França, outorgado pela Câmara Municipal de Curitiba.

Para Noel Nascimento, que o saudou na recepção da Academia e que foi igualmente poeta e promotor, Wanderlei deixou um belo e rico legado de sentimento amoroso, igual ao que imprimiu à sua vida e ao seu sacerdócio na Justiça. Vida modesta, de gestos simples e palavras amenas e amigas. Fez uma via iluminado pela poesia e pelo amor, e se desnudou em versos para celebrar uma visão amorável da vida, sobre a qual projetou uma coroa de confraternização universal. Seu "Grito Mudo" não resistiu o desafio de "...não ser poeta nessa nave errante. Como não ser poeta diante de tanta beleza". E refaz a voz para celebrar que "é "preciso amar, ... soltar as rédeas do coração... dar trela à imaginação... sorrir e chorar de amor....porque amor é fundamental".

E assim foi Wanderlei Resende, um amigo de tão suave presença, e um poeta, caloroso sementeiro do amor.

* * *

JOSÉ WANDERLEI MIRANDA DE RESENDE

Um bom membro da Academia que perdemos. Era uma pessoa delicada, bem-educado e naturalmente sensível, sem pose, sem vaidade. Sua inteligência se revelou como juiz e desembargador do Tribunal de Justiça, que dava atenção, com paciência redobrada, a todos que o procuravam, principalmente advogados. A memória escrita pelo acadêmico Rui Cavallin Pinto, será suficiente a ser adotada por todos os seus companheiros da Academia. Também estarão transcritos dois de seus poemas, que evidenciam o seu merecimento em ter sido um devotado acadêmico e um mais que discreto intelectual (do Editor).

* * *

WANDERLEI RESENDE
POEMAS

MINHA TRILHA

Minha trilha eu segui,
Mesmo com passos errantes
Andando entre o sol e a lua
Fui em frente, deixando o meu rastro.
Vez ou outra, nesta estrada desconhecida,
Encontrei guarida,
Mas também fui tocado
Como mendigo indesejável.
Não me importei com os desenganos
Mas lutei com garra por meus amores.
Esses sim, balsamizaram o meu coração.
E entre espinhos e flores,
Fui colhendo lições.
Muitos abraços quentes,
Muitos beijos adocicados,
Ora fui abelha colhendo néctar,
Ora fui urso chupando mel.
Êta vida boa, quando não se está a chorar!
Mesmo sabendo que próximo está o fim
É bom a algum lugar chegar,
E quem sabe neste destino,
Encontrar dois braços a me esperar.

POEMA

Poema, hoje não dá.
Poema não nasceu já.
Poema vem quando quer,
como visitante inesperado.
Poema é sentimento entalhado
na madeira do coração.
Poema escore nas veias,
com tanta sofreguidão.
Poema traz luz, calor, emoção,
Carrega lágrimas escondidas,
risos que disfarçam a dor.
Poema é a andorinha
Que tenho na mão,
Mas,que voa e não volta,
Quando é só ilusão.
Poema é tudo o que tenho,
O alento da solidão.

OS NOVENTA E OITO ANOS DA ESCRITORA E POETISA ZULMIRA BRAGA

Por CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN (*)

Senhoras e senhores!

Eu os convido a um inesquecível passeio pelo mundo encantado de Zulmira Braga.

Estamos abrindo as portas da mágica convivência com a realidade, a imaginação e a criatividade dançando entre a seriedade, a brincadeira, o desalento, a esperança, a alegria. Transitam tranquilos, como brisa cantante de harmonia e benfazejo viver, palavras, frases, pequenas histórias, em meio a jardins de flores mimosas.

Na sua entrada, nos recebem alguns profundos pensamentos para salvar o mundo:

ETERNIDADE, CADA UM TEM A SUA!

ABRIR UM SORRISO, FAZER UM AGRADO, DIZER A VERDADE, CUIDAR COM CARINHO!

COISA SIMPLES!

"EU CANTO PORQUE O INSTANTE EXISTE E A MINHA VIDA ESTÁ COMPLETA. NÃO SOU ALEGRE NEM TRISTE: SOU POETA! "

Ali: - os seus livros. Ah! Os seus livros: um caleidoscópio de arte e de beleza. A um pequeno toque, a um ligeiro folhear, toda a sua família! É a felicidade de quem ama e é amado! Folhear os livros, passear em muitos lugares! A história de Zulmira é a nossa história! A história do Paraná! Envolvido em deslumbramentos e surpresas, este é o mundo de Zulmira! Vale contar sua história!

Brincando com os provérbios, seu primeiro livro é a condição vivencial de Zulmira Bueno Brandão Braga, vivendo em tão especial simbiose, que a sua personalidade e a sua produção cultural juntas, nos levam a saltar de uns para outros assuntos, viajando com eles dentro de um *pensamento complexo,* assunto cientificamente apresentado pelo educador e filósofo Edgard Morin, tratando da multiplicidade de idéias e compreensões contidas em um só pensamento. (E. Morin in *Uma cabeça bem feita.)*

Um assunto, muitas idéias, associações, aprendizagens múltiplas!

Cada Livro, uma diversidade de assuntos. Sequência? Prá quê sequência?

Ler, sorrir, voltar, seguir, associar. Sem tempo, pulsando emoções...

-Ah! Esse ? Já conheço! De onde? – Esse outro, é provérbio da minha Avó! E o outro... ah! É um poema com um provérbio! Formas e propósitos inesperados. Será esse o estilo da Zulmira? Será essa a razão de serem os seus livros tão atraentes? Atemporais?

Personalidade encantadora, Zulmira é o pilar seguro construído a partir de quando, menininha, destemida, buscou o seu pai para trocar de nome! Cordato, o pai aceitou a possibilidade. Apenas disse de ele estar perdendo a oportunidade de dar à filhinha o nome que fora da mãe dele, tão querida e carinhosa e, portanto, um lindo nome para a sua filhinha!

Convencida, a menininha voltou correndo e enfrentou, orgulhosa, as suas amiguinhas que haviam brincado com o seu nome e, se apresentou , em uma explosão de firmeza e alegria: - Meu nome é Zulmira! Estava lançada a marca de sua personalidade! Marca tão inteira e característica que a levaria ao podium!

Ouvir, pensar, transformar, escrever, programar, com rima, sem rima, voltar, compor, iluminar, brilhar, ... lançar ao mundo!

Zulmira recebe ou escolhe os ditos de antigamente, e os de repentistas da hora, incorpora-os na mística de uma sentença moral, palavras impondo sua responsabilidade secular, de sabedoria popular, ou cômica, ou funérea e, os transforma em Provérbios de solene postura dramática. Ditos comuns que ameaçam, ou riem das inconseqüências, provérbios que interligam fatos, vivências de um contexto social que tem vida! O suficiente para que o leitor se incorpore entre as personalidades, compondo quadros os mais variados e encantadores. Zulmira os respeita, saúda-os, brinca com eles, veste-os, torna-os peças de profunda importância.

Agradável! As mais das vezes, a cada página, um provérbio. Se antigo, conhecido, levam-nos a enriquecê-los com as nossas lembranças. Se novos, descobrimos a sua propriedade. E lá vamos nós, seguindo desde sempre, as tessituras da Zulmira!

Filha do Juiz de Direito e poeta Dr. António Toribio Teixeira Braga, nome relevante da literatura de sua época, e da professora de piano Marieta Bueno Brandão Braga, Zulmira, ao comemorar, este ano os seus noventa oito anos, continua sendo, *uma jovem intelectual de vanguarda,* destacando-se, não somente pelas suas produções poéticas, mas pela sua suprema habilidade com o trato das palavras, dando-lhes poderes mágicos no curso das frases, imprimindo-lhes cadências e brilhos inesperados, no jogo imenso das expressões e ditos populares, adequando-as à vivências que se repetem. Nessa trama

palavras e frases, mantém-se vivas, até mesmo quando passam de uma para outras gerações. Sobressai-se em suas composições, um lirismo que agrada, revela e compõe traços indeléveis na marcha comum da evolução do homem e da sociedade.

Autora de uma variada bibliografia teve sob suas mãos uma coluna permanente na Gazeta do Povo, com pronunciamentos culturais aguardados semanalmente pela comunidade paranaense. Sua produção literária ultrapassa os dez títulos, livros que revelam sua competência e inteligente criatividade.

O lançamento de seu último livro, **O Primeiro depois do último,** com mais de duzentas páginas de composição artística e literária de alta categoria é uma saudação à chegada dos seus noventa e oito anos, onde brilha a sua harmoniosa personalidade.

Com uma interligação intensa entre toda a sua família, unindo-a como uma matriarca, constitui até o presente, um pilar de cultura e entretenimento, assegurando memórias, envolvendo em torno de si os valores maiores de uma tradição familiar que se perpetua.

Escrever livros é a sua tarefa de unir todos em volta de todos!

É tempo ainda? É! É tempo sim! O tempo de sempre! Tempo para quem marca o tempo, dia após dia com a responsabilidade de fazer do tempo, o tempo da realização. Da alegria de concorrer para a busca de um tempo no rumo do tempo em um mundo melhor.

Não importa o tempo da idade. A alegria, as lembranças, as doces saudades, só acontecem no Tempo Presente!

O Diploma de Escritora Emérita da Cultura Paranaense é a

homenagem do Tempo de hoje, que continuará a mesma homenagem no Tempo do amanhã. Mas é no Tempo deste Presente que brilha a nossa homenagem! Pois, ***A lágrima, o riso, o beijo,/ O encontro e a despedida,/A saudade e a esperança, só acontecem no Presente./ O Futuro de castelos, depressa já é Passado./ O Presente é a Plenitude, a Vida, a Eternidade***!

E é neste Tempo do Sempre que apresentamos à ilustre Escritora e Poetisa Zulmira Braga esta Homenagem Solene, enviando, com as láureas de que é merecedora, esta nossa efusiva salva de palmas!

*Presidente da Academia Paranaense de Letras e do Centro Paranaense Feminino de Cultura.

E.T. Cabe acrescentar: A homenageada agradeceu com um significativo improviso!

O PODER MODERADOR NO IMPÉRIO E A HERANÇA POSITIVISTA NA REPÚBLICA

Por LAURENTINO GOMES (*)

Antes de mergulhar no tema proposto, gostaria de oferecer alguns esclarecimentos aos leitores. Apesar da sugestão indicada no título, não pretendo aqui traçar relação direta, de causa e efeito, entre o Poder Moderador no Império e o pensamento positivista na República. Seria temerário dizer que um tenha sido consequência ou desdobramento natural do outro. Ainda assim, acredito ser possível fazer um paralelo entre essas duas correntes de pensamento e demonstrar que o Brasil do Século 19, mais do que qualquer outro país do mundo, ofereceu a elas um solo fértil e receptivo para que se transformassem em práticas políticas fundamentais na organização do poder e da sociedade. Há razões estruturais que explicam a adoção e a eficácia do Poder Moderador no Império tanto quanto a persistência das ideias positivistas na história republicana. Mais do que isso, pode-se dizer que essas ideias continuam ainda hoje profundamente arraigadas na cultura brasileira e ajudam a explicar anseios e comportamentos políticos que se manifestam de diferentes formas na realidade atual do país.

Feita ressalva, passemos à definição conceitual do nosso tema.

O Poder Moderador inspirava-se nas ideias do pensador franco-suíço Henry Benjamin Constant de Rebeque. Germinou em um ambiente de profunda transformação na história da humanidade, entre meados do Século 17 e início do Século 19, período que o historiador britânico Erick Hobsbaum definiu como "A Era das

Revoluções". E, de fato, provavelmente nenhuma outra fase da história humana tenha sido tão transformador em tão reduzido espaço de tempo. É um período marcado pela Independência Americana de 1776, responsável pela criação da primeira democracia republicana da História Moderna; pela Revolução Francesa de 1889 e as Guerras Napoleônicas que se seguiram a ela; e também por transformações de natureza econômica e tecnológica, como a Revolução Industrial da Inglaterra no Século 18.

Todas essas mudanças sugeriam uma nova fórmula de organização da sociedade. Antes, todo o poder emanava do rei e em seu nome era exercido. Os filósofos humanistas, iluministas e enciplopedistas do Século 18 propunham a inversão dessa equação política: todo o poder deveria emanar do povo e em seu nome ser exercido. Esse conceito estava na base do projeto republicano, que tiraria os reis de cena. Haveria, porém, um estágio intermediário entre monarquia absoluta e o regime republicano? Benjamin Constant de Rebeque entra em cena com o objetivo de enfrentar esse desafio. Seu Poder Moderador era uma tentativa de reconciliar a monarquia com liberdade, direitos civis e constituição. Na sua opinião, caberia ao soberano mediar, balancear e restringir o choque entre os poderes, sem entregá-los de imediato e totalmente nas mãos do povo – ou de seus supostos representantes, como costumava se definir a burguesia.

Depois de três séculos de regime colonial, o Brasil foi imediatamente capturado pelo furacão das revoluções que emanavam da Europa e dos Estados Unidos. Os primeiros sinais estavam na Inconfiência Mineira de 1789, não por acaso o mesmo ano da Revolução Francesa. E se desdobrariam num impacto decisivo em 1808, com a chegada da corte de Dom João ao Rio de Janeiro, fugindo das tropas do imperador Napoleão Bonaparte. O processo de Independência que se seguiria à fuga da corte seria marcado por um intenso debate a respeito do regime, da organização e das prerrogativas do poder depois da

separação dos vínculos com Portugal. Até onde iria o poder do soberano Pedro I, aclamado e coroado imperador em 1822? Ao contrário do seu pai e de todos os seus antecessores na Dinastia de Bragança, Dom Pedro teria de se submeter a uma Constituição. Mas qual seria o escopo do mandato da Constituinte, convocada por ele logo a seguir o Grito do Ipiranga? Quem mandaria em que? Quem responderia a quem? Foi nesse ambiente que germinou em solo brasileiro a semente do Poder Moderador de Benjamin Constant de Rebeque.

O Poder Moderador foi adotado na Constituição outorgada por Dom Pedro I em 1824, meses após o dissolução da nossa primeira Assembleia Constituinte, em novembro de 1823. Na prática, funcionava como um quarto poder, que se sobrepunha aos demais (Executivo, Legislativo e Judiciário) e arbitrava eventuais divergências entre eles. Entre as prerrogativas asseguradas ao imperador na Constituição de 1824 estavam a faculdade de nomear e demitir livremente os ministros, dissolver a câmara dos deputados e convocar novas eleições legislativas, das quais resultavam a composição de um novo governo. O artigo 98, parágrafo 6, afirmava que o poder moderador era "a chave de toda a organização política, delegado privativamente ao imperador que,nessa condição, é o responsável pela manutenção da independência, equilíbrio e harmonia entre os poderes públicos". O artigo seguinte afirmava: "A pessoa do imperador é inviolável, e sagrada: ele não está sujeito a responsabilidade alguma".

Lidos ao pé da letra, esses artigos poderiam sugerir que Dom Pedro I mantinha acondição de monarca absoluto, tanto quanto haviam sido seu pai, Dom João VI, sua avó, Dona Maria I, e seu bisavô, Dom José I. Mas era só aparência. O simples fato de haver uma constituição, ainda que outorgada, significava que o poder do imperador, doravante, teria limites. E foi esta uma das chaves da longa estabilidade política testemunhada pelos brasileiros durante os 67 anos de monarquia. Entre 1824 e 1889, Dom Pedro I e Dom Pedro

II invocaram o Poder Moderador doze vezes para dissolver a Câmara – em média uma a cada cinco anos. Foi pelo uso do Poder Moderador que Pedro II, de forma, na maioria das vezes, hábil e cuidadosa, assegurou a alternância no governo dos dois grandes partidos do Império, o Consevador e o Liberal, num equilibrio de forças que jamais se veria novamente na fase republicana da história do Brasil.

O Positivismo nasceu das ideias de outro pensador francófono, August Comte, e, curiosamente, teve entre seus discipulos no Brasil o tenente-coronel e professor fluminense Benjamin Constant Botelho de Magalhães, assim batizado em homenagem ao pai do Poder Moderador, Benjamin Constant de Rebeque. O positivismo de Comte baseia-se em um sistema filosófico chamado "Lei dos Três Estados". Por ele, o ser humano passaria por três etapas distintas de evolução. A primeira seria a fase mistica ou teológica, na qual as pessoas tentariam explicar os mistérios da natureza pela crença na ação de espíritos e elementos mágicos. Seria um estágio marcado pela confiança absoluta nos fenômenos sobrenaturais. A imaginação se revelaria sempre mais forte do que a razão. Sociedades ainda presas à fase teológica tenderiam a aceitar a ideia de que a autoridade dos reis e o poder do estado teriam uma origem divina, decorrentes de uma delegação sobrenatural e não de um pacto livre entre as pessoas. A monarquia, portanto, seria o regime de governonatural de um estágio ingênuo e primitivo na evolução humana.

O segundo estado, segundo Comte, seria o metafísico. A imaginação daria lugar à argumentação abstrata. A ação do sobrenatural seria substituída pela força das ideias. Nesse patamar estariam, por exemplo, os filósofos gregos, que passaram a usar a razão para explicar os fenômenos naturais. Em decorrência dessa mudança de foco, a organização e o governo das nações passariam a basear-se na soberania popular, não mais numa suposta origem divina. Este seria, porém, um estágio evolutivo apenas intermediário, no qual os seres humanos ainda

não teriam acesso ao instrumento mais fundamental na aquisição do conhecimento – o método científico.

A Ciência só passaria a orientar o entendimento e as ações humanas na fase seguinte, a terceira na escala de valores de Auguste Comte, que ele chamou de estado "científico" ou "positivo". No ponto de vista de Comte, era para esse terceiro estágio que boa parte dos seres humanos se encaminhava no Século 19 – pelo menos nas sociedades que ele julgava mais educadas e desenvolvidas, caso dos países europeus. No estado "positivo", a ciência assumiria, finalmente, o papel de orientadora do conhecimento e da evolução dos povos. Através da cuidadosa observação científica dos fenômenos naturais e sociais seria possível, em primeiro lugar, tirar conclusões seguras a respeito do universo e também do comportamento humano – como se a História fosse comparável a um relógio ou outro mecanismo qualquer, cujo funcionamento pudesse ser cuidadosamente observado e do qual se pudessem tirar lições aplicáveis ao passado, ao presente e ao futuro. O passo seguinte seria o da ação transformadora no ambiente social. O correto entendimento das leis naturais e sociais tornaria possível não só explicar o passado e o presente, mas também prever e organizar o futuro. O regime republicano seria decorrência natural do estádio positivo.

O sistema de Comte, como se vê, resultava da aplicação pura e simples dos princípios das ciências exatas nas ciências humanas. Da mesma forma como, na Matemática, dois mais dois são cinco, na História também haveria elementos concretos que, devidamente analisados e interpretados, poderiam levar a conclusões lógicas e desdobramentos previsíveis. Essa noção estaria na base da moderna sociologia, ciência da qual Comte é considerado um dos fundadores. Dela resultou também a expressão "Ordem e Progresso". No entendimento de Comte, se existe uma ordem estática na História, possível de ser compreendida pela observação científica,

haveria também uma dinâmica social, responsável pelas leis do seu desenvolvimento, ou seja, o progresso. Uma vez entendida a ordem da sociedade seria possível reformar as suas instituições de maneira a acelerar o seu progresso.

Comte levou tão a sério o seu sistema dos três estágios que transformou o positivismo em religião, a religião da humanidade, que, por sinal, até muito recentemente teve inúmeros seguidores em Curitiba. No Brasil, no entanto, como religião o Positivismo foi um fracasso. Como prática política, acabou na bandeira republicana brasileira, uma das raras no mundo a conter palavras em meio a sua simbologia heráldica: "Ordem e Progresso", prova inconstável do fascinio exercido pelo pensamento positivista entre os proclamadores da república de 1889.

Feitas essas definições conceituais, vamos observar a seguir a natureza do solo em que germinaram e deitaram raízes essas duas sementes do Século 19 – o Poder Moderador no Império e o Positirismo na República.

Por onde começar? Um ponto de partida pode ser 1808, o ano da chegada da corte de Dom João ao Rio de Janeiro. Que Brasil era este que a familia real portuguesa encontrou nos trópicos?

Algumas caracteristicas importantes do Brasil época:

- A população era estimada em cerca de 3 milhões habitantes. Destes, um milhão era composto por escravos. Outro milhão, por brancos, portugueses ou descendentes de portugueses. O terceiro milhão era formado por negro forros – recém-libertos, mulatos, mestiços e indios.

- O Brasil era o maior território negreiro das Américas. Até meados do Século 19 receberia 40% de todos os cerca de

12 milhões de cativos africanos trazidos para o continente americano ao longo de três séculos e meio;

- O analfabetismo era estimado em 99% da população. As escolas eram poucas e isoladas no território. Nessa época o Brasil não tinha nenhum universidade, contra 22 da América Espanhola. A educação estava confiada às ordens religiosas;

- Havia muita pobreza, grande precaridade na saúde e no saneamento básico;

- A concentração de riquezas caracterizava-se pelo regime de latifúndio – e, na maioria das vezes, letifúndio improdutivo;

- O Brasil há tinha o seu território gigante, nas proporções continentais de hoje, porém marcado pelo isolamento, pela falta de comunicações e pela rivalidade entre os chefes políticos regionais;

- Devido ao isolamento geográfico e à falta de comunicações entre as diversas regiões, pode-se dizer que, a rigor, não havia aqui um Brasil, mas um arquipélago de Américas portuguesas, que se reportagem diretamente a Lisboa, sem muito comunicação entre as diferentes regiões.

Ao observar esse cenário em 1812, o futuro Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, cunhou uma frase famosa em carta dirigida ao então embaixador portuguesa em Londres, Dom Domingos de Sousa Coutinho, irmão do Conde de Linhares: "Amalgamação muito difícil será a liga de tanto metal heterogêneo, (...) em um corpo sólido e político". Essas palavras poderiam ser traduzidas da seguinte forma: "Dá para construir um país com essa matéria prima?" Seria possível fazer um Brasil homogêneo, coerente e funcional com tantos escravos, pobres e analfabetos, tanto latifúndio

e tanta rivalidade interna? De fato, pode-se afirmar que, às vésperas de sua Independênca, o Brasil tinha tudo para dar errado. À primeira vista, as chances de fracasso eram maiores do que as de sucesso.

Uma tese do historiador Sérgio Buarque de Holanda afirma que o sentimento de medo funcionou como um amálgama no processo de Independência do Brasil. Medo de duas naturezas. A primeira era a de uma guerra civil republicana, que pudesse fragmentar o território, à semelhança do que já estava ocorrendo na vizinha América Espanhola. A segunda, de uma conflagração social, de uma guerra étnica entre negros escravos e brancos. O medo do chamado "haitiismo", segundo uma expressão muito usada na época.

A soma de todos esses medos fez com que a elite brasileira nas diversas províncias se mantivesse unida em torno da coroa. No Brasil de 1822 havia muitos grupos com opiniões diferentes a respeito da forma de organizar o jovem país independente, mas todos entravam em acordo diante do perigo de uma insurreição dos cativos – esta, sim, a grande preocupação que pairava no horizonte. Os riscos do processo de ruptura com Portugal eram tantos que a pequena elite brasileira, constituída por traficantes de escravos, fazendeiros, senhores de engenho, pecuaristas, charqueadores, comerciantes, padres e advogados, se congregou em torno do imperador Pedro I como forma de evitar o caos de uma guerra civil ou étnica que, em alguns momentos, parecia inevitável. Conseguiu, dessa forma, preservar os seus interesses e viabilizar um projeto único de país no continente americano. Cercado de repúblicas por todos os lados, o Brasil se manteve como monarquia por mais de meio século – "uma flor exótica na América".

Segundo Otavio Tarquinio de Sousa, não há povo na Independência do Brasil. Tarquinio de Souza se refere aqui à definição sociológica de povo como agente de transformações

políticas. Havia muita gente no Brasil de 1822 – ou seja, povo no seu sentido demográfico, populacional – mas não havia povo como agente de transformações políticas porque a imensa maioria era pobre, escrava e analfabeta, portanto incapaz ou não autorizada a participar das mudanças em curso. Como resultado, o país foi edificado de cima para baixo. Coube à pequena elite imperial, bem preparada em Coimbra e outros centros europeus de formação, conduzir o processo de construção nacional, de modo a evitar que a ampliação da participação para o restante da sociedade resultasse em caos e rupturas traumáticas. Dessa forma, o Brasil conseguiu romper seus vínculos com Portugal sem alterar a ordem social vigente. "A solução monárquica (...) oferecia a garantia de uma revolução de cima para baixo, dispensando grande mobilização popular", resumiu a historiadora Emilia Viotti da Costa.

Todos esses temores vieram à tona especialmente na época da Regência, como ficou conhecido o período entre a Abdicação de Dom Pedro I, em 1831, e a Maioridadede Dom Pedro II, em 1840.

No decênio entre 1831 a 1841, o Brasil testemunhou um clima de excitação e liberdades políticas sem precedentes. Lideranças liberais, como o fluminense Evaristo da Veiga e o mineiro Teófilo Ottoni, que haviam lutado contra o absolutismo de D. Pedro I, defendiam a redução do poder monárquico, a ampliação dos direitos individuais e da autonomia das províncias. O padre Diogo Antônio Feijó, ministro da Justiça e depois regente do império, promoveu uma profunda reforma nas forças armadas. O exército foi praticamente dissolvido. No lugar dele organizou-se a Guarda Nacional, sob controle civil, inspirada nas milícias de cidadãos da Revolução Francesa. A pátria em armas zelaria pela própria segurança.

Um segundo marco da descentralização foi o Código de Processo Criminal de 1832, que criou nova hierarquia de juízes. A figura chave

era o juiz de paz, magistrado local, sem formação em direito nem remuneração, eleito por um ano, para julgar pequenas causas, conter os conflitos e zelar pela ordem. Tinha como auxiliares os inspetores de quarteirão, moradores designados para vigiar setores com pelo menos 25 residências. Em 1834, o Ato Adicional à Constituição, votado pela Câmara dos Deputados, ampliou a autonomia das províncias, mediante a criação das assembleias provinciais, com poderes para fixar despesas locais e criar os impostos necessários para cobri-las. O Conselho de Estado, órgão supremo do poder executivo nacional, subordinado apenas ao imperador, foi abolido.

A experiência, no entanto, rapidamente fracassou. O enfraquecimento do poder central revelou-se incapaz de conter a agitação nas províncias. Entre 1831 e 1848 o país foi sacudido por nada menos que 22 revoltas regionais. Foram vinte no período regencial e mais duas já no Segundo Reinado – a Revolução Liberal, ocorrida em 1842 em São Paulo e Minas Gerais, e a Praieira, de Pernambuco, em 1848. Só no Rio de Janeiro houve cinco levantes entre 1831 e 1832.

Foi nesse ambiente que germinou e se fortaleceu o Poder Moderador do Império. Começava ali o que o historiador José Murilo de Carvalho chamou de "construção da ordem" e também de "teatro de sombras", cujos atores principais eram o próprio soberano, seus conselheiros e ministros, senadores e deputados, presidentes de província, comandantes de armas, coronéis da guarda nacional e uma vasta teia burocrática de cargos menores que se espalhava pelas regiões mais distantes do país e tudo controlava na vida brasileira.

Ao analisar o Poder do Poder Moderador no Segundo Império, o historiador Sérgio Buarque de Holanda fala numa "constituição não escrita", diferente da constituição real, que ditava a política do imperador mais de acordo com as conveniências do jogo de poder do que na letra da lei. A constituição real, por exemplo, autorizava

a dissolução da Câmara dos Deputados apenas "nos casos em que o exigir a salvação do Estado". Inferia-se que a medida seria adotada somente em situações extremas, de grave crise institucional. A rigor, nunca houve uma emergência dessa natureza em todo Segundo Reinado, mas D. Pedro II, valendo-se das prerrogativas do Poder Moderador, dissolveu a Câmara inúmeras vezes com o simples objetivo de promover a rotatividade dos partidos no poder. Nos 49 anos do Segundo Reinado, D. Pedro II teve 36 gabinetes, em média um a cada quatro meses. Executava, dessa forma, uma lei não escrita, com a devida complacência dos dois partidos. Sempre que um deles estivesse na oposição, sem chances de chegar ao poder pelas urnas devido à fraude eleitoral, a única forma de voltar a ser governo era esperar que o imperador dissolvesse a câmara e convocasse novo ministério.

Pela constituição, presumia-se que o ministério deveria merecer a confiança da Câmara dos Deputados para se manter no governo. Era assim que funcionavam os modelos clássicos de parlamentarismo europeu, especialmente o britânico. Na realidade, a formação do governo dependia mais da vontade do imperador do que do resultado das urnas. Em geral, usando os privilégios do Poder Moderador, D. Pedro II primeiro dissolvia a câmara e depois nomeava o chefe de gabinete, cujo ministério se encarregava de assegurar a vitória nas urnas mediante a corrupção e o ataque aos adversários. Era, portanto, um parlamentarismo às avessas. O governo manipulava as eleições e, através delas compunha uma câmara de deputados subordinada aos seus desejos, e não o contrário.

E foi essa fórmula, invenção genuinamente brasileira adaptada das ideias de Benjamin Constant de Rebeque, exótiva nos trópicos, que o Brasil – tido por muitos como um experimento instável e, de certa forma, perigoso – conseguiu assegurar o maior período de estabilidade política de toda a sua história. Essa arquitetura peculiar cairia por terra na manhã do dia 15 de novembro de 1889.

Depois desse rápido sobrevôo pelos 67 anos de nossa história monárquica, vamos analisar, também de forma sumária e resumida, o ambiente em que se criou a ideia do Positivismo na República.

No ano da Proclamação da República, o Brasil tinha cerca de 14 milhões de habitantes, sete por cento da população atual. De cada 100 brasileiros, somente quatorze sabiam ler e escrever o próprio nome. Os demais nunca tinham frequentado uma sala de aula. Entre os negros e escravos recém-libertos, o índice de analfabetismo era ainda maior, superior a 99%. Só uma em cada seis crianças com idades entre seis e quinze anos frequentava a escola. Em todo o país havia 7.500 escolas primárias com 300.000 alunos matriculados. Nos estabelecimentos secundários, o número caia de forma dramática: apenas 12.000 estudantes. Oito mil pessoas tinham educação superior – uma para cada grupo de 1.750 habitantes. A agricultura respondia por 70% de todas as riquezas nacionais e a imensa maioria da população se concentrava no campo. Oito entre dez brasileiros moravam na zona rural. O café dominava a pauta de exportação. Sozinho, o Brasil fornecia 60% da produção mundial.

Depois de 67 anos de monarquia, o experimento Brasil continuava, do ponto de vista social, perigosamente instável. Era ainda um país ainda dominado pelo anafabetismo, pela pobreza, pela escravidão, pela concentração de riquezas, pelo isolamento, pela falta de comunicações e pelas rivalidades regionais. O cenário tornava-se especialmente instável e perigoso diante da perspectiva da mudança do regime de governo, de monarquia para república.

Por essa razão, em 1877, onze antes da Proclamação da República, o grande abolicionista pernambucano Joaquim Nabuco perguntava: "Deve ou não o povo participar da política? (...) pelas condições especiais em que nos achamos, de território, de população, de trabalho escravo e de distribuição de propriedade". Com linguagem diferente, era a mesma observação que o mineralogista José Bonifácio

de Andrada e Silva havia feito em 1812 ao analisar as perspectivas de êxito do Brasil – e já citada no início desta palestra. Em outras palavras, "Dá para construir um país com essa matéria prima?" – com tantos panalfabetos, tantos escravos abandonados à própria sorte, tanta pobreza, tanto latifúndio e tanta rivalidade regional.

É neste ambiente que se dá a íntima associação entre o Positivismo de Augusto Comte e a campanha republicana.

Às véspera da queda do Império, o Positivismo de August Comte teve como terreno fértil a chamada Mocidade Militar de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, professor da Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. A mocidade militar foi o fermento de um bolo ao qual se juntariam mais tarde, já às vésperas do golpe, os demais ingredientes da Proclamação da República, incluindo oficiais militares mais veteranos, como os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, os fazendeiros do oeste paulista e toda a galeria de jornalistas, advogados e intelectuais republicanos.

Ao longo do Século 19, os militares tinham tstemunhado e vivido a instabilidade do experimento Brasil isso mais do que qualque outro segmento da sociedade brasileira. Tinha enfrentado as angústias do Primeiro Reinado, as revoltas na regência, o desafio da consolidação do território em meados do século, as enormes dificuldades da Guerra do Paraguai, que exigiu a mobilização de recursos materiais, financeiros e humanos que a rigor o país não tinha - e definitamente não teria sem a sua dimensão populacional e territorial.

Por essa razão, no pensamento de Augusto Comte estava, igualmente, a gênese de outro conceito que moveu as paixões dos jovens oficiais, os "científicos", da Escola Militar da Praia Vermelha – o da ditadura republicana. A tarefa de reformar a sociedade, segundo a proposta de Comte, deveria ser levada a cabo por uma elite científica

e intelectual situada na vanguardados três estágios evolutivos. Orientado pela ciência, consciente de seu elevado papel na sociedade positiva, esse grupo seria capaz de estabelecer e executar planos rumo a um futuro de paz e prosperidade gerais. A enorme massa da população, pobre, analfabeta e ignorante, teria de ser conduzida e controlada pela elite republicana, por ainda não estar pronta para participar ativamente do processo de transformação.

A república, portanto, deveria ser implantada de cima para baixo, de maneira prevenir insurreições e desordens populares quepudesse ameaçar a boa marcha dos acontecimentos. Onde antes havia a elite imperial, entrava a elite cientifica, militar e intelectual. A construção da Ordem realiza-se, uma vez mais, de cima para baixo. "Para termos uma república estável, feliz e próspera é necessário que o governo seja ditatorial e não parlamentar", defendeu em discurso de 14 de dezembro de 1889, menos de um mês após a Proclamação da República, o ministro da Agricultura do novo Governo Provisório, o gaúcho Demétrio Ribeiro, fiel seguidor do ideario de Auguste Comte.

Aqui está também a grande contradição entre a campanha civil republicana e a forma como o novo regime se impôs. O regime instalado desmentia grande parte da campanha republicana que mobilizara o país nos anos anteriores. Nos discursos, agitadores populares como Silva Jardim e Lopes Trovão reproduziam a retórica da Revolução Francesa convocando o povo a participar ativamente da transformação nas ruas. O manifesto republicano de 1870 afirmava que a monarquia brasileira era incompatível com soberania nacional. O poder, segundo seus autores, deveria se basear na vontade popular. O que se viu nos dez anos seguintes à implantação da república foi o oposto disso. A republica civil deu lugar a um regime diratorial, sob o comando de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, que passaria para a história como o consolidador da República e a alcuna de "O Marechal de Ferro". Foi alto preço em sangue e sacrificios cobrado

pela consolidação da República: mais de trinta mortos em uma sequência trágica de confrontos, revoluções e guerras civis, que incluiram a Revolta da Armada, a Revolução Federalista e a Guerra de Canudos, no sertão da Bahia.

Claramente, sob a bandeira do Positivismo, os militares assumem na república o papel de tutores do regime, herdeiros na prática do Poder Moderador até então desempenhado pelo soberano. "Os militares (...) julgaram-se donos e salvadores da república, com direito a intervir assim que lhes parecesse conveniente", notou José Murilo de Carvalho. Com a ressalva de que, neste caso e com o perdão do tracadilho, tratou-se de um Poder Moderador sem moderação. No ambiente do Poder Moderador, Dom Pedro II dissolvia a Câmara e convocava novas eleições que, bem ou mal, eram respeitadas. Os militares adotaram o hábito de fechar a Câmara, prender ou exilar seus opositores, censurar a imprensa. Portanto, um Poder Moderador sem moderação. O resultado é uma série inacreditável de quarteladas e intervenções abruptas nas instituições, que marcaram até recentemente a tumultuada história republicana brasileira. Ao suspender as garantias constitucionais na Segunda Revolta da Armada, em 1893, Floriano Peixoto defendeu-se das acusações de arbítrio com a seguinte frase ouvida pelo ministro Cassiano Nascimento:

> – *Amigo, quando a situação e as instituições correm perigo, o meu dever é guardar a Constituição em uma gaveta, livrá-la da rebeldia e, no dia seguinte, entregá-la ao povo, limpa e imaculada....*

Guardar a constituição na gaveta significava ironicamente ignorar todos os princípios constitucionais e baixar o porrete nos advesários até que o próprio Floriano julgasse que a situação estivesse sobre controle. Aí, sim, devidamente "limpa e imaculada", segundo suas próprias palavras, a constituição seria devolvida ao povo para que fizesse bom uso dela.

Como ideologia política, a ideias de Comte teriam um impacto enorme e duradouro na história republicana. Alguns estudiosos chegaram a estabelecer ligações entre elas e a Revolução de 30, liderada pelo gaúcho Getúlio Vargas, ele próprio um ex-herdeiro direto do positivismo de Julio de Castilhos e Borges de Medeiros no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, haveria no golpe militar de 1964 um eco positivista tardio, tão profundamente arraigado no pensamento militar estaria a ideia de um grupo iluminado capaz de conduzir de forma ditatorial os rumos da perigosamente instável república brasileira. A república precisava ser guardada, vigiada e tutelada. Os militares assumem assim o papel que a elite jurídica de Dom Pedro II, formada nas escolas de Direito de São Paulo, Olinda e Recife, exercera no Seculo 19.

A professora Emilia Viotti da Costa se refere a um vasto sistema de tutelagem, criado no Império e perpetuado pela República.

Antes de encerrar, gostaria de deixar, a título de provocação, uma pergunta: existiria ainda hoje no Brasil uma certa nostalgia do papel desempenho pelo Poder Moderador e pelo pensamento positivista na fase da história republicana encerradacom a redemocratização de1984? A defesa nas redes sociais como Twitter e Facebook, de tantas pessoas, incluindo muitos jovens, que defendem a intervenção militar nas instituições como forma de resolver ou apressar a solução dos problemas naturais de uma democracia, seria indicativos de uma "tentação totalitária" na cultura brasileira? Diante das dificuldades do presente, parte dos brasileiros ainda sonham com a volta do "sistema de tutelagem" apontado pela professora Viotti da Costa nos seus estudos sobre o Império e o início da República? Por que o brasileiro cobra ou espera tanto do Estado, mas se revela tão pouco disposto a participar da política num ambiente de democracia? Haveria entre nós a nostalgia de um "tutor", como, apenas como exemplo, o austero e culto imperador Pedro II, que resolveria todos os

nossos problemas sem que tivessemos de fazer escolhas? Para usar uma linguagem freudiana, estaríamos a sonhar com um pai que nos conduzisse ao futuro sem dores e grandes sofrimentos, um Salvador da Pátria como Floriano Peixoto ou Getúlio Vargas? Seria possível romper com essa herança histórica? O que Benjamin Constant de Rebeque e Augusto Comte teriam a ver com isso?

São todas perguntas que julgo pertinentes para entender o atual momento político brasileiro e nossa jornada rumo ao futuro. Mas isso seria tema para outro artigo, uma vez que o espaço deste já há muito se esgotou.

(*) O artigo reproduz parte do texto da palestra do autor na XXI Semana de História, promovida pela Academia Paranaense de Letras e pelo Instituto Histórico e Geográfico do Paraná em outubro de 2015.

SOBRE A FEB E NÓS

Por EDUARDO ROCHA VIRMOND

O que vou relatar é uma memória. A minha memória, do que desde já apresento minhas desculpas.

Fui admirador da FEB, destinada a combater o nazi-fascismo, antes dela existir. Em 1937 minha mãe me levou em Ponta Grossa para assistir o desfile da Ação Integralista. Fiquei, criança, enojado. Desde essa época, desse dia, eu me tornei, com apenas oito anos, anti-fascista. No Colégio Diocesano Santa Cruz, em Castro, já em1940/41, dividíamos os que eram do lado dos alemães daqueles que eram do lado da Inglaterra. Houve uma reviravolta, porque claro que todos ficamos do lado do Brasil.

No plano geral, foi formada então o grande agrupamento internacional denominado "Aliados". Logo depois os submarinos alemães torpedearam navios de passageiros brasileiros, que se dirigiam do Norte para o Sul, de Pernambuco para Santos, e mataram todo mundo. Naquele tempo, brasileiros viajavam de navio. Daí surgiu a campanha nacional para que o Brasil se perfilasse aos Aliados e ingressasse na guerra.

Suspeitava-se que Getúlio Vargas estava indiferente. Não era verdade, já em reunião com Roosevelt cedera as bases de Natal e do Sul, inclusive Curitiba, para o acionamento dos aviões americanos, para facilitar os transportes para a África e para enfrentar submarinos e todas as geringonças dos alemães, no que se incluíam o que se denominava de quinta coluna, espiões que serviam Hitler e que estavam no Brasil,

inclusive em Curitiba, em Ponta Grossa, em Blumenau como rádio-amadores, que foram considerados traidores da Pátria. Não é de se esquecer que os alemães eram protegidos por Peron e outros fascistas da Argentina. Eu era um piá com 11 ou 12 anos e participava, como se pudesse participar, dos comícios na Praça da Matriz em Ponta Grossa na campanha para o Brasil entrar na guerra.

Afinal foi constituída e convocada a Força Expedicionária Brasileira. Houve um fato peculiar aqui no Paraná. As pessoas faziam fila para se alistar. Era proibido que irmãos se alistassem, só poderia ser um membro da família. Aí havia o Italo Conti, que já estava servindo em Curitiba (acho que já era capitão, não sei ao certo) e seu irmão que servia em Porto Alegre. Os dois combinaram se alistar, um aqui, o outro no Rio Grande. Marcaram dia e hora e se apresentaram. Criaram o fato consumado, porque não poderia mais o Exército excluir um dos dois. Foi um fato inédito.

Sobre a campanha, será melhor analisado pela muito competente Professora Carmen Lúcia Rigoni.

Quando ainda em 45, os pracinhas voltavam da Europa, houve um dia anunciado em que desembarcariam no Cais do Porto da Praça Mauá no Rio de Janeiro pela manhã. Peguei na Praça Verdun no Andarai o bonde, desembarquei na Praça Tiradentes e fui à pé até a Praça Mauá, onde já havia muita gente aguardando. Eram seis e meia da manhã, quando cheguei. Ali fiquei, a multidão aumentava minuto à minuto, no ar se espalhava grande expectativa e enorme emoção. As famílias de muitos pracinhas estavam aguardando, sem saber se estavam vivos, namoradas, irmãs, mães, algumas poucas já casadas com aqueles que supostamente chegariam, acompanhadas de pais e alguns entusiasmados como eu.

Enfileiravam-se os caminhões do Exército e da Marinha, preparados para o embarque. Começou. O povo chorava do que lhes

tocava a alma, depois iniciaram-se os reconhecimentos, os rapazes embarcavam nos caminhões, beijavam os seus parentes e ainda as mulheres que apareciam, penduravam-se nos caminhões para abraçar seus filhos, que distribuíam cigarros e lembranças. Eu estava ali não só assistindo, mas participando, como se fossem os irmãos que eu não tive. O desfile dos veículos começou e foi lentamente descendo a Avenida Rio Branco, furando a multidão em todo o percurso. Eu fui andando ao lado e só parei na Cinelândia. Foi uma enorme, gigantesca festa, com choros de alegria, com reencontros que assistimos, com essa contagiosa emoção que inevitavelmente atingia a todos.

Até hoje estou orgulhoso de ter estado ali, quando eu tinha dezesseis anos, a minha memória registrou fotograficamente imagens que me tocaram em definitivo.

Depois da guerra foi constituída essa associação da FEB, a que todos aderiram naturalmente, homens e mulheres, algumas das quais chegaram a ir à Itália durante a guerra. Era um ambiente saudável, alegre, grave e responsável, para o que foi construída a sede na Pracinha junto à Rua Ubaldino do Amaral.

Eis que eu era Secretário da Cultura quando iria se completar cinquenta anos da rendição Incondicional da Alemanha, então em 8 de maio de 1995. Não poderia passar em branco. Dirigi-me ao Comandante da 5ª. Região Militar no Pinheirinho. Ele imediatamente na minha frente convocou o seu Estado Maior. Expus que deveríamos fazer uma bela comemoração. Eles ficaram entusiasmados com a iniciativa. Em seguida fui a sede da FEB e acertei com o Iwersen, seu presidente, e fizemos uma reunião, da qual participaram João Dedeus Freitas Neto, os irmãos Conti e mais outros tantos, que não me lembro o nome, um grupo que se tornou grande. Eles não tinham dinheiro, eu mandei pintar o prédio, limpar o seu interior e deixá-lo bonito, por conta da Secretaria.

Começou a festa no dia anterior, 7 de maio. O General comandante não só convocou o Exército como a Aeronáutica. No dia 7 houve circunvoluções da Esquadrilha da Fumaça, nos céus de Curitiba, uma coisa linda. O povo ficou fascinado. Foi bom porque no dia seguinte a neblina não permitiu que os aviões levantassem voo. O desfile foi realizada na Avenida Cândido Abreu. O Comandante mandou buscar em Rio Negro as forças mecanizadas, convocou também a Polícia Militar do Estado, os antigos pracinhas também desfilaram na frente dos batalhões. As bandas tocaram o Hino Nacional, o Hino da Liberdade e a Canção dos Expedicionários. Diria agora que foi uma festa de arromba, o povo se acotovelava para ver passar a soldadesca. Todos ficamos muito tocados pela alegria e ao mesmo tempo a seriedade dessas manifestações.

No dia seguinte era a vez da FEB. O comandante convocou outra vez o Exército, que ocupou as laterais da FEB, fechando as ruas Reinaldino Schaffenberg de Quadros, a Ubaldino do Amaral e ficamos, da porta da FEB, com a visão daquele mar de oliva, superalinhados, os oficiais com uniformes de gala. Ficamos na frente do prédio o General Comandante da Região, o General Airton Tourinho, o Iwersen, o Freitas, a enfermeira da FEB e minha mulher Lélia, o infalível Italo Conti. O General Tourinho me disse que não poderia faltar à minha convocação, sobretudo pela sua histórica admiração pela FEB e seus homens. Começou essa bela comemoração com o Hino Nacional. Em seguida levamos uma imensa coroa de flores até o monumento em Frente, quando foram içadas as bandeiras, em silêncio. O Iwersen fez o primeiro discurso e passou a palavra para mim. Fiz talvez um dos melhores discursos de minha vida, com apenas três páginas. O jornalista Freitas Neto, brilhante e entusiasmado, falou em nome dos pracinhas. Daí eu perguntei ao General Tourinho se ele também iria falar. Ele respondeu que não poderia, estava com lágrima nos olhos, muito emocionado. Por derradeiro, de um sinal do Comandante da Região, a banda começou a tocar o hino do Expedicionário. Uma beleza, todos cantamos com grande afeto e vibração.

Dessa festa maravilhosa e emocionante deve haver na sede do Comando, talvez na FEB, algumas fotografias.

Estamos comemorando os setenta anos da vitória dos Aliados, entre os quais nós, brasileiros, nos incorporamos, materialmente através da nossa Força. A vitória total verificou-se em agosto com a rendição do Japão, à bordo do porta-aviões Missouri. Os marines e soldados se distribuíram pela frente e pelas mais altas alçadas do porta-aviões. Era uma multidão. Subiram o General Mac Arthur, os representantes dos Países aliados e o representante do Imperador Hiroito, na mais alta gala. Todos assinaram o protocolo de rendição e encerramento da guerra. Mac Arthur fez o discurso que repudiava todas as guerras.

Disse ele:

> "Hoje as armas estão silenciosas, a grande tragédia acabou. Falo em nome de milhares de lábios selados no meio das selvas, das praias, nas profundezas das águas do Pacífico, que marcam o caminho. Rezo para que a Providência convoque as pessoas de boa vontade para a compreensão da essência da futilidade máxima da guerra. Conhecemos o amargor da derrota e a exaltação dos triunfos. De ambos, aprendemos que não pode haver volta, devemos seguir adiante, para preservar em paz o que ganhamos com a guerra...A guerra, a doença mais maligna e o maior pecado da humanidade...",

Diríamos hoje, é produto da banalidade do mal que envenena, em todos os quadrantes, a natureza humana.

* * *

RESPOSTA DO ACADÊMICO RENÉ ARIEL DOTTI SOBRE O TEXTO

Meu caríssimo Eduardo Rocha Virmond

O seu excelente texto sobre a Força Expedicionária Brasileira, como referência histórica da participação de nosso país em favor dos aliados na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) evoca também lembranças de minha infância. Eu tinha 11 anos quando o Arthur de Souza, transmitiu pela PRB2 a chegada dos pracinhas paranaenses que voltavam da Itália. Foram momentos de grande emoção para o menino que, pouco tempo antes, chorou muito ao saber que um submarino alemão botou a pique no navio brasileiro que transportava borracha para os Estados Unidos onde seriam confeccionadas máscaras de gás para que a nossa população se prevenisse contra possível (ou provável, não lembro bem) ataque nazista. Eu também contribui para aquele depósito de borracha ao levar um ou dois pneus velhos como "pagamento" pela entrada de uma sessão de cinema no então famoso Cine Broadway.

As iniciativas que você adotou, como Secretário de Estado da Cultura, para comemorar o cinquentenário da vitória das forças aliadas, valem para muito além de um trecho da memória pessoal; valem, também, para demonstrar o amor ao civismo e o reconhecimento aos verdadeiros heróis de nosso país.

Vale a pena ler – mais de uma vez – a sua belíssima crônica. E saber que um dia, o nosso povo viveu intensamente sentimentos nobres traduzidos pelos hinos e pelas marchas de entusiasmo e amor à bandeira e ao país. E que ainda há muitas pessoas de bem, como a Lélia, que não esqueceu algumas letras das canções...

Um Brasil tão diferente dos dias de hoje, quando a indiferença ou hostilidade aos valores fundamentais ao progresso moral e social

dos indivíduos e da sociedade produz o fenômeno da anomia das convicções tão largamente disseminada pelos novos grupos de extermínio moral que transitam livremente no cenário político e na arena de gladiadores mercenários que se abastecem do aplauso e o riso histérico das multidões que desfrutam do pão e do circo.

René Ariel Dotti

* * *

RESPOSTA DR. VIRMOND

Caríssimo René Dotti. A sua magnífica mensagem me fez despertar de novo a emoção, que você provadamente também sentiu, quando ambos éramos crianças e depois no desembarque no Brasil da FEB de volta. A sua mensagem, dirigida também aos nossos acadêmicos, é importante demais para que os mais jovens membros saibam dos sentimentos profundos que nos envolviam e que definiu a marca de amor pelo Brasil que, apesar de todos os males infringidos principalmente pelos governantes, restará indefinidamente em nossas consciências. No dia 8 de maio de 1945, eu chorei quando soube da rendição incondicional da Alemanha. Estava na Rua, no Rio de Janeiro, no bairro do Grajaú, quando as luzes escondidas pelo *black-out* se acenderam todas. Não era somente a conclusão da vitória, mas o alívio daquele peso que tanto durou sobre os nossos ombros do terror de que Hitler ganhasse a guerra. Hoje as pessoas acham graça nesse sentimento, esse desprezo que eu tive a desagradável surpresa de descobrir a existência quando da referida festa dos cinquenta anos. Muitos não sabem o que é, de onde se originou, e não vai acabar nunca, a marca de antifascista, que está em tudo que você, eu e muitos outros, carregarão pelos seus anos afora. Você lembrou

minha referência à Lélia. Para mim foi uma surpresa também emocionante ver a minha mulher à frente cantando de cor, junto com o João de Deus Freitas Neto, o General Airton Tourinho, o Ítalo Conti, o Iwersen, e mais toda aquela multidão, um dos hinos mais bonitos de nossa história. Como dizia um personagem de Huxley, ainda vale a pena estar vivo.

Saudações de coração de Virmond, Lélia, também extensivas a querida Rosarita, ainda a nossa especial Rogéria.

OPERAÇÃO ENCORE
A CAMPANHA ESQUECIDA DA FEB
19 DE FEVEREIRO A 7 DE MARÇO DE 1945

Por CARMEN LUCIA RIGONI (*)

Dedico este estudo a Dr. Carlos Eduardo Bessa, médico que atuou no Serviço de Saúde da FEB e Dr. Eduardo Rocha Virmond, advogado e membro da Academia Paranaense de Letras, que em um dia importante de suas vidas disponibilizaram suas lembranças na reconstrução do passado.

A PESQUISA

Das pesquisas sobre a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial, não resta dúvida ser o Plano Encore uma das mais trabalhosas e desafiadoras para os pesquisadores. Neste caso me aproprio das palavras recentes de um historiador. " Com a balburdia de datas e a variedade de conceitos de como se inicia uma ofensiva nas montanhas, deixa o pesquisador mais do que perdido, atônito". FERNANDES, Fernando (2009).

Afinal é possível perguntar: quem ajudou quem? As datações diferentes em vários relatórios, causam confusão. Não batem os registros AMERICANOS, BRASILEIROS E ITALIANOS, as fontes históricas existentes mostram evidências diferentes na explicação da Campanha.

Foi assim que permaneci durante muitos meses, tentando entender para depois explicar os acontecimentos ocorridos em duas semanas que mudariam o curso da guerra. Convertidos em ataques

audaciosos, porque não dizer " cirúrgicos", na minha visão dentro das estratégias pré-concebidas pelo alto comando do 5º Exército Americano e o 4º Corpo de Exército, tinha como objetivo vencer os últimos redutos alemães localizados ao norte da Itália, convergindo a guerra para seus instantes finais. Nestes aspectos, O Plano Encore firmado pelo 5º Exército Norte Americano e seus aliados venceria as últimas barreiras alemãs e italianas colocando um ponto final no conflito que já se arrastava por muitos anos.

A GUERRA DAS PATRULHAS

Após logo inverno onde o front praticamente parou, (dezembro de 1944-1945). Neste interstício ocorreram de ambos os lados, aliados e alemães as " guerras das patrulhas". A temperatura havia baixado muito, onde registraram-se algumas vezes ondas de frio a 18º abaixo de zero.

Essas patrulhas eram chamadas pelos seus componentes brasileiros de " cordões carnavalescos" e constituía assunto em quase todas as jornadas, pois eram temidas pelos aspectos a serem empregados, ou seja: atravessar a linha inimiga, projetar-se na " terra de ninguém", provocar o inimigo em seus domínios. Sabiam os patrulheiros que o confronto poderia ser fatal nestes embates diretos com os opositores e também pela ameaça nefasta dos *snipers* nas montanhas vizinhas.

Quem participava dessas patrulhas, tinha a convicção de que " havia comprado somente a passagem de ida" Os planos para conquistar Bolonha antes do natal de 1944 e finalizar a guerra na região não foram possíveis. A disputa pela Estrada 64 ainda era acirrada, pois tratava-se do centro nevrálgico da Itália, tanto pela importância logística das tropas que disputavam esta frente de combate. seja na locomoção dos batalhões bem como da circulação

de armas e suprimentos. Na espera do degelo e da nova estação primaveril que se aproximava, o projeto Encore criado pelos aliados vai tomando forma, prevendo-se operações militares a serem desencadeadas na difícil região dos Apeninos, pois no alto destes maciços estavam entrincheiradas fortes formações alemãs dispostas a não perder seus territórios conquistados.

A TROPA ALIADA E O PLANO ENCORE

O desenrolar da guerra ainda em 1944, forçara a retirada de 2 divisões do 8º Exército Inglês para a frente grega que se encontrava em guerra civil e para atender o desembarque na Normandia na França em julho de 1944, no audacioso plano de surpreender os alemães. Foram retiradas da Itália 5 divisões norte americanas, no compito geral a redução do contingente de mais de cem mil homens, causou um vazio nas tropas combatentes. Para suprir as emergências foram chamadas para a Linha de Frente duas divisões, a 10ª de Montanha norte americana e a FEB dando então origem ao Plano Encore a fevereiro de 1945.

A 8 de fevereiro o gen. Crittemberger reuniu no seu QG na cidade de Lucca o comando da FEB, para um estudo das decisões a serem tomadas. A intenção era utilizar duas divisões e não somente uma, neste caso a 10ªde Montanha (desembarcada em dezembro de 1944 na Itália) e a Divisão Expedicionária Brasileira (chegada em Nápoles em julho de 1944). O 5º Exército norte americano e o seu 4º Corpo, previa uma arrancada para o noroeste da Itália, nesta expectativa contava com o apoio de várias nações, além das norte americanas brancos e negros e a Força Expedicionária Brasileira. Reconheciam os militares norte-americanos a pouca experiência de parte destes combatentes, mas sabiam da importância destes grupamentos para a defesa e a garantia de posições no flanco esquerdo da frente italiana.

OS PROTAGONISTAS

Para os alemães- " A chave da batalha consistia em dominar e manter os cimos que descortinem as vias de acesso", a mesma estratégia adotada em Cassino desfrutando da orografia, do ambiente e do clima, o que permitia a um só homem, ou a poucos, dominar os vastos campos de tiro e solicitar reforços. A responsabilidade do setor estava nas mãos do XIV Exército Alemão, sob o comando geral de Albert Kesselring e Eckard von Gablenz comandante da 232ª Divisão de Infantaria que, contava ainda com a 114ª *Jäger- Division* (Divisão ligeira de caçadores, tropa experiente que participara dos combates de Cassino).

Quanto aos aliados a guerra que se movimentava para seus instantes finais contava com grandes comandantes, neste caso, Crittemberger o mentor do Plano Encore contava com a 10ª de Montanha que havia sido treinada no Alasca, composta por 19 mil homens e seu comandante o general George P. Hais. A 10ª de Montanha no dia 9 de janeiro de 1945 entrou em linha no flanco esquerdo da FEB. O Brasil representado pela FEB havia desembarcado na Itália em julho de1944, composta por 25 mil homens e seu comandante era general Mascarenhas de Moraes.

OS PREPARATIVOS

O Moral dos combatentes achava-se muito elevado pois no interstício invernal a tropa havia sido treinada em patrulhamento agressivo, além de várias sessões de treinamento e instrução individual, com novos métodos de combate. Esses preparativos embora de pequena duração, ajudaram aprimorar o manejo de armamento, o ajuste e orientação dos soldados recém- integrados para o manejo de ataques. A situação dos brasileiros havia evoluído nos meses de inverno. Estavam melhor aclimatados às intempéries

e condições ambientais da montanha, ao cenário de guerra, às manhas alemãs e àquilo que mais desnorteia o combatente novato, a barragem de artilharia e de morteiros. Mas em todo o período eram duros os relatórios dos supervisores do 4º Corpo de Exército norte americano, dentro dos pesados regulamentos da *Military Police,* quando se reportavam aos brasileiros.

No dia 16 de fevereiro de 1945, realizou-se nova reunião na cidade de Lucca para tratar dos pormenores e verificar quais seriam os objetivos para cada unidade. A ação principal da campanha estava sob a responsabilidade da 10ª de Montanha cujos objetivos estavam localizados entre os rios Reno e Panaro, enquanto a FEB ficaria responsável pela " limpeza" da área e mantendo a ocupação das posições, ou seja: as duas divisões estariam lado a lado.

A FORÇA DE ATAQUE

O Plano Encore teria uma força tarefa de 4 regimentos de infantaria, três norte-americanos e um brasileiro, ou seja: 12 batalhões apoiados pelos Carros de Combate, a Força Aérea e potente massa de artilharia, contra provavelmente 4 batalhões alemães reforçados com alguma artilharia (1º/1043 RI, O 1º/1045 RI, e do 232º BI), que poderiam intervir a curto prazo para a defesa dos Montes Belvedere e Monte Castelo. A 232ª DI Alemã assinalada na frente do Monte Castello, havia chegado à Itália em setembro de 1944, procedente da frente russa. Seu efetivo era de 13 mil homens, distribuídos por 3 regimentos de Granadeiros (2 batalhões de Infantaria, 1 Companhia de canhões de infantaria – 2 canhões de 150 e 6 de 75 mm, 1 Cia. Anticarros com 3 canhões 75 e 36 bazucas. 1 Btl. de Fuzileiros, 3 Cias. inclusive uma de ciclistas, 1 regimento de artilharia com 3 grupos de 11 canhões obuses 105 e 1 grupo de obuses 150 mm.1 Batalhão de Engenharia misto e elementos de Serviços.

MARCHAS E CONTRA MARCHAS

Para garantir o planejamento era necessário conquistar as alturas onde estavam localizados o Morro Serrasiccia, Monte Capell Buso e Pizzo di Campíano (noroeste da Itália), com a finalidade de cobrir o flanco, pois estes pontos serviriam de base de partida para a conquistas. Nestas altas montanhas imperavam os estrategistas alemães com seus atiradores dominando a Estrada 64. Às 23 horas do dia 19 de fevereiro, um Batalhão da 10ª de Montanha assaltou partes das magníficas e quase inexpugnáveis posições com seus paredões de pedras. Foi feito à noite, com toda a dificuldade proporcionada pelo vento insuportável e frio que tolhia os soldados no ato de avançar, galgando os paredões íngremes e expostos a artilharia e atiradores de elite. Estava aberto o caminho para a conquista das elevações no entorno.

Mas, sucedeu a retomada destas excelentes posições pelos alemães na tentativa de garantir-se nas alturas com uma visão ampla da Estrada 64. Tal fato passou à história como grande revés sofrido pelos norte- americanos. O monte de Serrasiccia, após breve conquista é abandonado pelos norte-americanos, após defesa ferrenha alemã. No dia 21 de fevereiro ocorria ainda sérios embates naquelas alturas, Pizzo de Campiano e Cappel Buso foram abandonadas pelos alemães. No duelo ocorrido pelas tropas litigantes nas cristas destas montanhas, o Plano Encore sofria um retardamento, em jogo estava a tomada do Monte Della Torracia para dar condições de abrir a frente do Monte Castello para a FEB, que só foi dominado a 22 de fevereiro.

O PLANO ENCORE EM AÇÃO

Ordem Geral de Operações -1ª fase

BRASILEIROS E NORTE-AMERICANOS

A 1ª fase do Plano Encore deveria ser protagonizada pela 10ª de Montanha norte americana em relação à tomada dos montes

Belverdere, Gorgolesco e Monte Della Torraccia, abrindo caminho para os brasileiros. A ofensiva norte-americana era sofisticada para a época. Não se mostrou tão eficiente diante da forte resistência alemã, repetindo os acontecimentos de outubro de 1944 em Garfagnana (quando o 6º R.I da FEB. foi obrigado a recuar o mesmo acontecendo aos norte-americanos que vieram depois). Em jogo estava as localidades de Mazzancana e Monte Della Torraccia, quando os norte-americanos ficaram retidos em Ronchidoso, local vizinho ao Monte Castello, onde ocorreram fortes bombardeios. Mesmo com a conquista da crista de Belvedere os alemães sustentavam duros combates em suas encostas. Ocorre então um êxito parcial entre 19 e 20 de fevereiro.

O MONTE CASTELLO É BRASILEIRO

Após exaustivas análises feitas pelo comando da FEB, o ataque sobre Monte Castello seria sua responsabilidade, prosseguindo assim na conquista dos morros vizinhos desta elevação com o intuito de eliminar a presença alemã tão bem localizada nos cumes destas montanhas. Era necessária uma precisão dos atacantes, na movimentação coordenada da infantaria, artilharia e o Grupo de Caça. As 5h30 foi iniciado o ataque pelos brasileiros, os batalhões de Uzeda e Caiado de Castro do Regimento Sampaio, saiam das bases de ataque. Havia resistência em Ronchidoso, que foi debelada pela ação do grupamento aéreo. Foi preponderante o apoio da Artilharia e do Grupo de Caça Brasileiros, do 9º B.E. de combate, 2 pelotões de tanques norte americanos e 1Cia. de Comunicação. Finalmente às 17h20min , a defesa inimiga entrou em colapso e o Êxito da manobra a 21 de fevereiro. Abetaia caia nas mãos dos brasileiros, um dos fortes pontos de resistência alemã.

Monte Castello estava ligado a muitos outros acidentes de terreno com notável importância, é o caso de Ronchidos, Capela de Ronchidoso, Bella Vista, Seneveglio e Serra , esta ultima com campo minado. Terminava portanto, a primeira fase do Plano Encore.

O PLANO ENCORE- 2ª fase
A FEB NAS ALTURAS

Na 2ª fase a FEB. faria a limpeza do vale do Rio Marano. Como a 10ª de Montanha prosseguia atacando em direção SW- Ne, as unidades da FEB já com controle sobre a região do Monte Castello, atuariam do S. para o N, eliminando toda e qualquer resistência existente no vale do Rio Marano. A 27 de fevereiro unidades da Divisão Brasileira, já liberadas do seu compromisso, deveriam substituir os norte- americanos nos morros vizinhos, é o caso de Serrasiccia, Cappel Buso e Pizzo di Campiano,(á esquerda da 10ª de Montanha).

Com o Destacamento do major Julio Olivier da FEB, está composto o Grupamento ou Quarteirão Oeste, cujo comando estava nas mãos do general Zenobio da Costa. Atuaram nestes locais as seguintes unidades da FEB, forças oriundas do 1º R.I , o Sampaio, do 11º e do 6º R.I, além da presença de 450 partigianos e da Artilharia Brasileira. Nas posições indicadas acima, a FEB ocupou os píncaros muitos deles com mais de 1300 metros de altura.

Capel Buzzo possuía, possuia inúmeros observatórios alemães que devassavam grande parte das posições alcançadas pela FEB. Pizzo Campiano e e Belvedere, dominavam todo o vale de Rocca Corneta, onde estavam centralizadas, as seções de moto mecanizadas, constituindo grande ameaça às comunicações da FEB e ao Q.G. da FEB sediado em Porreta Terme. Consumada a posse dos Montes Belvedere, Castello, Della Torraccia e La Serra agora sob manutenção da FEB.

O PLANO ENCORE: últimas conquistas da FEB

Na 3ª fase a FEB. faria as operações para a conquista da Torre de Nerone, e Castelnuovo, conquistas que ocorreram simultaneamente.

Ali perto, projetava-se nas alturas o Soprassasso, quase inacessível, guarnecido com armas automáticas e morteiros, com visão ampla para os objetivos destacados no Plano Encore

Conforme as palavras do correspondente de guerra Egydio Squeff, de O Globo: " O combate começou no dia 5 de março de 1945, às 9h, e se prolongou até as 19 hs, o Soprassasso caiu. Era uma verdadeira fortaleza, durante 3 meses de resistência, os que estavam no seu entorno viveram momentos de grandes sobressaltos". O morro muito alto apresenta uma projeção de sua parte frontal quase como um nariz. Lá estavam os franco-atiradores alemães que dominavam uma parte da Estrada 64. A conquista desta elevação conduziria a guerra até Castelnuovo.

A atuação dos regimentos brasileiros, constituiu uma página heroica destes homens ao cruzarem com campos minados, sofrendo uma pesada ação da artilharia alemã, onde as perdas foram significativas. No dia 5 de março de 1945, estava dominado a localidade de Castelnuovo, com o emprego do 6º e do 11º R.I, apoiadas pela Artilharia Divisionária. Desmoronava a ofensiva alemã nas mãos do comando de Kesselring, os alemães desciam os morros entregando-se aos brasileiros ou norte-americanos. Foram feitos mais de 500 prisioneiros.

ANOTAÇÕES FEBIANAS SOBRE O QUARTEIRÃO OESTE

O quarteirão Oeste, assim chamado durante o Plano Encore, constituía um grupamento de serras nos Apeninos, de forma muito apertada e próximas aos grandes desafios dos brasileiros e da 10ª de Montanha. Ao redor do Monte Castello, os alemães já tinham sido derrotados. Coube à FEB manter as posições no alto deste conjunto de serras (Serracissia, Capel Buso e Piso Campiano) na base destes morros estavam dois pequenos núcleos populacionais, ou seja: Poggioforato e Farné, em ambos estavam os Postos de comando da FEB.

Os brasileiros mantiveram-se mais em Serracissia, a dificuldade de evacuação dos feridos era quase impossível. Em certos trechos não havia caminhos, eram utilizadas picadas improvisadas quase inacessíveis. Em Capel Buso havia um funicular instalado pelos norte-americanos, que conduzia os feridos da metade do morro até a sua base. Na metade superior do morro, os feridos eram carregados em padiolas, a braços, ou nas costas de muares.

O trabalho executado pelo Serviço de Saúde da FEB no "Quarteirão Oeste" foi um dos mais penosos para brasileiros e americanos, com o vento local incessante, o frio e a presença de atiradores de elite, as condições de transporte dos feridos revertiam muitas vezes em ferimentos aos próprios padioleiros. Assim aturam os heroicos homens da 2ª e 3ª cias de Evacuação do Batalhão de Saúde. Muitas vezes a descida de um ferido redundava em 8 horas de muita determinação destes soldados. As unidades da FEB que lá atuaram, de início pertenciam ao Esquadrão de Reconhecimento e Companhias Anti-Carros do Regimento Sampaio e 11º R.I, todos agindo como fuzileiros sob o comando do Major Julio Maximiliano Olivier Filho, além dos alpinos e partigianos.

Chefiava o Serviço de Saúde o 2º Ten. Médico Dr. Roberto Rubens de Aquino Marques. Com as necessárias substituições, no dia 20 de março de 1945 assumia o comando o ten. Médico Carlos Heitor Bessa com um grupo numeroso que incluía sargentos, enfermeiros, ambulâncias e padioleiros, definidos os locais para cada grupo. A permanência dos brasileiros nestas localidades é muito bem descrita pelo livro "A FEB pelo seu comandante", do comandante geral da FEB Marechal Mascarenhas de Moraes.

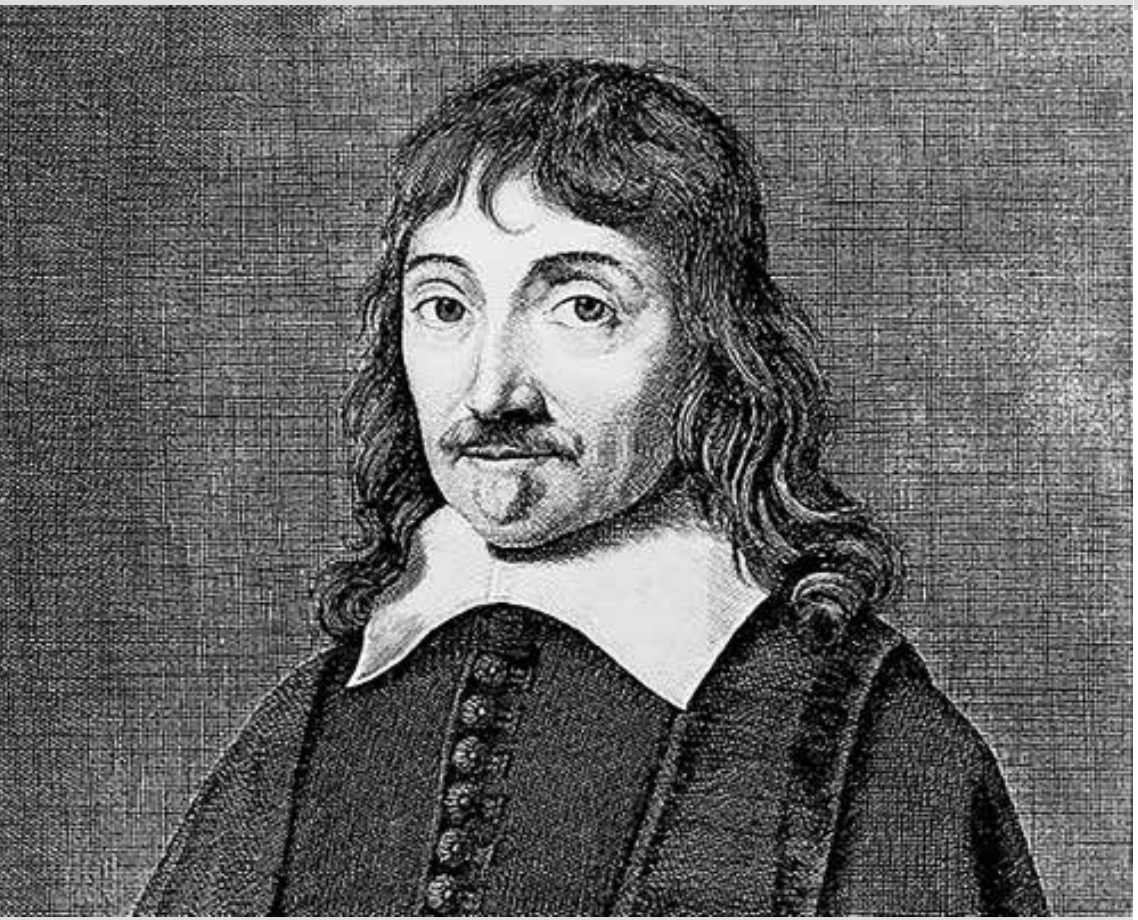
No dia 5 de abril de 1945, uma patrulha brasileira composta por 8 soldados foi duramente atacada pelos alemães a noroeste de Serrasiccia, buscar estes feridos constituiu uma página heroica

dos componentes do Serviço de Saúde. Descer as encostas, sendo bombardeados por morteiros a leste do Piso de Campiano, mesmo nos caminhos mais improváveis conseguiram retirar todos os feridos. A descida que iniciara às 17:30hs somente foi concluída às 23 horas. Os mais graves já haviam sido tratados no caminho recebendo plasma. " Eu como chefe do S.S da Divisão podia orgulhar-me do que tinham feito os valentes soldados do Saúde a quem nada detivera no cumprimento do dever". Gilberto Peixoto.

Partes desta história da resistência aliada é narradas por poucos. Os norte-americanos haviam construído no local (19 de fevereiro de 1945) um " Aereal Traway" de extrema importância no transporte dos feridos que estavam no alto dos morros, a base superior ficava a 2/3 do Morro e a base final na localidade chamada Farné. O funicular foi construído em 10 horas e no primeiro dia conseguiu descer dos morros cerca de 70 feridos. O trecho superior do morro era feito pelos padioleiros. Também os muares transportavam os materiais necessários.

"No balanço que se faz do Plano Encore em relação a Força Expedicionária Brasileira, é possível salientar que os brasileiros cumpriram árduas missões, em terreno montanhoso, lutando em igualdade de condições com as tropas altamente preparadas para estes ambientes, como foi a atuação da 10ª de Montanha norte-americana, contra adversários aguerridos e notáveis tradições militares, num dos setores mais importantes de defesa na Itália." (PINHEIRO, José Juarez).

(*) Doutora em História Cultural (UFSC-2009)
e Membro da AHIMTB e IHGPR.
Curitiba 15 de outubro de 2015.



MAIS CEM PENSAMENTOS DE UM FILÓSOFO APRENDIZ

PARA PROVAR QUE DESCARTES TINHA RAZÃO[1]

Por JOÃO MANUEL SIMÕES

"Je pense, donc je suis."
René Descartes

Ainda bem que Deus, Sumo Pintor de todas as paisagens, não cobra direitos autorais.

Cegos ou surdos espirituais, coxos ou manetas psicológicos – é desses que devemos ter pena. Os outros? Merecem respeito – e solidariedade.

É triste a situação dos sem terra e dos sem teto? Pior ainda é a dos sem esperança, mesmo tendo terra e teto.

Como seria bom se os rins, à maneira das ostras, produzissem pérolas e não cálculos...

Do amor irradia luz perpétua; da paixão libertam-se labaredas fugazes.

Os parlamentos do mundo inteiro são palcos, a política é comédia ou farsa, e os políticos, atores. Alguns, canastrões. Uma "infinita minoria", para usar a expressão de Jimenez.

Ditos espirituosos desopilam o fígado; bebidas espirituosas – obstruem-no.

Perdoemos os outros, sempre. Antes, porém, façamos algo mais difícil – perdoar a nós próprios.

Façamos das ambições legítimas um ideal, mas não um sonho. Até porque os ideais buscam-se e conquistam-se, às vezes com suor e lágrimas, enquanto os sonhos simplesmente acontecem, quando acontecem.

Embora não haja mérito nenhum em agradecer favores recebidos, a ingratidão deveria ser capitulada nos códigos, se não como crime, pelo menos como contravenção.

Dos sonhos mortos restam as cinzas calcinadas; das esperanças murchas, perfume.

Estremeço quando penso que eu posso vir a lembrar-me de tudo aquilo que premeditadamente esqueci.

Meias palavras exigem ouvidos em dobro, enquanto meias verdades equivalem a mentiras inteiras.

Quantos pretensos retóricos e dialéticos não passam de simples boquirrotos?

O cofre do avarento nunca tem chave.

Indubitavelmente, aquele era um conhaque velho, muito velho. A prova? À tona do cálice com o líquido cor de mel boiavam dois cabelos brancos...

Azar: era um príncipe consorte sem sorte.

Fazer turismo, viajar pelo mundo, é a maneira mais cara de aprender a amar a própria terra, que é sempre a melhor e a mais bela. Por uma simples razão: ela é nossa.

Era um pavão modestíssimo: sabia que não era ele a única ave a carregar na cauda o arco-íris...

Sou rico, pois considero-me dono de tudo aquilo que vejo: a terra inteira, o mar e as estrelas. Mesmo sem título de propriedade registrado em cartório, quem ousará contestar minha posse?

O artista é gênio quando cria grandes obras com a mesma rapidez e facilidade com que o artesão produz os seus artefatos.

Se nada desejo, nada me falta – tenho tudo. Não será a melhor forma de ser rico sem pagar imposto de renda?

O futuro é o presente adiado, da mesma forma que o presente é o futuro antecipado. E o passado? Já era.

O uso da força bruta não passa de um ato reflexo de quem – indivíduo ou nação – é ou se sente fraco.

É bom o professor que sabe ensinar, mas é excelente o que é capaz de aprender com seus discípulos.

São igualmente colecionadores, filatelistas, numismatas e filósofos. Variam apenas os respectivos interesses – selos, moedas ou ideias.

No teatro da política contemporânea não são raros os prólogos cômicos ou farsescos que antecipam epílogos dramáticos.

Era um sujeito infinitamente cético e cínico: proclamava que o mundo inteiro é um manicômio, e que todos os homens deveriam usar camisas de força. Era um herdeiro do Simão Bacamarte machadiano. Embora não soubesse.

Quem diz que é ou se considera apolítico mente ou equivoca-se. Afinal, a própria alienação é também um fenômeno político.

Os santos podem até perder muitas batalhas, ao longo da vida, mas sempre ganham a guerra. No caso, sinônimo de Paz. Eterna.

Entre a plêiade dos grandes homens, os maiores foram aqueles que souberam agir e comportar-se como se pequenos fossem.

Quanto tempo demora para ser adulto, e como é célere o processo de envelhecimento de quem não sabe continuar, não a ser, mas a sentir-se jovem...

A perpétua aventura do quotidiano chama-se rotina – e quantos não se entediam nos seus labirintos...

A escola tem muito de olaria, e o professor de oleiro, modelando aquela mesma argila primordial com que Deus fez o homem.

A beleza não se imagina, não se concebe, não se descreve. Simplesmente, frui-se, contempla-se, vivencia-se. E basta.

O amor é eterno enquanto dura, como disse Vinícius e Sofocleto repetiu (ou vice-versa?). Se verdadeiro, o amor é eterno, simplesmente: transcende a mera duração bergsoniana.

Era um sujeito meio abstêmio – só tomava meias doses.

É preciso dividir para imperar, ensinou alguém. Infelizmente, porém, não são apenas os imperadores que sabem disso.

Mesmo quando derrotado, o otimista afirma: quase venci! Mesmo vitorioso, o pessimista exclama: quase perdi.

Palhaços sempre viajam incógnitos: tiram sempre a máscara antes de pegar o trem, o ônibus ou o avião.

Plenitude do nada – a solidão. Plenitude da solidão – o nada.

Saber aceitar a derrota com um sorriso nos lábios – eis aí uma grande vitória.

Ter muito e saber muito – é poder. Querer só não basta.

Não, a história não deve ser apenas uma crônica de vidas de heróis, grandezas, vitórias, descobrimentos, conquistas, mas também uma confissão de culpas, pecados e crimes, um exame de consciência coletivo, um ato de contrição. A penitência pode ser – repeti-la.

O pensamento que eu penso é infinitamente mais concreto do que o cérebro – ou a própria caixa craniana que o contém.

É indiscutível: é sempre bom pensar, imaginar, conceber, projetar grande. Mas o importante mesmo é – fazer. Mesmo que seja fazer pequeno.

Quase todos somos assassinos: vivemos matando o tempo. Mas a sua vingança póstuma é terrível: mata-nos e enterra-nos a todos. Sem exceção. Machadianamente.

Os otimistas são mais felizes que os pessimistas: estes sofrem antes, durante e depois.

Destino, acaso, sorte, fatalidade? Eis aí alguns pseudônimos – ou serão heterônimos? – com que Deus rubrica as páginas desse livro autobiográfico que se chama vida.

Dizer – sei que ignoro – é mais importante do que afirmar: acho que sei. Pois é melhor ter consciência da própria ignorância do que duvidar do seu conhecimento.

Se, como ensinam os chineses há quase quatro milênios, e Wordsworth repetiu há dois séculos (com sinais gráficos bem mais simples, naturalmente), a criança é o pai do homem, a educação talvez seja sua mãe.

Os chefes dão ordens: "Façam! Vão em frente!", enquanto os líderes preferem dar o exemplo: "Vamos fazer! Sigam-me!" Aos primeiros, obedecemos; aos outros, seguimos.

Não, Mussolini, viver não é apenas "molto periculoso" – é mortal. Os cemitérios provam isso, com suma eloquência...

Pessimista e misógino, F. gostava de afirmar que o casamento é o único ato insano que não pode ser cometido em sigilo. Para consumar-se exige um sacerdote ou um juiz – e testemunhas.

É fácil para os que se dizem poetas fazer estruturas poemáticas clássicas ou modernas, odes ou sonetos, quadras ou haicais. É um pouco mais difícil fazer poesia com maiúscula.

Se, como diz Benjamin Franklin, a originalidade do escritor consiste em esconder as suas fontes, somente Adão e Eva, se tivessem escrito, jamais poderiam ser acusados de plágio...

Devagar se vai ao longe? Devagar, devagarinho, até o perto fica mais longe...

Exposição de pintura: Manet, Degas, Matisse, Monet, Renoir. Eleva-se das telas a música do arco-íris. Mas só quem tem olhos sensíveis consegue ouvi-la...

Para justificar os seus crônicos atentados à ortografia e à sintaxe, aquele escriba tinha uma desculpa pronta: não sou escravo da gramática! Mas era escravo, sim – da ignorância.

Admirável invenção, o automóvel: permite que cheguemos mais rapidamente à nossa praia favorita, no fim de semana. Para quê? Para encontrá-la lotada de famílias de donos de carros mais rápidos que o nosso.

Apesar de ser um jogador de futebol bisonho, autêntico perna-de-pau, sabia acertar excelentes pontapés. Não na bola, na redonda, no couro, no balão, no esférico, mas na gramática.

Para bom entendedor meia palavra basta? Talvez seja até demais. Haverá algo mais eloquente do que o silêncio?

É sempre mais robusta a crença que foi precedida de dúvidas que foram sendo paulatinamente dirimidas. A escada da fé pode ser construída com degraus feitos de interrogações.

A vaidade de certas pessoas não murcha nunca, como as flores. Parece estar sempre reverdecendo, como se as quatro estações fossem perpétua primavera...

Chega a ser imoral, num ser humano naturalmente imperfeito, o excesso de moralismo ou a exacerbação puritana. "Est modus in rebus".

Diz-me o que estás lendo hoje e eu te direi o que serás amanhã.

Se errar é humano, admitir o erro é, se não divino, pelo menos sobre-humano.

Pessimistas e otimistas, usando seus tradicionais óculos de lentes negras ou cor-de-rosa, sempre têm opiniões antagônicas sobre as coisas. Já os realistas limitam-se, realisticamente, a constatá-las.

Inteligência sem consciência é vitupério?

Para os intrépidos nautas lusos de Quinhentos, que segundo o Épico da nossa língua "deram mundos ao mundo", a busca de novas terras era sempre mais importante do que seu descobrimento. Onde ficava a esperança, depois da descoberta?

Recado ao ateu: tu não crês em Deus, mas não te preocupes – Ele crê em ti.

Está faltando um produto fundamental na cesta básica de alimentos: o livro. Afinal, como o estômago, o espírito também tem fome. Mas atenção: há livros que podem provocar indigestão, ainda que não de natureza fisiológica.

Um fato consolador: computadores podem dar centenas de milhares de respostas, mas são incapazes de formular uma única pergunta.

Mais vale um fato no cérebro do que cem argumentos na ponta da língua.

Em certos casos, é mais lucrativo dar, do que emprestar. Como custa às vezes receber o empréstimo!

Quantos aristocratas decadentes valem um plebeu de gênio?

Na álgebra da felicidade não há incógnitas, mas dificuldades, quando não impossibilidades.

No país do coração não há estrangeiros.

Se a cada sonho morto correspondesse uma lápide ou um mausoléu, o mundo inteiro seria uma vasta necrópole.

A vida é o único vestibular em que não há reprovados nem excedentes: todos são admitidos, tarde ou cedo, à Universidade do Além.

Mil sonhos mortos, mutilados, desfeitos, não valem uma única esperança viva.

A mão que não dá, não cria, não constrói, não acaricia, não abençoa – acaba congelando.

O homem de fé está sempre disposto a morrer por ela; o fanático, a matar.

Há apenas uma coisa que quanto mais dada, mais repartida, mais rico torna quem a dá ou distribui – o amor.

Todos os homens nascem condenados à morte. Só Cristo pode comutar a sentença para vida eterna: basta interpor o recurso da fé.

O silêncio está para a música assim como a crisálida está para a borboleta.

Segundo Malraux, o destino do homem é ser um relâmpago no mundo. Quantas existências não passam, entretanto, de lâmpadas perpetuamente apagadas?

Mais importante do que a morfologia da mão é a sintaxe do gesto.

A paixão consome-se celeremente no próprio fogo; o amor eterniza-se na própria luz.

A maior riqueza do homem não consiste em ter, mas em ser. Enquanto o ter é provisório, o ser é definitivo. Quem tem, nem sempre é. Quem é, sempre tem. Pelo menos aquilo que é.

Numa discussão, um argumento definitivo tem às vezes o efeito de um tiro à queima-roupa.

Antes ter inimigos por inteiro que amigos pela metade. Aqueles nunca nos enganam.

Quem corta uma árvore está semeando punhados de areia de um deserto futuro.

Falar muito para dizer pouco; falar pouco, para dizer muito; silenciar, para dizer tudo.

Muitos poetas proclamam com veemência o seu amor à poesia. Infelizmente, nem sempre o amor é correspondido.

Quem está disposto a trocar um direito por um dever, e um privilégio por uma responsabilidade?

A esperança não é apenas a arma dos desarmados – pode ser a sua munição.

Ao criar, o artista imita a Deus. Mas Ele é suficientemente misericordioso para perdoar o plágio.

A luz do luar bronzeia a epiderme da alma dos poetas?

Um indivíduo capaz de inventar a penicilina e a bomba atômica, a ciência de curar no varejo e a arte de matar por atacado, deveria ser uma impossibilidade metafísica.

A grande revolução não busca modificar estruturas sociais injustas, mas procura reformar homens imperfeitos.

Muitos dos que manobram as alavancas do Poder, julgando-se pilotos de naves cósmicas, não passam de pobres motorneiros sublunares.

Toda a parafernália dos crimes ecológicos cabe numa designação genérica: geocídio.

Quanto mais a História ensina, mais as nações desaprendem. Culpa da professora, dos alunos ou da metodologia?

A fé arde no coração, a esperança cintila no olhar, a caridade desabrocha das mãos.

Não é muito difícil ser futurólogo – basta ter olhos de lince para perscrutar os latifúndios do passado. É lá que germinam as sementes das florestas vindouras – verdejantes ou incendiadas.

Na ostra do silêncio pulsa, estremece e vibra a pérola do canto.

O poema é como as lâmpadas: não importa a sua forma – o importante é a intensidade da luz que nelas brilha.

O trabalho é um dever sagrado do homem. Mas devia ser também um dos seus direitos fundamentais.

Definitivamente, o ateu vive à toa.

Cecília Helm e Marcio Kokoj
Foto: Patrick Leonardo Baptista, 2016

A VISITA: O SIGNIFICADO DO ENCONTRO COM O KAINGANG MARCIO KOKOJ

Por CECÍLIA MARIA VIEIRA HELM (*)

No mês de janeiro de 2016, recebi a visita do kaingang Marcio Kokoj, em meu apartamento, em Curitiba. Havia me enviado uma mensagem pela internet, informando sobre o interesse dele em manter contato com a antropóloga que fez pesquisas na terra ocupada pelos seus ancestrais, descendentes do cacique Antonio Joaquim Kretãn.

Sobre a história da Reserva Campina do Cacique Kretãn, hoje denominada Terra Indígena Mangueirinha, há laudos que elaborei na década de noventa, documentos compulsados na Biblioteca Pública do Paraná e depoimentos de líderes kaingang entrevistados durante minhas etapas de pesquisa de campo, desde 1967.

Marcio deixava transparecer uma grande curiosidade sobre os conhecimentos que adquiri sobre a terra que foi invadida por intrusos, apoiados pelos governos do estado do Paraná e Federal, madeireiros interessados em ocupar a parte mais valiosa do território tradicional indígena, a área do centro, com uma mata nativa de quinze mil pés de *Araucária angustifólia*, o pinheiro-do-paraná.

O nome kaingang *Kretãn* possui um forte significado na cultura e memória indígena, tem sido passado de pai para filho, de bisavô para neto. O chefe de unidades familiares, Antonio Joaquim Kretãn, deixou o aldeamento de Palmas, em 1819 e foi se instalar com o seu grupo,

junto aos rios Covó (Iguaçu) e Chopim, criando as aldeias Campina e Palmeirinha, junto ao rio Iguaçu, no estado do Paraná.

O kaingang Francisco Luiz dos Santos, avô materno de Marcio Kokoj foi o meu principal informante, narrou em 1995 que o termo Kretãn significa "*aquele que olha por cima da montanha, enxerga mais alto*", dizia ser descendente do ancestral mais antigo que ocupou aquela terra. Angelo de Souza Kretãn, filho de Balbina da Luz, também recebeu o nome Kretãn e se tornou respeitado como importante líder, participando do movimento indígena pela retirada da terra dos ocupantes não índios. Somente em 1985, os líderes indígenas da região Sul conseguiram se mobilizar e expulsar os invasores da Terra Mangueirinha.

Há uma relação entre o nome Kretãn e os que ocuparam a chefia no Posto Indígena Mangueirinha. Antonio Joaquim Kretãn foi o cacique que primeiro se instalou e ocupou esta terra. José Capanema, seu filho, herdou a posição de cacique na TI Mangueirinha, Francisco Luiz dos Santos foi capitão dos índios e membro do Conselho Indígena. Angelo Kretãn foi eleito cacique da TI Mangueirinha e vereador. Descendentes destes caciques também ocuparam posições de poder. Recentemente há disputas pelo poder. Os descendentes de Antonio Joaquim Kretãn e os descendentes de Luiz dos Santos disputam a condição de cacique, sendo que a patrilinearidade que era a regra principal foi substituída pela descendência materna, tendo em vista que Francisco Luiz dos Santos era descendente de Antonio Joaquim Kretãn, através de sua mãe.

O meu visitante desejava obter cópias de mapas antigos dessa terra, que pertencem aos arquivos da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, do Instituto Ambiental do Paraná, IAP. Sabia que em 1903 foi assinado o Decreto nº 03 que reservava as terras dos rios Iguaçu, Chopim e Palmeirinha para "as cabildas" do cacique Kretãn.

Percebi que a preocupação pelas terras da Reserva do antigo território Kaingang, na região, era o objetivo da visita do kaingang Kokoj.

Na entrevista/visita, o pesquisador era o índio. A antropóloga deveria dar informações para o andamento do projeto de Marcio e de seus companheiros que participam do atual movimento indígena pela recuperação de terras indígenas.

O visitante é filho de Elvira Luiz dos Santos e neto de Francisco Luiz dos Santos. A sua paternidade não foi revelada, apenas narrou que sua mãe é a viúva de Angelo Kretãn. O seu avô, Francisco Luiz foi capitão dos índios. É o ancestral que menciona com orgulho, porque se dizia neto de Joaquim Kretãn, também devido à preocupação de Francisco Luiz em defender os direitos dos índios. Participou, a meu convite, da 1ª Reunião sobre O Direito dos Índios, realizada em Florianópolis. O evento foi coordenado pelo antropólogo, Sílvio Coelho dos Santos.

Marcio Kokoj disse que o seu nome em Kaingang significa beija flor. Na sua fala, explicou que pesquisa os direitos das etnias indígenas e que eles devem participar de encontros, reuniões, assembleias que discutem os direitos indígenas. Reunir documentos e provas que tratem sobre os fatos é o seu propósito.

As transformações que vêm ocorrendo na sociedade brasileira sobre as relações de contato entre indígenas e não indígenas têm gerado mudanças, apesar dos conflitos sociais. Adquiriram um saber de como devem agir, participar de movimentos indígenas e procuram se tornar visíveis, ora recorrendo a Fundação Nacional do Índio, às Procuradorias do Ministério Público Federal e à Justiça Federal, ou entram em contato com os especialistas, antropólogos que estudam as etnias indígenas.

Marcio Kokoj pertence a uma cultura distinta, a uma etnia indígena, a Kaingang do Grupo Jê, que fala o kaingang e o português. Fez vários cursos em escolas públicas, domina bem o português. Nas Universidades situadas no estado do Paraná há cotas para os indígenas realizarem cursos superiores. Marcio Kokoj procura se informar sobre as leis da sociedade nacional e os relatos que tratam sobre as extensões e limites das terras indígenas no País.

Na década de 1960, quando iniciei meus estudos e pesquisas nas terras ocupadas pelos kaingang, os caciques procuravam as administrações do Serviço de Proteção aos Índios, também viajavam até a Cidade do Rio de Janeiro, para solicitar apoio dos governantes, que tinham poder para decidir sobre o andamento dos processos. Solicitavam providências para serem expulsos os invasores das suas terras.

Nos dias atuais, além dos órgãos públicos, o kaingang Marcio entrou em contato com a antropóloga que produziu laudos e investigou a antiguidade da Terra Indígena Mangueirinha.

Os antropólogos precisavam obter uma licença para fazer pesquisas sobre as etnias indígenas. Na década de 1990, quando fui nomeada perita, recebi a incumbência de realizar perícia na TI Mangueirinha, notadamente sobre a parte do centro, apresentar provas sobre a questão da terra em litígio e encaminhar Laudo antropológico, para a Justiça Federal em Curitiba.

A visita de um líder indígena à antropóloga que realizou o Laudo sobre a antiguidade da terra, reuniu documentos e encaminhou as entrevistas realizadas entre os indígenas e os não índios, constituiu-se em um fato novo. Entrevistei todas as famílias que ocupavam a parte do centro e sofreram transferência forçada, para deixar a área, e foram instaladas nas aldeias Campina, Paiol Queimado e Palmeirinha.

A Antropologia trabalha com os conceitos de comunidade de comunicação e de argumentação (CARDOSO de OLIVEIRA,1990, apud APEL). O acontecimento, a visita do Kaingang Marcio Kokoj, para me comunicar a sua decisão de investigar a antiguidade das terras indígenas, seus direitos históricos e, a argumentação que ocorreu entre o seu objetivo e o conhecimento da antropóloga sobre o assunto, implica que houve uma relação dialógica, ou seja, ocorreu o diálogo que teve um significado. Escolheu a Antropologia como fonte para a sua argumentação. Revelou que há respeito pelo saber produzido e vontade política de dar continuidade a investigação.

A minha preocupação tem sido estudar e interpretar as sociedades e culturas distintas da sociedade nacional, e informar aos leitores sobre as especificidades, as características das etnias indígenas, as suas formas de organização econômica, social e política, as crenças de cada povo indígena.

Os impactos que os indígenas têm sofrido, devido aos projetos de desenvolvimento da sociedade nacional, como a construção de usinas hidrelétricas, junto aos rios em que vivem e que ocasionam perda de terras, também são analisados e interpretados pela Antropologia. Os povos indígenas têm reagido e se mobilizado para decidir sobre a viabilidade ou não dos projetos. Nos rios Iguaçu, Paraná e Tibagi, no Paraná, os Kaingang e os Guarani foram afetados por projetos hidrelétricos e assentados em outros locais. Na Terra Indígena Apucarana, PR, os Kaingang se manifestaram contra o Projeto São Jerônimo, em 1996. Um Kaingang, Lourival Oliveira, líder dos Kaingang, que servia de guia, durante uma visita que realizei em 1995, a sua aldeia, na beira do rio Apucarana Grande, apontou para o imenso paredão de pedras e a uma armadilha de pesca, o pari, que colocam na beira do rio, falou:

> *"se a usina for construída no rio Tibagi, junto a minha aldeia, modificando a paisagem, e o rio Tibagi se transformar de rio nervoso,*

em um grande lago, ficará uma grande saudade do rio e da mata e de tudo que o índio gosta'' (OLIVEIRA, L.).

O que se depreende das argumentações dos líderes indígenas, é que estão acompanhando o desenrolar dos fatos, as mudanças que ocorrem nas relações entre índios e não índios no Brasil. Objetivam recuperar terras e impedir que projetos econômicos prejudiquem as suas maneiras de viver, preservar as suas culturas, o meio ambiente em que vivem, apoiados pela Constituição Federal, 1988 (capítulo VIII, *Dos Índios*, art. º 231).

*Cecília Helm é membro da Academia Paranaense de Letras e da Associação Brasileira de Antropologia, ABA.

A ESTRADA DE PARANAGUÁ E A "GUERRA DOS PORTOS"

Por RUI CAVALLIN PINTO

A Serra do Mar é parte do Maciço Atlântico, que acompanha a costa leste do Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul. No litoral do Paraná, porém, ela representa uma cadeia de montanhas com escarpas e formas esguias, cuja altitude varia de 500 a 1.000 metros sobre o terraço de Curitiba. Em 1648 foi fundada a cidade de Paranaguá na planície litorânea, que passou a ser o porto por onde escoava a incipiente produção da região. A descoberta do ouro de aluvião atraiu toda sorte de gente para a região, viandantes e tropas, e, entre eles, faiscadores de ouro e preadores de índios, o que tornou mais intensa a vida da cidade e promoveu a procura de novas fontes de garimpo nos ribeirões que desciam do planalto. Daí o esforço de vencer a serra subindo ao plano curitibano e tentando vencer a floresta tropical.

A princípio o caminhante seguia trilhas indígenas, rasgando veredas na mata densa, úmida e escura. Margeava córregos turbulentos, contornava abismos e atravessava pântanos, sob chuvas intensas da estação. Os caminhos percorridos passaram a ser os do Itupava, de menor percurso, que atingia Porto de Cima e levava a Morretes, pelo Nhundiaquara. A estrada da Graciosa terminava em Antonina, enquanto a do Arraial constituía trilha mais difícil, impraticável na chuva. Com a criação da Província, uma das providências do governo local foi dotar a Graciosa de melhores condições de uso, que, quando inaugurada em 1873, constituía uma verdadeira estrada, pavimentada em parte, ligando o litoral à capital e tornando obsoletas as do Itupava e do Arraial.

A data de 1830 é da inauguração da estrada de ferro, com a primeira linha de transporte de pessoas na Inglaterra. Animados pela sua capacidade de carga, outras linhas se sucederam no país e se difundiram pelos países vizinhos, e, em 1890, a Grã-Bretanha contava com 32 mil quilômetros de trilhos assentados e a Alemanha 42. Os Estados Unidos tinham 270.000. A pioneira da América Latina foi Cuba, e, no sul do continente o Peru.

No Brasil, a Mauá teve 15 km de trilhos, do Porto Mauá a Fragoso, no Rio de Janeiro. Depois dela, em 1867, a São Paulo Railway foi a primeira ferrovia paulista e ligava São Paulo a Santos.

No Paraná, em 10 de janeiro de 1871, o governo imperial deferiu a Antonio Rebouças, Francisco Tourinho e Maurício Schwartz o direito de concessão para a construção de uma ferrovia ligando o planalto ao litoral, entre Curitiba e Antonina. A companhia dos concessionários dispunha de um orçamento de 3.500 contos de réis, cujos juros foram garantidos pela Província, para pagamente só quando da entrega da linha ao tráfego. A Província ainda fez a doação de 30 contos para os estudos preliminares do plano e sua execução. O traçado do projeto era de Antonio Rebouças e foi considerado de alto valor técnico, bem como recebeu suporte financeiro do Barão de Mauá, que veio a se incorporar ao empreendimento.

Ocorre, porém, que desde o início o projeto recebeu forte oposição das lideranças da cidade de Paranaguá, que invocavam o direito à prioridade da escolha do terminal ferroviário, em vez de Antonina. Situada no litoral, próxima da barra, Paranaguá alegava que contava com excelentes ancoradouros, ao contrário do pequeno ancoradouro de Antonina. Entre outras preferências, a cidade era a mais importante da Província e sede do seu comércio marítimo e de exportação da sua produção e riquezas. A erva-mate, com a produção em franco crescimento, era o produto de maior exportação. Produzida no interior, era transportada e beneficiada em

Morretes, acondicionada em barricas de madeira para ser exportada. Além disso, Paranaguá exercia uma ampla atividade de comércio de cabotagem em toda as inúmeras comunidades que ocupavam toda a extensão da baía e da costa marítima.

Antonina, para seus opositores vivia em torno de um pequena exportação da produção agrícola, sobretudo local, fabricava aguardente de cana e pilava arroz. Além disso, a profundidade de sua baia não comportava navios de maior porte.

Por seu turno, Antonio Rebouças e seu irmão André (agora incorporado aos demais consócios), invocavam a vantagem da proximidade do porto e o beneficio de tarifas mais baratas, servindo-se de inúmeros pareceres técnicos de autoridade em hidrografia e caminhos de ferro. No mais, o porto podia ser melhorado com despesas insignificantes, como arrasar as lages submarinas, para deixar livre o fundeadouro por mais de 5 quilômetros.

E então se travou a chamada "guerra dos portos", uma disputa que durou cerca de 10 anos, e contou, todo tempo, com a intervenção da melhor representação das lideranças sociais e políticas de Paranaguá, entre a quais assumiu papel maior a família Correia, que contava, entre seus membros, com o Conselheiro Correia, no Senado e a intervenção influente do Visconde Nácar e do Barão do Serro Azul.

Porém, debalde o empenho dos Rebouças junto aos órgãos e gente do governo e a promoção de um ciclo de conferências no Instituto Politécnico Brasileiro. Debalde sua ação na imprensa e sua intercessão pessoal junto a D. Pedro II e a família imperial, de cuja convivência desfrutava. Na verdade, faltava a André vínculos mais estreitos com a Província e, sobretudo, com suas lideranças políticas. Enfim, essa disputa sempre lhe pareceu igual às lutas fratricidas das cidades italianas da Idade Média.

E, para agravar ainda mais esse confronto, André foi surpreendido com a morte súbita do irmão Antonio, em maio 1874, antes mesmo de completar 35 anos. Essa perda levou mais da metade da alma de André, como confessou, tal era a ligação afetiva entre os dois, mas afetou muito mais gravemente a própria sorte do projeto.

De agora em diante Paranaguá irá ganhar mais força que, em resumo dos trâmites finais, se inclui a concessão a Pedro Aloys Scherer e seus companheiros, do privilégio de construir uma estrada de ferro no trecho Paranaguá/Morretes, respeitada a concessão a Antonio Rebouças; um ano depois estendida a Curitiba, ampliando o traçado, que incluiu Antonina e se tornou definitivo. Os trabalhos de construção e operação ficaram por conta da Societé Anonyme de Travaux Dyle et Bacalan, de Louvain.

E foi assim que terminou a "guerra dos portos".

Vencido, André não conteve seu amargor, e, como era de suas reações, atribuiu seu insucesso a ***iníquos oligarcas sem cabeça nem coração!.*** Entretanto, como pondera Edilberto Trevisan, o maior e mais ardoroso historiador da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá, a causa maior talvez não tenha sido só as razões de ordem técnica ou antigas rivalidades, reavivadas pela disputa do porto, mas a falta de um maior apoio oficial e político, cujo confronto com Paranaguá, Antonina não pode disputar.

MANOEL RIBAS
DESVELANDO COM DESVELO

Por RUI CAVALLIN PINTO

Manoel Ribas ocupou longo período da história recente do Paraná: foi interventor no governo provisório da revolução de 30 (1932); governador eleito indiretamente em 1934 e voltou a ocupar a interventoria no chamado Estado Novo. Foram 15 anos de regime de exceção. Caiu com Getúlio Vargas em 1945. Deixou legenda duradoura, mas passados quase 70 anos, é a primeira obra que vejo que se propõe a trazê-lo à público. Sua neta conservou os guardados e seu marido, o empresário, professor e político Fernando Fontana se dispôs a elaborar a biografia e a obra do seu governo.

Não é uma biografia histórica. É um relato de seu legado de administrador, com flagrantes do seu gênio brusco e suas reações imprevistas, que o povo simplificou a seu modo, com a alcunha de Maneco Facão, pelo número de demissões que teria expedido ao assumir o governo. Ribas era descendente de tropeiros dos Campos Gerais e conservou muito de seus hábitos campeiros. É de remotas raízes paranaenses. Seu gosto era tirar tempo e descanso assistindo a "marcação" da boiada ou comer um bom churrasco na roda de amigos, na velha fazenda de Monte Alegre, que freqüentava nos seus aniversários, desaparecido da capital. Seus interesses principais eram os da agricultura e da pecuária.

Em 1940 fundou o Instituto de Biologia e Pesquisa Tecnológica, hoje Tecpar (sua menina dos olhos), que foi centro de pesquisa aplicada no saneamento e fomento agropecuário do Estado. Graças à sua contribuição promoveu o combate à broca do café (com a vespa de Uganda), a peste suína e outras mais. Fundado em 1876 como Muzeo de Coritiba, só servia para expor amostras dos nossos

produtos em feiras ou ocasiões políticas. Foi a presença do medico e arqueólogo José Loureiro Fernandes, levado por Manoel Ribas em 1936, que fez com que o Museu passasse a produzir pesquisa científica de qualidade e a editar, por duas décadas, os Arquivos do Museu Paranaense, cuja publicação vai surpreender as comunidades científicas nacionais, por compartilhar com suas congêneres os temas do mais alto interesse científico. Nesse tempo o Museu ainda promoveu sessenta expedições científicas sobre a fauna e a flora paranaense, **in situ**. O projeto original era dotar o Museu de prédio próprio, em terreno hoje ocupado pelo Teatro Guaira, para que se tornasse um dos maiores museus de história natural da América do Sul.

Foram esses tempos promissores que produziram homens do porte científico do padre Jesus Moure, autoridade internacional em apifauna, o paleontólogo Waldemar Lange Fernandes que produziu trabalhos que o projetaram no cenário científico. E tem também o incansável geólogo alemão Reinhard Maack, autor da obra prima da Geografia Física do Paraná, além de tantas outras revelações de natureza científica. Foi preso como nazista, mas redimido com a concessão do título da cidadania brasileira. O período ainda revelou Loureiro Fernandes, Marcos Enrietti, Metri Bacila, João José Bigarela.

Infelizmente a escassez dos estudos sobre Manoel Ribas suprimem parte dos debates que alimentariam seu juízo e o caldo de refino a tirarmos do seu governo, vivido em um longo quadro político e econômico de exceção, inserto em uma quadra econômica de perfil periférico, que enfrentava um mercado platino reduzido à madeira e o café, que só em 1949 passou a registrar algum surto da ascensão de preços.

Ora, o projeto do território do Iguaçu, de revisão geopolítica, já estava incorporado na proposta revolucionária de 1930, por conta da segurança nacional e do projeto da "Marcha para Oeste". Não foi surpresa considerando que, como nenhum outro, o Paraná sofreu

consumações e tentativas iguais de retaliação do seu território. Perdemos 27.510 km2 com o acordo do Contestado. A Argentina reclamou a área de mais de 30 mil km2, entre os rios Chapecó e o Jangada, que o Brasil cedeu pelo Tratado de Montevideu (1890), entregando a região das Missões. A Câmara dos Deputados, porém, não ratificou o tratado e o presidente americano e árbitro Grover Cleveland acabou dando sentença a nosso favor. Já houve movimento no norte do Paraná tentando desligar a região norte do Estado para formar o Estado do Paranapanema.

Agora, o Território do Iguaçu nos subtraia mais 51.452 km2. O Paraná ficava reduzido a que território como propriamente seu? Embora medida de impacto e de grandes proporções, o confisco não provocou reação popular nem manifestações, como em episódios anteriores. Luiz Carlos Tourinho atribuiu ao efeito anestesiante da ditadura de Vargas. Mas, mesmo assim, espoucaram algumas manifestações representativas. O Secretario da Fazenda, João de Oliveira Franco pediu demissão e o Procurador-Geral, Brasil Pinheiro Machado manifestou seu protesto nativo. Ermelinho de Leão ofereceu parecer dos valiosos argumentos, de todas as frentes. Bento Munhoz da Rocha fez vibrante discurso na Faculdade, Ciências Letras alegando que a alma do Paraná estava sangrando. Ribas, pelo contrário enviou a Getúlio um jubiloso telegrama de congratulações, e sustentou em entrevista seu apoio ao que considera uma amputação insignificante. Em igual tom de manifestaram seus secretários Angelo Lopes e Fernando Flores.

Com a redemocratização do país, Bento Munhoz se candidatou a deputado e fez da reintegração do território do Iguaçu sua principal bandeira. Em 10 de junho de 1946 apresentou emenda constitucional, propondo a extinção do território do Iguaçu, com 119 assinaturas de constituintes. Foi voz permanente na tribuna, mas trabalhou quase sozinho. De nossa bancada de 12 representantes,

só quatro deles ocuparam a tribuna em favor da emenda. Dos dez catarinenses só dois subscreveram a emenda e nenhum deles de Ponta-Porá, que posteriormente integrava a emenda extintiva. O senador Nereu Ramos, líder da Assembleia Constitinte e ex-interventor de Santa Catarina, não assinou a emenda nem assumiu pessoalmente sua defesa. Bento travou longos debates e participou de inúmeros confrontos nacionais promovidos pelo diário carioca "O Jornal", com deputados, oficiais do Estado Maior e estudiosos da política territorial brasileira.

O argumento da segurança nacional que parecia o mais frágil, Juarez Távora e o coronel Almirando Nunes Pereira o reduziam a uma razão menor, qualificando de "transcendente", diante do fim da guerra e a deposição de Vargas. Ocorre, entretanto, que, o que é bom de ver, é que, durante a ocupação do território o governo não promoveu nenhuma medida de defesa e desenvolvimento da região. Toda linha estratégica de defesa estava dirigida ao sul. O comando militar do Sul era sediado em Curitiba, onde foram construídos quarteis especialmente fortificados e com seteiras, como o 3º RAM na praça Osvaldo Cruz. O 15 BC, da Praça Ruy Barbosa ou o de Ponta Grossa, todos oferecendo resistência a um evetual avanço do sul. A estratégia obedecia ao programa do **expendable**: sacrificar a parte mais fraca do território para defendê-lo melhor e mais à frente.

Finalmente, o território do Iguaçu e Ponta Porã foram extintos pelo art. 8º, da Disposições Transitórias da Constituição de 1946.O Paraná voltava a se reintegrar. E era o dia da padroeira de Curitiba.

PARANÁ: UMA NOVA VISÃO HISTÓRICA?

Por RUI CAVALLIN PINTO

Alexandre Drabik foi, por muito tempo, membro e colaborador do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Nesse período editou os livros "Turbilhão Verde Amado" (1993), "Paraná: meu Paiquerê", e, por último "Nova Visão da Nossa História" (2006). Todos eles, produzidos após sua aposentadoria como funcionário da Caixa Econômica Federal e estimulado pelo convívio e o clima de estudo e debate que passou a entreter com os historiadores da casa. Guiado pelo que passou a ver e saber, chegou a se convencer e lamentar que a paranaense não tem orgulho de sua própria história, quando, na verdade, o berço de nossa própria nacionalidade está justamente aqui, entre o que é hoje o Paraná.

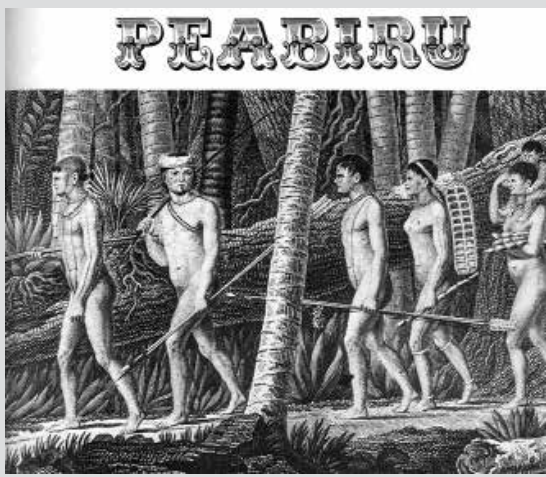
Além disso, os curitibanos (paranaenses só depois da emancipação...) constituem desde os primeiros tempos uma individualidade de feição própria, de cultura e valores definidos e irradiados do planalto curitibano além disso, a eles se deve a extensão e a conquista do extremo meridional do Brasil, pois chegou a alcançar as fraldas da foz do rio da Prata, rompendo a linha de Tordesilhas.

Para Drabik, descoberto o Brasil D. Manoel (que vivia na Corte e estava pouco inteirado das conquistas portuguesas) manteve, entretanto, o segredo dos espanhóis por 3 anos, embora logo (em 1501 e 1503) tenha despachado seus melhores navegadores (inclusive Vespúcio), para promoverem o reconhecimento das terras e suas riquezas. Seguindo o autor, só depois de se instalarem em São Vicente e Cananéia, onde deixaram degredados (como intérpretes da língua e a colherem informações sobre as riquezas da terra), prosseguindo a exploração do litoral até a costa do Prata. Na altura de São Vicente e Santa Catarina, teriam notícia da existência de ouro e prata, por indicação dos índios, apontando para o interior do continente. Então, a muitas luas havia uma montanha de Prata (Potosi) e um rei branco

que se cobria de ouro. Mas havia uma vereda que levava até lá: era o caminho de Peabiru.

Pois foi a procura desse caminho que animou as incursões dos portugueses para além de Tordesilhas e promoveu a expansão dos seus domínios, antes das iniciativas colonizadoras. Para Drabik o caminho de Peabiru foi, pois, a "pedra de toque" que animou as aventuras desses primeiros conquistadores e do próprio governo português. E muitos historiadores e arqueólogos que se empenharam em redesenhar o trajeto que Alfredo Ellis chamou o "clássico caminho de Guayra".

E o caminho de Peabiru por seu caráter local e antecipatório da nossa história, mereceu ser objeto de um amplo trabalho de pesquisa e exposição, promovido por Drabik em parceria com seu colega do Instituto, o também historiador Luiz Roçague-a Netto, que, depois de aprovado pelo Instituto Histórico, foi encaminhado à Secretaria de Cultura, solicitando a abertura de processo de Tombamento, para sua preservação como patrimônio histórico do Estado. O trabalho fez levantamento das fontes, de relatos diversos e uma rica bibliografia de pesquisa arqueológico e testemunhos visuais. O arqueólogo Igor Chmiz, da UFP, percorreu e confirmou sua datação milenar, em trechos ainda preservados. Clemente Gaioski fez igual percurso e recolheu material arqueológico.



O caminho de Peabiru era um tronco que percorria todo o Estado do Paraná no rumo Oeste,

a partir do litoral (para Drabik, Paranaguá, para outros Cananeia, etc.), e atravessava o continente. Para ele convergiam inúmeros ramais, provindos de diferentes origens. Representava uma vala de 2 metros de largura e 40 a 50 cm de profundidade, revestida de uma espécie de grama permanente, que renascia, mesmo quando queimada (tiririca?...)

Aí está a precedência assumida pelo Paraná na História do Brasil, versão Drabik. O Peabiru está à frente das primeiras notícias que se tem da terra, e oferece a possibilidade de um caminho aberto para o conquistador alcançar as riquezas do El Dorado. Mas, enfim, ele nunca completou esse percurso, nem alcançou a riqueza prometida.

Existem, porém, outras fontes que sustentam nossa prioridade, como foi a casa de fundição de Paraguai que pagou o primeiro quinto de ouro a Portugal. A ocupação de toda a região Sul também não se fez sem resistência sem réplica de incursões castelhanas. Ainda no primeiro século os Adelantados do Paraguai tentaram ocupar todo o interior fundando Guaíra e Vila Rica e implantando o sistema de ***encomiendas***. Entretanto foi tão tenaz a resistência dos índios guaranis, que o governo, não podendo dominá-los, acabou cedendo o território à catequese dos jesuítas. As Reduções foram então semeadas em todo o noroeste e centro do Paraná; mas, tempos depois, resultaram destruídas, pela ***razzia*** das bandeiras paulistas, embora seus remanescentes ressurgissem na República Guarani, ou "Sete Povos das Missões", à margem do Uruguai, para servir (igual à Colônia do Sacramento), às disputas das duas coroas pelas fronteiras do Sul. Os "curitibanos" e "parnanguaras" participaram de todos esses confrontos, com sacrifício humano e material, mas figuram no livro como primeiros desbravadores e, mais que isso, como precursores da definição do nosso território, cuja disputa se encerrou com o "Acordo de Paz", do Tratado de Santo Ildefonso, entre Portugal e Espanha, em 1777.

A tese ganha merecimento pela sua originalidade e o esforço de reservar ao Paraná o papel pioneiro da nossa história. Seríamos protagonistas das primeiras imagens da terra e suas promessas de riqueza. Há, na verdade, o registro de nossa presença precursora no Sul, mas são atos isolados e dispersos. Não há sentido colonizador. Só mais tarde ganham expressão histórica e se incorporam à memória do país. O caminho de Peabiru, por exemplo, nunca foi trilhado. Ora, a História é ciência compósita, conjuntiva e deve levar à composição de um quadro humano. Como diz Ortega y Gasset, história é mais que o **factum** é o **faciendum,** capaz de fazer dele elos de conexão e finalidade.

Enfim, o trabalho é mérito do autor, mas traz a chancela do Instituto Histórico, uma instituição comprometida com o estudo, a pesquisa, a preservação e a difusão de nossa História. Era ele, portanto, que, diante da relevância e singularidade da tese, que deveria promover sua divulgação e debate, especialmente entre os que são mais sensíveis aos temas da nossa História regional.

Não seria este o verdadeiro papel de uma instituição histórico-cultural?

COMO F. FERNANDO FONTANA DESVENDOU MANOEL RIBAS

PREFÁCIO À OBRA

Por DARCI PIANA

Manoel Ribas é um caso único de político que iniciou carreira política no estado em que nasceu quase aos 60 anos. Não que fosse calouro no ramo, pelo contrário. Ele tinha grande experiência política, fruto dos 35 anos vividos no Rio Grande do Sul.

O Paraná daquela época já tinha a atual extensão territorial, ainda que sua integração existisse apenas nos mapas. Subia-se a serra a partir de Paranaguá pela estrada de ferro ou, por via terrestre, pela estrada da Graciosa, caminho precário e mais longo. O segundo planalto também era alcançado pela via férrea até Porto Amazonas. Ali o Rio Iguaçu entrava em ação para dividir com os comboios ferroviários a função de abastecer e escoar a produção do centro sul do estado. A ferrovia seguia para Ponta Grossa, Castro, Jaguariaíva, subindo depois o chamado "ramal da fome", por Arapoti, Wenceslau Brás, Siqueira Campos, Joaquim Távora e Santo Antônio da Platina, entre outras estações, até Jacarezinho.

Na região norte era grande a migração em direção aos campos e às matas, movimento que, já em 1934, fez nascer Londrina. A fertilidade da terra roxa abriu um novo horizonte para a agricultura do Paraná, com o sucesso alcançado pelo café.

A República Velha havia ficado para trás. Affonso Camargo, último representante da oligarquia que até então dominara o estado,

havia sido apeado pela Revolução liderada por Vargas. O poder mudava de mãos.

Ao ser nomeado Interventor Federal do Paraná, Manoel Ribas voltou à terra natal para tomar conta do erário, resolver a situação dos funcionários públicos e tratar da expansão do estado.

Era bem conhecido por Getúlio desde o Rio Grande. O novo Presidente da República havia sido Secretário da Fazenda no governo gaúcho, quando pôde avaliar o Intendente Municipal da cidade de Santa Maria da Boca do Monte, aquele administrador rigoroso que não tinha tempo a perder. Era o homem ideal para suceder Mário Tourinho, o primeiro Interventor Federal nomeado pelo governo revolucionário de Vargas.

Manoel Ribas governou o Paraná por 13 anos ininterruptos, até ser deposto na esteira da queda de Getúlio. Nenhum governador teve mais tempo de poder no nosso estado. As mudanças que promoveu foram permanentes, a exemplo da Estrada do Cerne, fator de integração ainda hoje em operação.

Maneco Facão, o apelido que recebeu pelo seu jeito direto de cortar regalias, deixou para a história paranaense um legado de conquistas e um sem número de fatos pitorescos. Coube a F. Fernando Fontana pagar a dívida que o Paraná tinha com Seu Ribas, desde a morte do ex-Interventor, apenas três meses depois de deixar o Palácio São Francisco.

Nesta biografia, Fontana disseca a vida, a obra e o mito em torno do velho político. A lacuna está preenchida, quase 70 anos depois de seu falecimento. Por esta razão, o Sistema Fecomércio Sesc Senac Paraná tem orgulho em contribuir para a sua edição.

As novas gerações poderão, a partir de agora, conhecer um pouco da personalidade de Manoel Ribas, paranaense de Ponta Grossa, um homem rude, mas não inculto; severo, mas dono de um grande coração. Foi um exemplo, a quem agora se faz justiça.

OS CLÁSSICOS E AS LÍNGUAS NACIONAIS
MÓDULO PRIMEIRO

Por CARLOS ALBERTO SANCHES

O crítico norte-americano Harold Bloom é responsável pela afirmação de que os clássicos dos diferentes países, pelo menos na Europa Ocidental, produzem um efeito colateral assombroso. Para o crítico, várias línguas nacionais se consolidam a partir de obras-primas e clássicas. No que tange a Portugal, por exemplo, a consolidação da língua lusitana ocorre em torno do clássico e epopeia mundial, Os Lusíadas.

Cumpre esclarecer que essas obras coincidem com momentos de apogeu político e econômico. Até a redação d'*Os Lusíadas*, Portugal possui uma gama de autores, em vários setores da vida sociocultural, que propiciam o surgimento da epopeia de Vasco da Gama indo para as Índias e sua cristalização em uma obra de alcance mundial.

A língua portuguesa, na época, abandona os resquícios daquela que se fala em fins da Idade Média, em obras como a de Gil Vicente – especificamente seu importante e nascente teatro, que carrega junto um olhar sobre a cultura medieval, o caráter social e religioso da sociedade portuguesa moderna que dispara os primeiros passos na direção da glória ultramarina. Com as descobertas mundo afora, Portugal se torna o "genitor" da globalização e responsável pela criação do primeiro Estado moderno, centralizado na figura do rei/monarca. Seu pioneirismo possibilitou a fundação de Sagres, a primeira escola naval e de cartografia do mundo. A arte da navegação oceânica não tem mais segredos para os nossos "patrícios".

Em outro campo, Gil Vicente, ao introduzir seu teatro na corte real portuguesa, torna-se, digamos, o precursor de um novo modo de falar e escrever (O *dolce stil nuovo* – "doce estilo novo"). Outro poeta da época, Antônio Sá de Miranda, busca esse "renascimento" na Itália. A obra de Gil Vicente brilha no teatro cortesão onde despontam seus autos, mistérios, sátiras, farsas e comédias.

Dessa forma se prepara o advento, em grande estilo, da obra épica de Camões já citada. A linguagem d'*Os Lusíadas* virá a constituir a base da língua nacional, como costuma acontecer em países proeminentes na história social e política. Falamos, é claro, da literatura europeia. *Os Lusíadas* estão para Portugal como a *Divina Comédia* de Dante Alighieri está para a Itália. Como o grande épico nasce e vive em Florença, o dialeto florentino passa a penetrar nos dialetos do norte da Itália. O cristianismo deve sua consolidação na Europa à grande difusão da notável epopeia que é a *Divina Comédia*. Como se vê, o mesmo ocorre com o surgimento d'*Os Lusíadas* entre a sociedade que frequenta a corte de Portugal. Segundo Bloom, o fenômeno é típico de países que experimentam os mesmos papéis de Dante e de Camões.

Há muitos países cuja emergência de uma língua nacional se deve a outros fatores. E outros cuja sociedade meio engessada não detém cacife para consolidar e disseminar sua língua nacional pelo mundo (como, aliás, fez a Inglaterra colonial-imperialista). O leitor talvez ignore que a língua portuguesa, herdada da língua galega na Península Ibérica, foi língua oficial do mundo ocidental e usada até em tratados internacionais. A moeda portuguesa do século 16 foi também moeda mundial: o dobrão e o cruzado. Camões passa a simbolizar a nacionalidade lusitana, ainda hoje celebrada em 10 de junho. *Os Lusíadas* são o símbolo de um povo heroico e base da língua que se fala hoje tanto aqui no Brasil como em Portugal. O que nos diferencia é o sotaque.

Aqui, nas plagas da Terra de Vera Cruz, o tema "obras fundadoras de uma língua nacional" é objeto de acirradas controvérsias. O fato envolve várias questões, como a façanha de outras línguas (autóctones e alóctones) terem se disseminado pelo território do Brasil. O consenso é pouco provável. Os críticos e autores que surgem timidamente no alvorecer da era colonial trazem a reboque várias influências. Da literatura de catequese até os escritores de informação, formação, de história, a discussão se adensa. Pero Vaz de Caminha agita o lago parado da terra selvagem e sem nenhuma tradição. E dispara o primeiro documento descritivo sobre a terra do pau-brasil: a sua famosa *Carta de Pero Vaz de Caminha*.

As primeiras manifestações da nossa literatura, socialmente falando, são as obras de dois autores barrocos: a poesia satírica de Gregório de Matos Guerra e *Os Sermões*, do padre Antônio Vieira, justamente sediados na capital do primeiro e único vice-reinado de Tomé de Souza, sediado em Salvador da Bahia. Esses dois expressivos autores da literatura "brasuca" até podem entrar em uma disputa por essa primazia, mas há opositores.

Na verdade não há consenso, como já se disse. Gregório até pode ser considerado, na primeira fase colonial, forte candidato a arauto do português barroco que já expressa tensões sociais, políticas e econômicas da nascente sociedade brasileira. Ele é satírico mordaz, irreverente e "vida torta", apelidado de "Boca do Inferno". É assunto deveras polêmico. Há pontos a favor de um e de outro.

Há mais alguns candidatos de peso (é preciso lembrar que os candidatos provêm de vários pontos e épocas do país), como, por exemplo, o gigante Euclides da Cunha e seu soberbo *Os Sertões*. Uma obra singular que capta em prosa, de maneira épica, os conflitos e tensões de um Brasil (especialmente do Nordeste) dividido ferozmente entre o governo central e as tropas andrajosas

de Antônio Conselheiro. Esse entrechoque vai gerar uma guerra fratricida, a Guerra de Canudos, vertida para uma língua portuguesa carregada com as características daquela cultura sublevada. Já pensei muito sobre a questão e realmente a prosa de Euclides da Cunha em *Os Sertões* traz nos costados um Brasil destroçado social e economicamente. Foi a nossa maior tragédia nacional. A linguagem excessivamente técnica, mormente nas descrições, polariza a obra: infestação de termos eruditos e científicos e as falas com sotaque nordestino. É uma terminologia de lascar.

Os Sertões é um livro com três capítulos: a Terra, o Homem e a Luta. O estilo jornalístico de "A Luta" é absolutamente ajustado porque é ágil. A linguagem de jornal permeia as narrações sobre os combates de Canudos. Diz-se que se trata de uma obra-prima, embora não haja ficção. "Foi tudo verdade?", pergunta um aluno que bate as teclas com este simpatizante do Antônio Conselheiro.

A guerra é brutal; a linguagem, um portento; o meio ambiente, desolador. Trata-se de uma obra essencial para entender melhor as contradições de nossa nação. Republicanos e monarquistas se engalfinham em combates sangrentos. Bem, por mim, na falta de outros critérios, escolheria este livro como o "fundador" do português usado no Brasil.

Há vários outros fatores para fundar uma língua nacional. *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro; e pelo menos mais de uma dezena de outros candidatos. Tudo por causa de nossa policromia étnico-cultural. Pela grandeza territorial da nossa terra, creio que se poderia achar a língua formadora em regiões mais densamente povoadas por portugueses e seus descendentes. Nossa sociedade é plural. Gostaria de citar algumas obras que omiti sem que fosse meu desejo e que podem também ser indicadas. *O Tempo*

e o Vento, de Érico Veríssimo, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Enfim, parece não haver a tão decantada obra-prima que englobe as "várias línguas" que percorrem as artérias ardentes deste nosso multifacetado país.

Seria uma insensatez esquecer uma obra que é a mais perfeita alegoria do Brasil já escrita. Trata-se do livro de Machado de Assis *Esaú e Jacó* – por sinal, o seu derradeiro romance. Para mim, essa obra é um candidato sério ao título já mencionado. Realmente, trata-se de uma obra essencialmente política. Ela nos mostra uma sociedade que perde o grande momento de se constituir em uma nação de fato. A história é assaz conhecida. Esaú e Jacó são personagens bíblicas e alegorias dos irmãos porque brigam desde o nascimento. Os gêmeos Pedro e Paulo encarnam a polarização social da época: Paulo é liberal e republicano. Ele deseja o progresso. Seu irmão, Pedro, é monarquista e conservador. Os dois se odeiam (assim como os vários Brasis que se confrontam). Um incluído; o outro excluído; os deputados Pedro e Paulo representam as forças dominantes dessa alegoria de Machado. Para piorar, os dois se apaixonam pela mesma mulher, Flora; ela morre, ao final, sem ter escolhido nenhum dos dois. Dai emerge uma pátria infecunda, estéril, que nasce morta.

Minha gente! É o Brasil que perde a grande chance de ser fraterno e justo. Machado era político? O leitor tem primazia para nos dar a resposta. Enquanto isso, os negros que lutam bravamente na Guerra do Paraguai começam a subir os morros (hoje favelas) porque o governo não cumpre o que lhes prometera: educação básica, um pedaço de terra e a liberdade. "E o Brasil?" Deve estar ouvindo na tevê os conselhos "geniais" do Conselheiro Aires: "Que continue o baile da Ilha Fiscal!"

Machado só observa e toma notas.

OS CLÁSSICOS E AS LÍNGUAS NACIONAIS
MÓDULO SEGUNDO

Há clássicos, como as epopeias, que merecem ser analisados. Antes de enumerar o que para mim são os clássicos, é preciso perguntar detidamente o que é de fato uma obra literária clássica e perder-se nos cumes das recordações históricas, para mergulhar na conceituação das epopeias. Defini-las não é tarefa fácil, porque elas estão agarradas às paredes viscosas das lendas. A epopeia acompanha a humanidade desde seus primórdios. Em princípio, as epopeias são geralmente escritas em versos. Nelas, tudo tem de ser grandioso. Nos tempos de Homero, eram cantadas, por ele ser cego. Apesar disso, o poeta consegue trazer a *Ilíada* e a *Odisseia* até nossos dias.

Presume-se que algum dos seus ouvintes deva ter transcrito os versos orais do grego arcaico para os livros da época. É aceitável a ideia de que ele se faça acompanhar pela cítara, para contar as façanhas da Guerra de Troia, em dois relatos que transitam pelas estradas das lendas até hoje. Para dourar mais esse fato notável, comenta-se que o cantor da *Ilíada* e da *Odisseia* pode não ter existido. A história da guerra de Troia, a odisseia e a volta dos heróis derrotados para suas ilhas, como Odisseu, põem o Mar Mediterrâneo na base da poesia clássica. Por certo, os poemas de Homero não foram escritos por ele, mas repassados pela tradição oral. Com o tempo, a epopeia emerge a partir da formulação de sua estrutura poética.

Epopeia bem mais recente, *Os Lusíadas* são dedicados ao rei de Portugal dom Sebastião. Camões invoca os deuses e musas ligados ao mar, como Tritão, Netuno, Adamastor e a musas Nereidas. O maravilhoso pagão de *Os Lusíadas* é o mundo das divindades que intervêm constantemente na ação da narrativa. A maior parte desse mundo arrola fatos históricos que a saga dos lusos fecha com uma

conclusão e apelo. Na parte final, já voltando da Índia para Portugal, ocorre o episódio da Ilha dos Amores. A turma diria hoje que é uma "viagem" essa ilha, cheia de encantamento e amores diáfanos e platônicos. Esse poema épico português é escrito em versos decassílabos clássicos, com a acentuação na sexta e décima sílabas. O tema é a viagem de Vasco da Gama às Índias, até a cidade de Calicute (hoje Calcutá). O herói é o próprio Vasco.

A conhecida obra revela uma característica importante: a imitação dos clássicos antigos, especialmente da *Eneida*, de Virgílio. Essa imitação ou *mimesis* do grego faz parte das características do poema épico. Virgílio enaltece o feito do herói Eneias, que, fugindo da Guerra de Troia, resolve fundar Roma. Reparem nas semelhanças entre o primeiro verso decassílabo de Virgílio em latim (*Arma virunque cano*, ou "Eu canto as armas e o varão") e o d'*Os Lusíadas* ("[eu canto] As armas e os barões assinalados"). É praticamente uma cópia, mas é mais imitação. Essa técnica não configura plágio, porque a poesia clássica prega a imitação dos clássicos arcaicos.

No Brasil colonial aparecem duas epopeias, similares na forma às europeias – imitadas ao longo da história da cultura ocidental –, mas sem a qualidade das mais antigas. Uma é o poema *O Caramuru*, de Santa Rita Durão, que conta a história do casamento do náufrago português Diogo Álvares Correia com a filha do cacique. A bela índia Paraguaçu se apaixonou pelo estrangeiro. Ambos resolvem viajar para a França, em cuja corte se casarão. Moema, outra silvícola apaixonada por Diogo Álvares Correia, entra em desespero. Vai atrás deles nadando, se agarra ao leme e se afoga, tentando subir na caravela. Do ponto de vista formal, o poema é uma imitação pobre de *Os Lusíadas*. Quanto ao enredo, sobra mediocridade. Um dos poucos pontos altos do poema é a introdução do nativismo, diga-se pré-indianismo. É, também, precursor do Romantismo, cujos traços já são detectados no poema.

Ratifico aqui que essas epopeias, incluindo *O Uraguai*, de Basílio da Gama, não podem ser encaradas como candidatas a fundar a língua nacional. Apesar de serem nativistas, ficam muito longe de ajudar na consolidação da língua da pátria brasileira. Em outra ocasião, já disse que há pouco o que achar na literatura colonial que seja interessante para dar matizes universais ao português do Brasil. Há várias obras e autores mais encorpados na fila para erigir um idioma digno de ser nacional. Fiquemos, por enquanto, com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; toda a produção realista de Machado; e, de modo geral, a produção romântica, que forja o ufanismo nas letras desta terra abençoada por Deus e bonita por natureza.

GRAMÁTICA DO AMOR: MORFOLOGIA E SINTAXE

Por JOÃO MANUEL SIMÕES

1

Escreverei com sangue,
lágrimas e suor,
a palavra que, exangue,
vou murmurando: amor.

E só depois a língua, azeda
pelo pranto que às vezes me sufoca,
irá buscar, em êxtase, as estrelas
do céu da tua boca.

2

Navegarei em ti: serás o mar
e eu o barco que vem de longe porto.
E depois que em teu seio naufragar,
embora morto
eu hei de renascer à luz do teu olhar.

3

Olhar teu rosto na manhã cinzenta
é ver surgir o sol. E olhá-lo quando
a noite cai e a escuridão me tenta,
é ver a lua cheia despertando
entre franjas de nuvens, sonolenta,
enquanto a brisa vem, zéfiro brando,
contar segredos que o silêncio inventa.

4

Tem qualquer coisa de água
e fogo:
é um corpo desnudo
em que me abraso
e afogo.
E embora parecendo quase nada,
é tudo.

5

Lembra um sol negro o amor.
E há tanta noite dentro do seu dia
que eu não sei mais se é dor

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS N.º 66 CURITIBA 2016

sua alegria
ou se o próprio prazer
é o doce amargor que me inebria,
sem doer.

6

Apenas o amor transforma dois
num corpo só mais puro e mais perfeito.
Duas carnes fundidas lembram sóis
que se tornam um sol por sobre o leito.
E é no fogo e na luz que se consome
a sede que os devora – e a sua fome.

7

Guardo do amor o fogo,
não as cinzas e o gelo.
Joguei-o: foi um jogo.
Mas fui também duelo.
Ganhei? Perdi? Que importa?
O que vale é o amor
que me bateu à porta,
tão alegria e dor.

8

Amor tão puro, cujo brilho claro
acende as trevas desta vida cheia
de ódios sem conta, santo amor tão raro
que a alma dos homens para o céu alteia.

Amor tão doce (tanta vez amaro!)
amor tão belo, tanto quanto é feia
a sua dura ausência, amor tão caro
que do seu preço ninguém faz ideia.

Obsceno ou sacrossanto amor que mostra
um fragmento do céu na terra escura,
qual pérola de luz dentro da ostra,

e tudo quer e tudo pode, insano.
Amor dos homens que se torna altura,
amor divino que se faz humano.

CADA PALAVRA, UM MUNDO

Por EDUADO ROCHA VIRMOND OU MARLETH SILVA

Atrás de cada palavra existe um mundo. Minha mãe mantinha uma mucuta pendurada atrás da porta para guardar calçados. Era de um brim grosso, xadrez de azul e branco. Só da boca de minha mãe ouvi essa palavra: mucuta. "Onde tá o chinelo, mãe?" E ela: "Tá na mucuta." (Eu perdia tudo; ela era capaz de encontrar qualquer coisa). Para sempre mucuta será uma palavra evocativa para mim. Evoca a casa da infância e o mundo de onde veio a mãe e que eu não conheci: Minas Gerais, fazendas, outro sotaque, outro vocabulário.

Vou colecionando palavras que soam originais. Alguém me disse outro dia, em tom de fofoca, que a moça teve um piripaque e quase levou um catiripapo. Que furdunço teve ter sido! Demorei para descobrir a palavra furdunço. No meu local de trabalho, de tempos em tempos alguém era acusado de estar armando um furdunço. Na marra aprendi que aqueles que armam furdunço ou que têm siricutico são malvistos. Evitemos os siricuticos, portanto, assim como os faniquitos.

Também a mãe falava em cacunda – dor na cacunda, carregar a criança na cacunda. Diante do substantivo que ninguém mais falava, tinha para mim que ela inventava. Dona Maria teria um quê de Guimarães Rosa? Uma tendência à invencionice verbal? Nada disso, não se tratava de criatividade com a linguagem e sim de ter crescido em um pedaço do Brasil onde a influência africana era maior, de ter nascido em uma época em que a escravidão fazia parte da história

das famílias de forma ao mesmo tempo cândida e vergonhosa. Tia Preta, a filha que o avô teve fora do casamento, trazia no apelido e na pele a história de sua origem. Tia Preta carregava na cacunda a culpa do pai, que se deitou com quem não devia ter se deitado.

Muitas dessas palavras que hoje soam divertidas são africanas. Outras tantas, árabes. Como salamaleque, um exemplo de sonoridade do vocábulo que condiz com o significado. O sobe e desce da língua dentro da boca indica a afetação que a substantivo insinua. Chega de salamaleque, chega de frescura, de patacoada.

O vocabulário que um usa não está na conversa do outro. As palavras vão entregando quem é o sujeito ou o que pretende parecer. Era um deputado ou um senador que bradava outro dia contra a barafunda em que se encontra a República? Barafunda, sim, excelência, mas seu discurso vazio é uma cantilena! Não a doce cantilena de Manuel Bandeira, aquela que dizia que "a minha testa quer carinho, e pede afago à minha mão." Mas aquela outra, a cantilena vazia do "lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um bom vocábulo". Político, raquítico, sifilítico.

Não os adotei, mas preservo os vocábulos herdados de dona Maria, que por sua vez os herdou de alguém já desaparecido no tempo (tia Preta talvez...) e agora me dou conta de que essas palavras as mantêm presentes, magicamente sobrevivendo ao tempo na recordação de suas mucutas e cacundas.

FALTOU RUY CASTRO CONTAR

Por DANTE MENDONÇA

Caso Aramis Millarch fosse agraciado com o presente que desde menino pediu a Deus, seria músico de sete instrumentos. Ouvido tinha, porém os desígnios divinos o levaram a escutar. Escutar e escrever. E foi de tanto ouvir e escrever que o jornalista de sete instrumentos foi parar no rádio, desafiado pelo publicitário Eloi Zanetti.

O convite surgiu num momento difícil para Aramis Millarch (12-07-1943 / 13-07-1992), colunista de leitura obrigatória, um dos idealizadores do Teatro Paiol e fonte de referência da Música Popular Brasileira. Certo dia, passando em frente à primeira sede da Fundação Cultural de Curitiba, na Rua Lysimaco Ferreira da Costa, Zanetti resolveu fazer uma visita informal ao amigo. Ao entrar na sala entulhada de livros e discos, o visitante encontrou Millarch demissionário do órgão cultural que havia ajudado a criar.

Junto com um abraço, Eloi Zanetti propôs ao desconsolado que recolhia o passado das gavetas:"Vamos fazer um programa na rádio Ouro Verde! Tenho até o nome: "Domingo sem futebol".

Até então Eloi Zanetti não tinha pensado na proposta. Saiu naquele momento, de puro instinto. E instinto e talento são atributos que nunca faltaram a Eloi Zanetti: "Domingo sem futebol" foi o programa campeão de audiência que marcou época nas tardes de domingo em Curitiba, intercalando músicas e depoimentos inéditos de artistas.

Uma dessas entrevistas foi com o cantor e compositor Johnny Alf. Feitas as devidas apresentações, o sonoplasta girou na pick-up: "Ah! se a juventude que esta brisa canta / Ficasse aqui comigo mais um pouco / Eu poderia esquecer a dor / De ser tão só pra ser um sonho. / Daí então quem sabe alguém chegasse / Buscando um sonho em forma de desejo / Felicidade então pra nós seria / E, depois que a tarde nos trouxesse a lua / Se o amor chegasse eu não resistiria / E a madrugada acalentaria a nossa paz / Fica, oh brisa, fica, pois talvez quem sabe / O inesperado faça uma surpresa / E traga alguém que queira te escutar / E junto a mim queira ficar".

No último acorde, a primeira pergunta de Aramis: "Johnny Alf, em quem você se inspirou para escrever `Eu e a brisa´?". Homossexual assumido, Alfredo José da Silva (Johnny Alf foi adotado por sugestão de uma amiga norte-americana) não se escondeu no armário para responder: "Me inspirei num garoto carioca, por quem na época eu estava perdidamente apaixonado".

Uma breve pausa pela revelação e, de repente, ouviram-se alguns palavrões, seguidos de um soco na mesa desferido pelo sonoplasta: "PQP! (#*#*#) Como é que você me faz uma coisa dessas? O que é que eu vou dizer para a minha mulher? Pois foi bem essa música que escolhi para tocar no meu casamento! E agora você me diz que ela foi feita para o teu namorado? PQP! (#*#*#)".

Johnny Alf não ficou constrangido. Já tinha passado por situações bem piores. Em 1967, a cantora Márcia o procurou em busca de uma canção para participar do Festival de MPB da Record. A composição ganhou letra e nome e, desclassificada no festival, depois se tornaria um clássico da MPB.

O que o sonoplasta também não sabia – e essa história o escritor Ruy Castro não contou no seu magnífico livro "A noite do

meu bem" - é que, para atender ao pedido de um amigo que iria casar-se, Johnny Alf compôs "Eu e a brisa" para fundo musical da cerimônia, mas que não chegou aos ouvidos dos convidados: foi vetada pelo padre!

UM ESCRITÓRIO CLÁSSICO

Por GUIDO VIARO

Um homem entre livros. Cansado de ser ele mesmo. De ser outros. Sonha em ser todos. Frustrado, levanta a tampa do teclado do piano, aperta duas teclas brancas, três pretas e finalmente passeia com o cotovelo pelos sons angustiados.

Na parede encontra uma cena bucólica, na gravura, homens semeiam a terra e são espalhados por camadas de perspectiva que fazem os últimos parecerem a chama da vela que originou as grandes sombras. O pasto perde seu verde quando encontra o sol poente, que distribui dourados sem conseguir destruir o azul real, intermediário entre uma noite sem convicções e um dia que não desistiu de si mesmo. Pairando sobre as cores, uma pequena ausência solitária poderia ser um esquecimento do artista ou defeito de impressão, se não fosse por duas asas tão escuras quanto o resto do corpo. Apesar da paz melancólica que traz, aquele pássaro é uma consciência, que da altura em que está, consegue observar todas as outras. O azul cheio de uma beleza orgulhosa parece pesar sobre o corpo da ave, mas ela reage, todos reagimos, contra as forças maiores. O pequeno chora, depois das lágrimas secas julga-se maior que o gigante, mas a luta nunca acontece, e é assim que se constrói o orgulho dos pássaros e dos homens.

Os trabalhadores que lavram a campina olham para o céu sem enxergar o pássaro, depois voltam à lide agrícola, enxada, suor, mãos sujas de terra. Com a ponta da faca retiram a terra debaixo das unhas.

Sentem as pernas cansadas e enquanto bebem água percebem a quantidade e a consistência dos calos que tem nas mãos.

As pontas simbólicas da gravura amarram-se formando um pacote fechado, que esconde formas e cores. Os olhos do observador perdem o interesse. A obra de arte passa a ser uma mancha na parede, mas há outras espalhadas pelo escritório. Nas estantes, coleções encadernadas de livros são uma esquina vermelha que desemboca em uma avenida azulada, em outro canto as manchas saltitam entre tonalidades. Cada livro um grito. O homem , silencioso, acaricia as frontes com os dedos abertos, não quer escutar ou responder. Toda palavra soterra outras não ditas. No pequeno busto de Sócrates procura a serenidade diante do inevitável. Os olhos do sábio parecem cansados de sua própria lógica, não oferecem solidariedade. A boca entreaberta soprou o último verbo e congelou-se em mármore.

O lustre da Boêmia engole as luzes de um dia envelhecido, dissolve brilhos que enganam-se em reflexos internos para depois despejar falsos diamantes sobre as lombadas dos livros. Três dedos tamborilam a madeira escura de uma mesa. A garganta manifesta-se, inquieta, não sabe exatamente de quem reclamar. A hora é subtraída da eternidade e transformada em solene sinal sonoro.

O interruptor amarela o escritório, a luz artificial tira das sombras um pássaro de olhar austero, estampado sobre um vaso de *Sèvres*. Impaciente, o homem percorre sua biblioteca, sente o resto de calor deixado pelo sol nas capas encadernadas em couro, depois espalha cinco livros sobre a mesa, tanto autores como títulos seus velhos conhecidos. Folheia dúvidas, determinação, ambição, poesia, segura entre o polegar e o indicador uma página aleatória e sente o desespero do personagem esquentar-lhe os dedos, depois confere o texto, um suicida se despedia da família em uma carta.

Levanta-se angustiado, caminha por um tapete *Aubusson*, o riacho atravessa um bosque e no primeiro plano há uma pequena

ponte de madeira rodeada por canteiros de girassóis. Na paisagem não há nenhum homem, nem ao menos um animal, quem pisa sente-se o desbravador daquela paisagem, e traz consigo uma solidão artificial que está pronta para tornar-se real.

Sentado na grande mesa do centro do escritório, observa suas severas estantes feitas de madeira que parece petrificada, e que acomodam duas mil vozes prontas para serem ouvidas assim que se abra um livro. Ele sente-se oprimido por tantos gritos, todos querendo espalhar suas verdades definitivas, mesmo que venham disfarçadas de dúvidas . O castiçal em bronze tem cinco espaços vazios, que tenta preencher com os dedos sem encontrar vestígio de velas derretidas.

O verão espalha-se por sua testa, enxuga a mão molhada na cadeira estofada. O grito abafado acontece, quase mudo, feito para não ultrapassar os limites do escritório. O punho cerra-se, e no meio do caminho desiste de acertar a mesa. Ele queria possuir todas as consciências, enxergar com infinitos olhos e falar com uma só boca, a sua. Todos os livros soam-lhe fraudes, peças advocatícias que tentam encontrar culpados e fingir inocências, e o escritor um condenado amarrado a uma bola de ferro chamada consciência individual.

Foi por isso que, ao longo de anos, foi montando seu escritório, comprando peças raras, móveis confortáveis e uma biblioteca onde pudesse encontrar os mais valorosos retalhos do pensamento humano. Preparava um ambiente onde pudesse encontrar todas as condições favoráveis que precisava para numa primeira etapa, tentar entender os pontos de vista alheios aos seus, para depois se tornar o homem capaz de ser todos.

Caminhava agoniado sobre o tapete, pisava o riacho e os girassóis, esquecera-se da ponte, e daquele ponto de vista. As luzes do lustre espalhavam pelas paredes cinco sombras angustiadas, que moviam os braços e davam passos maiores que o necessário.

Eram outros acontecimentos que estavam passando despercebidos. Até que a brisa soprou o lustre e jogou-o de frente a uma de suas sombras. Logo descobriu as outras, escondidas nos cantos.

Odiou-as, ser cinco era o mesmo que ser um ou nenhum, ele queria ser todos, compreender todos e tudo, engolir cada emoção possível e degluti-la sem esforço. Depois de realizar sua conquista ensinaria aos homens como era ser todos, o mundo seria composto por um grande organismo vivo dividido em bilhões de células independentes.

Uma caixa de madeira escura e envernizada está pendurada na parede. Dentro dela engrenagens soam como ossos estalando. Uma pequenina porta se abre e, por um instante, permanece vazia. O ruído mecânico está no auge. O homem observa a cena com olhos melados por desencanto. Um passarinho fingindo-se de vivo é arrastado para fora do buraco e grita a passagem do tempo. O homem permanece imóvel, sua boca está aberta, tem olhos arregalados. Talvez esteja tentando entender o tempo, ou então desesperado porque afoga-se nesse entendimento.

Quando fechou a boca, construiu no rosto uma expressão fácil de ser lida. Os pulmões arfavam, as pernas corriam de um lado para outro, a cabeça avermelhada vasculhava cantos em busca de algo que pudesse resolver a situação. Quando encontrou a porcelana de *Sèvres* com o pássaro pintado, levantou-a acima da cabeça e com toda força estilhaçou-a no chão. O silêncio só não foi completo porque as centenas de cacos pareciam ter ganho vida, movimentavam-se em círculos ensaiados.

O rosto agora estava enxuto de emoções, talvez a boca indicasse uma ponta de arrependimento, mas essas eram observações superficiais, camadas de ira poderiam ser vistas por observadores mais atentos. Iria destruir o escritório que construira durante tantos anos.

Abaixou-se e juntou os cacos do jarro. Descobriu restos de seu reflexo na porcelana esbranquiçada.Encontrou frações do pássaro, tentou emendar corpo com cabeça, mas algo havia se perdido para sempre. Arrependido, deitou-se ao lado do vaso destruído, enquanto a noite avançava com violência sobre a fraca iluminação artificial.

De seu novo ponto de vista, o homem via alguns livros e estatuetas, enxergava a lareira, onde estava o brasão de sua família e sobre a qual se cruzavam duas espadas medievais. Sereno, permaneceu assim até que a noite de verão espalhou pelo escritório o cheiro que antecipa a chuva. A penumbra criava sombras que desenhavam objetos que não lhe pertenciam. A imensidão do silêncio espalhava-se por todo seu mundo, e perdeu-se quando a portinhola se abriu e o pássaro sem vida veio lhe falar da passagem do tempo.

Quando o vento terminou de abrir uma das janelas e duas gotas de garoa molharam o tapete, ele dormia.

NÓS OS CORRUPTOS

Por ALBINO FREIRE

"Sou, mas quem não é..?."
Tavares, personagem de Chico Anysio

Não se espante, leitor! Isto não é um convite nem um incentivo à bandalheira. Ao contrário, muito ao contrário, é um chamamento à reflexão, à autocritica, à razão. Em suma, um *confiteo*r, um *mea culpa*. Diga-me com sinceridade: você já reparou que tudo o que os outros fazem de ruim, assume uma gravidade enorme, enquanto que aquilo que fazemos de mal passa a ser normal, dentro da legalidade e no âmbito estrito da moralidade? Ah! como somos rigorosos com os outros e benevolentes com nós mesmos! Ó hipocrisia enraigada e atávica! Ó herança maldita de nossos antepassados!

Todos os dias, ao ler os jornais, ao ver os programas informativos na TV, ficamos escandalizados com as notícias de mais um rombo nos cofres públicos, perpetrado por ladrões de casaca que povoam nossos Ministérios e Secretarias, nossas Câmaras, Órgãos Públicos e Empresas Estatais. Na concepção geral, aqueles, sim, são os verdadeiros réprobos da sociedade! Eles são os autênticos corruptos. As genuínas aves de rapina que, despudoradamente, devoram nossa economia. Quanto à nossa própria corrupção... Que corrupção? Uma insignificância, um quase nada, que não prejudica ninguém...

Para nós, corruptos são somente os que roubam grandes somas, os que avançam insaciavelmente sobre os bens públicos. Não enxergamos o guarda de trânsito (pobrezinho!) que libera o infrator, por uns míseros trocados. O fiscal da Receita que faz um cambalacho com o comerciante, extorquindo dele parte do que seria devido ao Estado ou à Nação. O professor, que mata a aula, em represália pelo salário miserável que recebe. O Oficial de Justiça, que segura por uns dias (semanas ou meses) um mandado, em troca de algum favor ou gratificação. O escrivão, que agiliza apenas os processos que lhe dão lucro. O advogado, que engaveta processos por meses e anos, mas é o primeiro a cobrar da Justiça a celeridade da prestação jurisdicional. O Magistrado e o Promotor, que fazem discriminação entre partes e entre procuradores e determinam as prioridades de acordo com o critério da simpatia. Juízes que protelam injustificadamente a entrega da prestação jurisdicional. O serventuário que pratica excesso de exação, ou seja, cobra custas indevidas, ou acima da tabela oficial. A autoridade que dá carteiraço (sabe com quem está falando?) para eximir-se do cumprimento da lei ou da sanção legal. O médico e o dentista, que deixam de fornecer o recibo da consulta ou da prestação do serviço, privando o Governo do imposto devido.

Você já se deu conta, leitor, de que até mesmo você está sendo corrupto, quando deixa de exigir a nota fiscal de compra de uma mercadoria, para obter um descontinho no preço, ou por simples desleixo? Ou quando negocia a dispensa do recibo para baratear o valor da consulta?

Sim. Eu sei que todos temos nossas próprias razões, nossos próprios argumentos para justificar nossa torpeza. "Eu ganho pouco ... " "Por que só eu devo pagar Imposto de Renda?" "Eu? Pagar esse imposto aí, para ajudar a encher o bolso deles, lá em cima?" "Não pedi nota fiscal porque estava com muita pressa." "Afinal, eu sou uma autoridade!" E por aí afora ...

Não nos esqueçamos de que há sempre duas modalidades de corrupção: ativa, do corruptor, aquele que oferece a grana, que suborna; e passiva, do que recebe a grana, que se deixa subornar.

Quem oferece dinheiro ao guarda para rasgar a papeleta (ou jogar fora o papelote), é tão culpado e corrupto quanto ele, ao aceitar a propina. O advogado que suborna o Oficial de Justiça para segurar o mandado é tão corrupto quanto este. Aquele (autor ou réu) que molha a mão do meirinho para esquecer de citar a parte ou intimá-Ia é igualmente corrupta.

Não se irrite, meu caro leitor! Meu único objetivo é convidá-lo para refletir comigo sobre este assunto, da maior importância.

Estou plenamente convencido de que é simplesmente inadiável que nos reeduquemos. Vamos revogar a lei de Gérson, de levar vantagem em tudo! É absolutamente imprescindível extirpar de nossas entranhas esse tumor maligno da corrupção metastática que avilta nossa condição humana, para assim inaugurarmos um Ano Novo, acalentando a esperança de um Mundo Melhor e, sobretudo, com a certeza de que esta revolução interior terá início já - agora mesmo! - em cada um de nós.

POEMAS

Por ADÉLIA MARIA WOELLNER

ENCANTAMENTO

Já nasci
soberana das manhãs.
Braços abertos
acariciados de lua,
de orvalho
e de sol,
usufruo o sumo da terra.

Homenagem de vida,
na magia da transmutação,
sou alimento humano
e consagração divina.
Nas mãos do artesão
e do tempo,
sou videira, filha do chão,
e sou vinho,
sabor, aroma e celebração.

UNIÃO

Relâmpagos, raios, trovões...
Fogo e luz.
Céu e terra em amor.

TRANSFERÊNCIA

Aos poucos,
sem perceber,
aumentava os temperos
da comida.

Nem imaginava:
sua vida
perdia
o sabor.

CELEBRAÇÃO

A brisa
acaricia a nuca do dia,
abençoado de sol
e de orvalho.
O carinho
das hortênsias e bromélias
despertam os sentidos
da paixão.
Galhos se enroscam
em verde e amoroso
abraço
de cumplicidade
e celebração.

INCONFORMISMO

Todas as tardes,
na gaiola do tempo,
meu coração se rebela.

O QUE?

Asas nos pés;
estrelas nos olhos;
setas de luz
nos braços esticados;
lavas de vulcões arcaicos,
nos lábios soprando purpurinas.
Bizarrice na garganta
do mundo da alma
insatisfeita.
Sons do arco-íris
no peito:
descobri o que sou...

UM IMPOSTO INSONEGÁVEL

Por LÉO DE ALMEIDA NEVES (*)

A Presidente Dilma Rousseff encaminhou ao Congresso a proposta de recriação da CPMF (com outro nome) percentual de 0,2% e prazo de 4 anos, destinação exclusiva ao pagamento dos aposentados, para reduzir parte do rombo da Previdência Social.

Os governadores querem aumentar para 0,38%, desde que o acréscimo de 17% seja para Estados e Municípios.

Quem criou o "imposto do cheque"? – Foi Fernando Henrique Cardoso, por proposta do seu Ministro da Saúde, o inesquecível patriota Adib Jatene.

Quem é muito contra a CPMF? - Os que agora não pagam imposto algum, isto é, os contrabandistas cujas receitas e lucros não são contabilizados e, portanto, não recolhem tributo, porém estariam sujeitos ao imposto do cheque porque atuam no sistema financeiro, ou seja, realizam recebimentos e pagamentos nos bancos.

Quem mais não paga imposto? - Os traficantes de drogas, cujo mister é clandestino e, por conseguinte não objeto de contabilidade. Está isenta também a metade da população que sequer tem conta bancária.

Quem mais está livre de pagar imposto? - Os empresários que possuem "Caixa 2", e, portanto, não fazem contabilidade de parte de suas atividades industriais, de serviços e agropecuários.

O público já ouviu falar de "Caixa 2" nas ajudas para candidatos e partidos políticos efetuadas em dinheiro, sem recibo, não contabilizadas nem pelos empresários, nem pelos candidatos.

Outros recursos não contabilizados são os resultantes da corrupção praticada por empresas na prestação de serviços públicos nos municípios, Estados e na União, notadamente nas empresas estatais, tais como as investigadas pela Operação Lava Jato, sob a liderança do corajoso e competente magistrado Sergio Moro.

Os gigantescos recursos desviados da Petrobras por alguns diretores e funcionários desonestos nas concorrências fraudulentas, nos acertos prévios (cartel) pelas firmas empreiteiras, na intermediação de parlamentares e políticos ladrões, evidentemente não são contabilizados e sim remetidos aos bancos localizados nos paraísos fiscais. Todas essas falcatruas são realizadas na surdina, escondido, e os beneficiários dessa roubalheira não declaram os valores para o Imposto de Renda, e engordam suas contas correntes secretas no exterior.

Outros opositores da CPMF integram a burocracia governamental que opera na área da arrecadação tributária, e a multidão de escritórios e contadores que as empresas são obrigadas a contratar, para desvendar a infinidade de taxas, impostos e contribuições que incidem sobre a iniciativa privada.

O imposto sobre o cheque, isto é, sobre as operações financeiras é insonegável e todo mundo paga automaticamente ao emitir um cheque ou operar nos bancos.

Ressalvo que outros tantos que compõem a maioria da população, cuja opinião merece meu respeito, combatem convictamente a CPMF.

Minha esperança é que seja aprovado o Imposto do Cheque, e que sua continuidade nos leve para o imposto quase único, elevando-se as alíquotas com a eliminação de outros tributos.

(*) Léo de Almeida Neves é Membro da Academia Paranaense de Letras,ex-deputado federal e ex-diretor do Banco do Brasil.

Texto publicado na Gazeta do Povo de 22 de setembro de 2015.

MARIANNE E MARIANA: RIMAS SEM SOLUÇÃO

THE HORROR! THE HORROR!

JOSEPH CONRAD, O CORAÇÃO DAS TREVAS

Por ROBERTO MUGGIATI

O rosto dela você encontra por toda parte: nas moedas francesas do euro, em selos do correio, em timbres de documentos do governo, em carimbos públicos, em bustos nos parques e nas praças, em telas nos melhores museus, nos vestíbulos das Prefeituras e dos Tribunais de Justiça. Marianne é o símbolo nacional da República Francesa

Uma escultura de bronze de Marianne, *O triunfo da República*, pousada sobre seu pedestal, vigia a Place de la Nation, em Paris. É a praça que o Boulevard Voltaire – via eleita das grandes manifestações democráticas na capital francesa – liga à *Place de la République*; as duas praças e o boulevard: o epicentro dos sangrentos atentados do Treze de Novembro.

Poucas obras expressaram melhor a crueldade do homem contra o homem do que o romance de Joseph Conrad, *O coração das trevas* (1902). As últimas palavras do protagonista – o *mea culpa* do colonialista predador – ecoam até hoje: "*The horror! The horror!*" Não fosse o ranzinza Ezra Pound, T.S. Eliot teria usado a frase como epígrafe do seu poema *The Waste Land/A terra desolada* (1922), que aceitaria melhor hoje a tradução mais pontual de *A terra devastada*.

Marianne, Mariana, a Terra devastada, são desastres que se atropelam num planeta que parece ter perdido o rumo e o prumo.À denominação poética de Vale do Rio Doce opõe-se toda a carga de destruição – obra do descaso do homem pelo homem – provocada pela morte anunciada do vasto ecossistema atingido por um dos maiores desastres ambientais de todos os tempos. E tinha de ser logo aqui? Pior é que tinha, por estarmos nas mãos de uma administração – de múltiplas administrações – feitas de politicagem e corrupção, enfim de rejeitos humanos (ou seriam desumanos?)

Fiquei a pensar o que nosso poeta maior de Minas, o doce Carlos Drummond de Andrade, pensaria amargamente desse castigo ao seu solo querido. E não é que ele previu tudo? Poucos anos antes de sua morte, em 1984, Drummond publicou um poema que parece ser o retrato do desastre que destruiu o Rio, antes Doce.

LIRA ITABIRANA

I

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II

Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

III

A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

IV

Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

Arrematando, faço um arremedo do final de outro poema famoso de Drummond:

Mundo, vasto mundo,
Dessa vez fomos fundo. . .

DIREITA,VOLVER!
1955-57: MEMÓRIAS DO QUARTEL

Por ROBERTO MUGGIATI

Em dezembro de 1955, terminado o curso científico no Colégio Estadual do Paraná, vesti pela primeira vez a farda. Começava meus dois anos de CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) no imenso quartel que ocupava uma quadra inteira diante da Praça Oswaldo Cruz, em Curitiba. Naqueles tempos você só escapava do serviço militar obrigatório se fosse cego ou aleijado. Jovens que se destinavam à universidade podiam fazer o CPOR e fugir do castigo e humilhação de passar dois anos encarcerados como soldado raso na caserna. A coisa funcionava assim: nos meses de férias (dezembro a março e julho), o aspirante a oficial da reserva comparecia ao quartel todo dia (menos domingo) e, no fim da tarde, voltava para casa. Havia marchas forçadas e acampamentos fora de Curitiba nesses períodos. Quando as aulas na faculdade recomeçavam, você só precisava comparecer ao CPOR aos sábados. Como ia fazer vestibular para engenharia, incorri no erro de me inscrever na arma de engenharia. Arrependo-me dessa escolha até hoje. Podia ter-me alistado na cavalaria e pelo menos uma coisa útil aprenderia – a montar – além de conviver com um animal que sempre admirei, o cavalo.

A arma de engenharia era um horror. A maioria dos oficiais frequentava a Faculdade de Engenharia em anos mais avançados – eu ainda nem havia passado no vestibular. Eram cursos tão puxados e áridos quanto os da própria faculdade. Passados vinte anos da data em que deixei o CPOR, eu ainda tinha pesadelos recorrentes em que era reprovado e ficava condenado a repetir eternamente o ano. O objetivo da engenharia militar era construir pontes e outras estruturas juntando pesadas partes de madeira e metal que pareciam

aquelas peças de montar Mecano, precursoras do Lego. Mas uma das atividades mais importantes da nossa arma era também destruir e demolir todo tipo de estrutura e aprender a lidar com explosivos. Daí o hino da engenharia exaltar o sapador mineiro em meio a toda aquela patriotada ("*Lança pontes e estradas, nunca falha,/E em lutas as suas glórias ressuscita,/Honrando, em todo o campo de batalha,/As tradições de Villagran Cabrita./O castelo lendário, da Arma azul-turquesa/Que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia/É um escudo de luta, é o brasão da grandeza/E da glória sem fim, com que forja a defesa/E é esteio, do Brasil, a Engenharia*.") Não pensem que basta enrolar umas bananas de dinamite ao redor de uma pilastra. Toda explosão, para funcionar, precisa ter rigorosamente calculada a quantidade exata de explosivo e sua localização precisa. Só lamento não ter me dedicado a fundo a essa arte e ciência para usar aqueles conhecimentos doze anos depois, nos Anos de Chumbo, e explodir com a ditadura.

Curioso: quando deixei o CPOR, estávamos a sete anos do golpe, mas as relações entre civis e militares eram mansas. Não senti naqueles homens de farda nenhum açodamento pelo poder, nenhuma noção de que a classe militar fosse ungida da missão de "salvar o país". Na verdade, em 1964 foi a própria sociedade civil que empurrou os militares para o poder: as ilusões de uma esquerda despreparada (estimulada pelo exemplo de Cuba) e o reacionarismo da classe média apavorada pelo fantasma do comunismo (*El paredón* de Fidel era assustador...).

Apenas um oficial da Engenharia não ia com a minha cara. Usando uma palavra atual, eu poderia dizer que o capitão Castilho praticava *bullying* contra mim. Eu era jornalista, portanto – na cabeça dele – comunista. Baixote, com um bigodinho brega, o capitão Castilho me escalou para dar guarda na noite do Ano Novo de 55 para 56. Aquela era uma das datas que eu mais prezava, quando ia com a família ao Réveillon do Graciosa Country Club, os homens de

smoking, as mulheres de longo, o acontecimento social mais chique da cidade. Lá pelo fim da tarde de 31 de dezembro apresentei-me no quartel para a infausta obrigação. Troquei a farda pelo uniforme de serviço e preparei-me para o pior. Ao lado da guarita havia um quartinho infecto com um catre pulguento onde você dormia enquanto o companheiro fazia a vigília. De repente, uma novidade: o comandante determinou que apenas as guaritas da frente e dos fundos ficariam abertas; as guaritas laterais seriam fechadas. Quatro sentinelas seriam dispensadas. O capitão Castilho decidiu que seria por sorteio. Pediu que eu escrevesse em oito retalhos de papel os nomes dos guardas escalados. Papeis dobrados, jogados dentro de um capacete, mandou que eu fosse o primeiro a sacar. Pincei um papel e desdobrei-o: MUGGIATI. Para desgosto supremo do capitão Castilho. Eu estava liberado para o Réveillon do Graciosa. Da farda de serviço infecta para o requintado smoking. Foi minha primeira epifania castrense.

A segunda ocorreria no sábado de Carnaval, 11 de fevereiro de 1956. Naquele verão do meu descontentamento, eu andava às voltas com dois problemas: amigdalites que minavam meu sistema imunológico e me botavam de cama com muita frequência; e o vestibular para a Faculdade de Engenharia, no final de fevereiro. Nos primeiros dias do mês, partimos para o primeiro grande acampamento na cidade de Porto União, Santa Catarina, onde ficava o 5º Batalhão de Engenharia de Combate Blindado. Éramos 44, na turma da Engenharia – de Álvaro Doubek a Werner Zulauf. Domingo, sete da manhã, embarcamos num trem na Estação Ferroviária de Curitiba. Era uma composição da RVPSC (Rede Viação Paraná-Santa Catarina) – sigla com uma irônica sugestão de convite social: *Répondez S'il Vous Plait* (RSVP). Embora menos de 200 quilômetros separassem Curitiba de União da Vitória – a cidade do Paraná geminada com Porto União – a viagem levou o dia inteiro, o trem levantando poeira

ao longo do percurso, para agonia do meu aparelho respiratório. Já era noite quando acampamos em barracas às margens do rio Iguaçu, que separava as duas cidades. O Iguaçu ("Água Grande" em guarani) nasce como um filete d'água nos arredores de Curitiba e, seguindo o sentido geral leste a oeste, vai terminar, mais de mil quilômetros depois, nas espetaculares cataratas de Foz do Iguaçu. Em muitos pontos, o rio faz a divisa natural entre Paraná e Santa Catarina.

Entre União da Vitória e Porto União, o Iguaçu ostenta uma largura superior a trezentos metros. Já naquela primeira noite eu conheceria na pele a força de suas águas: às três da madrugada o Iguaçu transbordou e invadiu nosso acampamento. Acordamos dentro das barracas boiando em suas águas. Um temporal a montante, em poucas horas engrossara o fluxo do rio. Escorraçados pela cheia, batemos em retirada para o quartel do 5º B.E. Fomos levados a uma grande sala sem móveis com assoalho de tábuas. Os mais rápidos ocuparam os armários vazios que cobriam as paredes laterais. Tínhamos lençóis e cobertas, mas nenhum colchonete para aliviar o lombo do contato com a madeira dura do piso.

Na manhã seguinte, exaustos, iniciamos as manobras às margens do inflado Iguaçu, com a montagem de pontes, em que éramos obrigados a carregar pesados módulos de madeira e ferro como burros de carga. Ao meio-dia, os trabalhos eram interrompidos para a hora do rancho. Entra em cena o versátil capacete de aço, que protege nossa cabeça das balas inimigas, mas não protege o nosso estômago da boia hedionda. É no bojo do capacete que os taifeiros despejam grandes porções de salada de tomate com cebola crua, macarrão com carne assada e arroz com feijão, tudo misturado num caldeirão infernal que ingerimos a duras penas, valendo-nos da colher de alumínio que carregamos na mochila com o cantil.

A enchente, o trabalho pesado, o sono perdido, o rango infecto acabaram me derrubando: baixei enfermaria. E, o que é pior, num fim de semana. Embora já estivesse recuperado no sábado, eu e o colega Aramis Meyer Costa – à falta de um médico autorizado para nos dar alta – ficamos encarcerados na enfermagem sábado e domingo, olhando as nuvens brancas desfilarem num céu azul, reduzidos a uma sopinha rala como refeição. Companheiros solidários cataram espigas de milho das redondezas do quartel e as jogaram pela janela. E lá foram eles pimpões para os embalos de sábado à noite de Porto União, antecipando a dança de rosto colado com as donzelas locais, descendentes germânicas e eslavas de boa cepa. E eu tinha uma cantada irresistível. Os catarinenses são chamados de "barrigas verdes" por causa de sua heroica participação nos Voluntários da Pátria, durante a Guerra do Paraguai, ostentando na barriga uma faixa verde. Eu pediria à lourinha de olhos azuis: "Posso ver se a sua barriga é verde mesmo?"

A volta a Curitiba estava prevista para a sexta-feira antes do Carnaval e eu contava em sair no sábado tocando tamborim no bloco dos Capetas, formado por uma turminha do Clube Curitibano. Mas temporais, quedas de barreiras e descarrilamentos na linha da RVPSC ameaçaram, de repente, nos deixar ilhados em Porto União até depois do Carnaval. Na manhã de sábado fui à estação em busca de informações. Na rua principal, esbarrei com o irmão mais velho do meu vizinho Nilson, acompanhado da noiva. Estava de carro, prestes a voltar para Curitiba. Uma carona salvadora fez toda a felicidade do meu Carnaval.

Passei em vigésimo lugar no vestibular de engenharia. Como recompensa, extraí as amídalas e convalesci tomando sorvete e lendo *O velho e o mar*. Nas férias de julho, encarei outro acampamento

insólito, nas campinas do Primeiro Planalto, às margens da estrada para Joinville, a rota do balneário de Guaratuba, que eu costumava frequentar em meus tempos de liberdade. Garotas, amigos desobrigados do serviço militar, famílias conhecidas e até parentes, a caminho dos seus folguedos, paravam por alguns minutos no acostamento para lastimar nossa triste sina. O local de exercícios da engenharia era, volta e meia, atingido por bombas dos morteiros e canhões da artilharia, que abriam crateras enormes na grama virgem das encostas. Eu não confiava muito na logística daquelas manobras, estávamos a um passo de uma grande tragédia, mas no final, entre mortos e feridos, salvaram-se todos. Isto é, com um pequeno reparo: numa noite de lua cheia, eu e dois colegas mais afoitos – um deles era o Leo Casella Bittencourt, com seu indefectível bigodinho – percorremos quilômetros da estrada deserta em busca de bebida. Encontramos, num rancho de colonos, um vinho caseiro, ainda em processo de fermentação, que prosseguiu seu estrago em nossos estômagos e provocou uma ressaca homérica.

Dois filmes marcaram fundo essa fase da minha vida. Não imagino por que motivo aconteceu no próprio quartel a projeção de um filme antimilitarista: *Stalag 17/Inferno Nº 17*, de Billy Wilder, com meu ator favorito, William Holden. E, no verão de 1957, programou-se uma marcha noturna de 30 quilômetros com mochila equipada de 36 quilos no lombo. Valendo-me de uma unha encravada, provocada por aqueles elegantes sapatos pretos de bico fino, consegui dispensa médica. Resolvi pegar a sessão das oito no Cine Luz. Quando ia saindo de casa às sete e meia, no alto da Carlos de Carvalho – o céu ainda claro, no verão curitibano – ouço aquele tropel cadenciado subindo a rua. Era a marcha dos meus colegas, a caminho das ladeiras do Bigorrilho e dos descampados da Campina do Siqueira e do Parque Barigui. Me escondi por trás da sebe de hortênsias que cercava o jardim da minha

casa. Passado o perigo, peguei o ônibus na Vicente Machado rumo ao centro. O prazer estético de ver pela primeira vez *Casablanca* – a maior história de amor em tempo de guerra – foi intensificado mil vezes pelo senso do interdito, de ter escapado ao castigo da marcha.

Em agosto de 1957, o martírio chegou ao fim em clima festivo. No estádio Dorival Brito e Silva, houve o juramento à bandeira e a entrega das espadas aos novos aspirantes a oficial. Depois, a missa solene na Catedral Metropolitana e, à noite, o baile de gala na Sociedade Thalia. Cito da revista do CPOR: "As belas jovens que lá comparecem dão um colorido maior às festividades e aumentam em muito a alegria dos novos aspirantes. São milhares e milhares de belas *toilettes* a enfeitar os majestosos salões da Sociedade Thalia..."

A Engenharia brilhou. Nas Olimpíadas do CPOR, retomadas depois de vários anos, fomos os campeões disparados, 54 pontos à frente da segunda colocada, a Saúde, com 23 pontos. A Cavalaria teve apenas um ponto: imagino, mas não tenho certeza, que foi na prova de hipismo. A capa da revista do ano foi estampada pelo porta-estandarte do CPOR, a melhor nota de todos os cursos: o aluno da Engenharia Celso Luiz Pasquini Esmanhoto. E, quando todas as armas se reuniam em frente do quartel para cantar o Hino Nacional, o maestro era o sargento Sátiro Pohl Moreira de Castilho, da nossa Engenharia.

* * *

Em 2006, quarenta e nove anos depois, cruzei de novo os portões do quartel na praça Oswaldo Cruz. Não mais quartel, agora era o Shopping Curitiba, mas os incorporadores tiveram a sensibilidade de preservar a moldura da fachada em toda a quadra. Percorrendo a parte antiga da estrutura, dava ainda para sentir as velhas vibrações da caserna,

os fantasmas de incontáveis gerações que viveram seus dias da juventude brincando de soldado dentro daquelas imponentes fortificações.

Mesmo que a experiência seja adversa, sua lembrança meio século depois se torna agridoce. Ao deixar o CPOR, a primeira sensação foi de alívio. Lembro até hoje com intensidade um momento poético único, pessoal e intransferível, minha derradeira epifania castrense. Num dos últimos sábados que dediquei à Pátria, justo quando saía do quartel no fim de uma tarde cinzenta, tremendo de frio debaixo da farda fina, vi baixarem do céu silenciosamente em câmera lenta flocos de neve, que logo se derretiam ao contato do ar e eram apagados para sempre. Veio-me então à cabeça um refrão antigo de mais de quatrocentos anos, do transgressor poeta francês François Villon: "*Mais où sont les neiges d'antan?*"

OS DESAFIOS DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Por CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN (*)

A compreensão dos princípios sociais e econômicos decorrentes da evolução da ciência e da técnica, raízes das descobertas e invenções, vem promovendo melhorias na vida humana, caracterizando as sociedades em permanente transformação como sociedades contemporâneas.

Assuntos já assimilados por tantos estudiosos, desde aqueles voltados às grandes transformações advindas do acontecimento da Torre de Pisa, quando Galileu Galilei "tirou a tampa do universo", até os estudos das atuais transformações, tornam cada vez importante voltar ao passado para melhor compreender a contemporaneidade (Kilpatrick, 1978).

Daí porque é comum se ouvir que as forças da globalização, impulsionadas pelas mais variadas formas de comunicação, levam consigo a queda do autoritarismo e a valorização dos preceitos da democracia em todas as ações oficiais e sociais que, chegando aos cidadãos junto a um contingente de novas informações acionam, a cada impulso, surpreendentes transformações nos modos de pensar e de agir das gerações. Expressas em novos saberes, novos costumes, essa mudança vem promovendo incompreensões e perplexidades, que marcam os conceitos da vida individual, social e política, com interferências na vida privada.

Essa nova realidade trouxe necessidades prementes ao ser humano, despreparado para o domínio das muitas propostas de uma sociedade que se transmuda a todo o momento. Ao tomar conhecimento da desmistificação das suas verdades seculares, o ser humano passou a desconsiderar valores e princípios estabelecidos, decorrência que marcou *os séculos XIX e XX com o declínio da moral comum e a erosão dos princípios e valores tradicionais da vida humana* (Luc Ferry, 2008).

A queda do autoritarismo e as novas propostas da democracia mudaram preceitos fundamentais, influindo na desconstrução das tradições e na descentralização dos valores individuais, o que se estendeu em exteriorizações concorrentes à desconstrução do já estabelecido. Exemplos foram as inserções nas artes, com interferência na própria estrutura da música, transformações inesperadas nos traços e expressões das artes plásticas, reveladoras de uma nova leitura da natureza, levando à descaracterização da realidade. Forças inesperadas acionaram o desrespeito público às construções centenárias, marcando profundamente o longo espaço de tempo de mais de um século, com verdadeiras revoluções culturais e sociais. Essas e muitas outras profundas modificações conceituais revelaram a desarticulação de ideais éticos, religiosos e políticos. É inegável que muitas aberturas e transformações se apresentaram como positivas, estabelecendo um *misto de liberdade e inteligência, de inovação e bem-estar, ao que nada na história e em geografia se igualou até hoje* (Luc Ferry, 2008).

Para melhor entendimento sobre essa complexa condição, tornou-se importante o domínio de novas ferramentas intelectuais, indispensáveis à compreensão das forças sociais em movimento.

O filósofo Luc Ferry, ministro da Educação da França em 2002 a 2004, o mais conceituado prêmio de não–ficção contemporânea da França, elaborou especiais instrumentos para orientar a compreensão da era da globalização, trazendo aos estudiosos maior cientificidade

às suas análises. Interessante tomar ciência dessas *ferramentas*, que elas não se classificam por hierarquia ou época, ou princípio, maturação e fim. Ao contrário, elas são instrumentos técnicos universais, completos em si mesmos, cujo uso leva à compreensões comportamentais, filosóficas e históricas. Com seus títulos unitários Desconstrução, Desapropriação e Sacralização, firmam-se como necessárias aos estudos do contexto histórico e atual.

A **Desconstrução** – caracteriza os mais fundamentais acontecimentos dos séculos XIX e XX, dizendo do *desmoronamento dos princípios e dos valores que marcam os quadros tradicionais da vida humana. O* processo da *Desconstrução* levou ao estudo do declínio da moral comum e da erosão das tradições e, com ele, o conhecimento da elevação potencial do individualismo. Submetida ao impulso permanente de seus próprios desideratos, a globalização, ampliando a sua expansão a cada aperfeiçoamento dos meios de comunicação, passou a concorrer para a sensação de *desconstrução,* que aflige o ser humano na falta de controle e domínio dos fatos e da veracidade histórica de sua atual realidade.

A **Desapropriação** - *Condição sempre crescente nas desconstruções assustadoras de novas e modernas invenções ligadas à preservação do planeta, ao domínio do conhecimento das mudanças climáticas, à pesquisa em outros planetas* e outras mais informações divulgadas pelos meios de comunicação, estratégias somente compreendidas após os estudos da ecologia. Esses estudos, relacionados à segurança do planeta e às suas consequências, levaram o ser humano à perda de suas referências, à incerteza de sua capacidade de manter o domínio de suas prerrogativas no controle de sua espécie. Essas e tantas outras descobertas e invenções, como a industrialização e sua interferência no uso da mão de obra humana e, posteriormente, todas as aberturas das tecnologias da informação e da comunicação- TICs que, a cada nova programação, interferem nas ações da inteligência do ser humano, *desapropriando-o* de

suas reais condições de conhecimento e de conquista, valores para ele sagrados, que lhe davam a auto confiança para seguir em frente em um mundo que, a partir dos novos conhecimentos passou a ser cada vez mais assustador, *desapropriando-o de seus conhecimentos e de sua segurança* (idem).

A S**acralização -** com a intensa e continua desconstrução dos valores, as crenças do ser humano foram sofrendo uma forte interferência naquilo que para ele sempre foi naturalmente sagrado. *Etimologicamente, sagrado é aquilo pelo que vale a pena se sacrificar. Mais verdadeiramente, aquilo que dá valor à nossa existência* (ibidem). A ciência e o conhecimento retiraram das religiões os valores que, desmistificados como valores inumanos, o ser humano vem *tentando preservar como valores considerados dignos de serem mantidos, mesmo à custa de* ***sacrifícios*****.** É **a sacralização** daquilo pelo que vale a pena o sacrificar-se, como os *Mandamentos,* no presente sacralizados nos preceitos legais dos Direitos Humanos, segundo Ferry, *"valores que descem do céu para se instalarem na humanidade".* Muitos outros valores passaram a ter sua *sacralização* nas ordenações de legislações, onde os direitos e os deveres da pessoa *valem sacrifícios* para mantê-los como conquista de um humanismo que, aos poucos se impõe como reações às *desconstruções* e *desapropriações.* Difícil é, no entanto, para o ser humano aceitar que, os *valores sacralizados* passaram a ser responsabilidades e construções suas e não mais *graças divinas*, que as suas rezas faziam *cair do Céu.*

As três ferramentas do filósofo Luc Ferry têm a virtude de promover estudos, que desvelam tendências, causas e efeitos, e, em certos momentos permitem a visualização de promissores horizontes em meio às desconstruções e desapropriações. Dessas revelações, a afirmação: *Hoje, para uma imensa maioria de pessoas, a verdadeira meta da existência, que lhe dá um sentido, sabor e valor, situa-se basicamente na vida privada. E essa evolução somente se torna compreensível, quando colocada em*

perspectiva, no interior de uma história, a da família moderna (ibidem). Essa afirmativa advém dos relatos dos muitos historiadores *sobre as evoluções da família moderna, que vem sendo levada a uma* **divinização** *do humano*. Estudos revelam que, mesmo que muitas transformações venham marcando a organização familiar, com novas configurações, como as famílias parentais, *o único laço que nos últimos dois séculos se aprofundou, se intensificou e enriqueceu, foi aquele que une as gerações no seio da família.*

Vale estudar os conceitos de família, observados em meio às pesquisas e estudos sobre o seu papel vivencial, que confirma não ser na sua estrutura organizacional, e sim no seu elo de afetividade, que reside a sua importância na individualidade do ser humano e na sua contribuição à comunidade.

Família foi, para a nobreza, somente uma instituição para comprovar a hierarquia dos títulos monárquicos. Várias pesquisas revelam que, saudadas quando do seu primogênito, daí por diante, poucas são as notas de tratamento familiar, além das transferências para as amas de leite e a delegação das tarefas familiares para os subalternos. As próprias plantas baixas dos castelos não apresentavam nenhuma possibilidade de intimidade entre os membros que neles residiam, onde as funções se configuravam como tarefas de subsistência. Quanto aos plebeus, os estudos dos papéis individuais e sociais de crianças e jovens, revelam, na sua generalidade, apenas casos de ignorância cruel.

Fonte de especial análise social, a *literatura nos* trouxe a possibilidade de conhecimentos mais profundos das evoluções organizacionais, políticas e sociais que davam notícias do que seria uma família. Assuntos da literatura clássica sobre os amores proibidos, *Tristão e Isolda; Romeu e Julieta e* outros mais, revelando os primórdios dos casamentos por amor, todos eles com referências a transgressões ao sistema de casamentos estabelecidos por arranjos,

unindo interesses políticos, econômicos e monárquicos, em trocas de consequências que em nada se relacionavam a uma família, então uma organização vertical de títulos e hierarquia, sem nenhum relacionamento afetivo. O que havia eram procedimentos de linhas tão severas com transgressões penalizadas até mesmo com a morte.

Também os estudos de filósofos como Rousseau sobre a educação de crianças e a sociabilidade do ser humano, revelados publicamente em reuniões culturais e constantes de bibliografia conceituada, foram elementos pouco reveladores de conceituações sobre relacionamentos interpessoais. Na época do Romantismo, no entanto, um poema de Victor Hugo divulgava publicamente o encantamento do amor-paixão e, mesmo que os versos revelassem a superioridade do homem, falavam de uma mulher sem cérebro. Tão reveladores da afetividade como uma nova visão conceitual do progresso feminino, que vale citar:

> O Homem e a Mulher
>
> O homem é a mais elevada das criaturas, / A mulher é o mais sublime dos ideais, / O homem é o cérebro, / A mulher o coração. / O cérebro fabrica a luz, / O coração, o amor. / A luz fecunda, / O amor ressuscita. / O homem pensa, / A mulher sonha, / O homem é forte pela razão, / A mulher é invencível pelas lágrimas.

Muito mais proximamente e, novamente graças à Literatura, com a contribuição dos romances de M. Delly, bem recebida produção da Biblioteca das Moças, cuja leitura exigia a prévia censura dos *mais velhos,* foram revelados os difíceis e envolventes caminhos para alcançar a efetiva realização dos casamentos por amor-paixão e a luta individual, de ambas as partes, para uniões entre as diferentes classes sociais estabelecidas. Esses romances apresentam-se como reveladores dos primeiros passos da formação de uma verdadeira família.

A literatura de romances era menosprezada por valorizar a mulher e apresentar, mesmo que discretamente, considerações sobre o amor-paixão, naquele momento uma transgressão ao conceito tradicional. Instalando-se positivamente, essas publicações revelam conquistas dos direitos da mulher, exercendo importância decisiva para o surgimento da família, que seria a base humanizada e sacralizada da família moderna.

Ao suprir a ausência dos preceptores para a preparação cultural dos mais nobres, dentro dos castelos, a mulher apresentava uma das suas conquistas, não somente pela sua competência, mas demonstrando a sua responsabilidade no atendimento a crianças e jovens do castelo, já que as viagens aos centros maiores, permitia apenas ao homem a possibilidade de uma cultura mais ampla. Nos castelos, as mulheres não premiadas na hierarquia monárquica, por uma ou outra razão e por suas habilidades femininas de compreensão e recato, serviam como damas de companhia e, alcançavam funções de preceptoras, assumindo o atendimento de crianças nesse importante papel no incipiente grupo familiar. Os nobres, no mais alto de sua hierarquia, quase sempre em viagem, no seu retorno aos castelos, passavam a conviver com jovens ligadas às tarefas de atendimento aos filhos dele, dando início a importantes mudanças no relacionamento entre pais e filhos, com ensaios da afetividade precursora de um ambiente inovador do relacionamento verdadeiramente familiar. E essas histórias, apresentadas nos romances da Biblioteca das Moças, revelam os enredos amorosos das difíceis interligações entre classes diferentes, que aproximavam pela afetividade, pais e filhos e, sem jogo de interesses, entrelaçavam novos tipos de comunicação familiar, concorrendo para fragilizar as barreiras intersociais, em um relacionamento precursor do que viria a ser a Família Moderna.

De princípio, pode-se dizer que a Família Moderna teve começo no amor–paixão, que levou á busca de um relacionamento

que se constituía em um *valor pelo qual valia a pena lutar,* valor assim sacralizado, levando consigo, além do amor-paixão, um conjunto de valores correlatos, como o amor aos filhos, à aprendizagens necessárias à educação dos filhos e a tudo o mais que pode promover relações livres de severas hierarquias. Aliás, a uma família que se iniciava em proposta mútua dos interessados e de princípios e responsabilidades de uma nova relação afetiva que se caracterizava como a Família Moderna.

Em um processo de sacralização dos valores relacionados à família, cabe dizer que toda essa construção da autonomia para o casamento, teve seu peso nas conquistas da mulher, que passaria a assumir relevantes e inovadoras funções de lar e muito mais proximamente, pela sua elevação cultural, e novas atribuições, inclusive a de provedora, uma das bases da *família moderna que, da mesma maneira é a emergência progressiva de uma verdadeira "divinização do humano", que sob o efeito das evoluções da família moderna, vai dar forma a uma transcendência horizontal de um sagrado encarnado no coração da humanidade, e não mais, com antes, em entidades verticais, superiores e externas a ela.*

Com esse mesmo grau de afetividade e "mutatis mutandis" em um mundo diferente, as atuais famílias modernas, formadas pelo amor- paixão e por isso mesmo, com escolhas próprias, algumas vezes parenterais, com filhos de casamentos anteriores, com divórcios na sua história, prendem-se pela afetividade, já que *o laço familiar é mais forte, mais rico, mais profundo e mais intenso hoje no Ocidente do que foi em toda a história do casamento por submissão. Como nunca, os pais passaram a amar os filhos, ficando paralisados de angustia, diante da ideia de que o futuro possa não deixar que eles se "realizem" e, curiosamente, na maioria das vezes, os filhos lhes devolvem o mesmo amor. (Luc Ferry, 2008).*

No reduto dos grupos sociais de número mais limitado, a afetividade, concorrendo para maior compreensão dos desencontros das transformações sociais e do relacionamento pessoal, instalou-se

como um fator de busca do equilíbrio entre os novos conhecimentos e a sacralização dos valores, transformando-os em sistemas culturais de manutenção dos comportamentos indispensáveis a uma sadia formação individual e social.

A crescente evolução cultural, aliada à interiorização pela educação e pela formação do ser humano culto, levando à prática dos valores básicos do viver dentro do bem e da razão, passaram a constituir forças positivas para a compreensão melhor daquilo que a razão e o conhecimento poderão trazer ao relacionamento familiar. Assim, o processo cultural vem levando à consciência de que a pequenez das visões de mundo, fruto da ignorância, levará o ser humano a viver apenas os seus primários interesses circulares, promovendo um ilusório sucesso individual e social que, de uma forma ou de outra, desconstroem os desenvolvimentos futuros.

E é na preparação desde o nascimento, que os valores da hierarquia e do respeito mútuo, em ação constante na vivência dos papéis da paternidade e da maternidade conscientes, promovem a construção do caráter e da hombridade que a evolução vem construindo na família, mais do que em qualquer outra comunidade.

Maiores conhecimentos advindos da globalização dos novos saberes, vem promovendo a construção permanente do progresso da família, ressaltando a necessária construção de maior respeito à mulher e à sua condição de cidadã e educadora. O desafio dessa Família Contemporânea está em manter vívidas as responsabilidades hierárquicas dos papéis de seus membros, principalmente na construção de uma prática vivencial de responsabilidade formadora dos preceitos básicos da cidadania universal,

Somente o vivenciar constante dos valores sacralizados e do conhecimento globalizado na vida familiar, como formadora da cultura social a ser exigido dos novos cidadãos, dirigentes do futuro, poderão

encaminhar as sociedades contemporâneas ao aprimoramento e ao equilíbrio. Aí a necessidade dos seres humanos, conscientemente educadores, estudiosos do passado e do presente, assumirem o papel social de construtores do futuro dos seus descendentes. Aí o valor e a responsabilidade da Família que, parte intrínseca no processo de globalização, assimila conhecimentos, integrando na vivencia familiar os valores fundamentais sacralizados pelos princípios da afetividade.

Transformadora de antigas utopias, hoje em projetos cientificamente preparados, a afetividade tem se constituído partícipe positivo, na busca de levar avante os anseios da formação de uma família eticamente promissora, base de *sonhos tão altos que não cabem inteiros nesta vida e tão puros que não vivem em plagas deste mundo! (*H. Kolody, 2004)

Com os sonhos e utopias sacralizados em propostas e desafios, tendo a responsabilidade como o permanente elo construtivo da fraterna jornada de luzes da hoje importante Família Contemporânea que, construindo na Ética Vivencial Diária esse Universo Familiar, berço de Homens e Mulheres Educadores, promove os mais novos e mais altos ideais da Humanidade!

** Chloris Casagrande Justen - Presidente da APL*

FERRY, Luc. Famílias, amo vocês. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2008.

KILPATRICK, William. Educação para uma civilização em mudança. S. Paulo: Ed. Melhoramentos.1978.

KOLODY, Helena. Viagem no Espelho e Vinte e um Poemas Inéditos. 2. ed. Curitiba: Criar, 2004.

SETENTA ANOS DA ALIANÇA FRANCESA

Por EDUARDO ROCHA VIRMOND

Pronunciamento do Presidente de Honra Eduardo Rocha Virmond. Na abertura do texto, homenagem ao Prefeito Gustavo Fruet.

Estamos recebendo agora o Doutor Gustavo Fruet, Prefeito de Curitiba. É o nosso homenageado desta festa de setenta anos. Gustavo Fruet consagrou-se como parlamentar de primeira grandeza, recebendo prêmios e homenagens da imprensa brasileira, bem como de todos os conscientes que estiveram com ele no Congresso Nacional. De minha parte, tenho orgulho de seu desempenho e imaginar o que seria importante para o Brasil se ele estivesse lá no Congresso, com a sua sensibilidade e tirocínio para defender os interesses do povo. Ele é o Prefeito de Curitiba, tarefa extremamente complexa, que constitui um diário aprendizado, e por isso admiramos as suas atitudes, o seu espírito de grandeza e desejamos o melhor êxito, que, sendo dele é também nosso. Seja bem-vindo Gustavo Fruet, que esta Casa seja também a sua.

* * *

"Eu digo de uma vez por todas: eu amo a França com a mesma paixão exigente e complicada que Jules Michelet, sem distinguir entre suas virtudes e seus defeitos, entre o que eu prefiro e o que eu aceito com menos facilidade".

Esta declaração de Fernand Braudel poderá ser repetida por muitos de nós, que estamos festejando os setenta anos da Aliança Francesa, aqui presentes, mas sem esquecer que Braudel também disse o que vou repetir agora: "Eu me tornei inteligente indo ao Brasil.O espetáculo que eu tinha sob os meus olhos era um tal espetáculo de história, um tal espetáculo de gentileza social, que eu passei a compreender a vida de maneira diferente. Os mais belos anos de minha vida eu os passei no Brasil". Nós, pelo menos o meu caso, também acho a mesma coisa à respeito do Brasil, osmelhores anos também passei no Brasil, mas sou brasileiro, hélas! E curitibano, por sinal, nasci na Rua Comendador Araujo.

Também por sinal e coincidência, tenho a honra de ter feito uma saudação `a Aliança em seus sessenta anos,, à convite de Maria Eliza Paciornik, sua presidente de então, e de Karlos Rischbieter, presidente de honra, como eu tenho a emoção de ser seu sucessor por homenagem de seus dirigentes e seu Conselho, aprovado por aclamação em uma como que Assembléia. Por eventual desenrolar das coisas, quando a Aliança fez sessenta e cinco anos, o então Presidente José Munir Meirelles Nassser convidou-me para que eu pronunciasse algumas palavras, tal como fui agora convidado pelo nosso Sérgio Bruel, que se desenrola em produtiva presidência desta casa.

Quando foi fundada a Aliança Francesa, por Helena Garfunkel, eu era um piá seu aluno em sua casa na Rua Presidente Taunay, e talvez por causa de um bom diálogo ela gentilmente teve o excessivo gesto de me colocar com fundador. Eramos alguns, como Newton Carneiro, Brasil Pinheiro Machado, Wilson Martins, Temítocles Linhares, Loureiro Fernandes, Homero Braga e ainda outros distintos e distinguidos intelectuais de nossa Curitiba da década de 40, de onde infelizmente eu sou a rapa do tacho, o único sobrevivente.

Mas não imaginávamos que a Aliança durasse tanto, nem sequer que pudesse ir além de trinta, ainda chegar aos setenta anos.

Não só isso, mas com a sua pujança, sua criação e recriação em cada ano, sem concessões, com muita responsabilidade, com vontade de dar certo, de se apontar com admiração em nossa comunidade paranaense. Mas para ter atingido, e irá muito mais à frente, houve muito esforço, muita contrariedade, dificuldades que ainda estão sendo ultrapassadas, graças a essa devoção a esta casa que, se não é a França, é a extensão da França, com suas virtudes e seus inevitáveis defeitos, como disse Michelet. Há portanto casos de amor e ódio, de espinhos e tropeços. Se não fosse assim não seria a França, nem esta Aliança como sua extensão. Diremos que a França não é coletivista ,ao contrário, é individualista e possessiva, qualidades que mais nos aproximam de nós, brasileiros por nascimento e por vontade.

Não pode ficar como se omissa, a menção à extrema dificuldade de toda natureza que estamos passando no Brasil, com a decadência e degenerescência dos poderes da República, o sofrimento do povo, enquanto na França as agressões e ameaças que, vindo de fora, estão criando problemas internos nunca imagináveis, nunca vistos. Lamentamos e apresentamos a nossa solidariedade, não podemos ignorar, não passará desapercebido, pois vivemos neste mundo com os seus prazeres, seus lamentos e suas enormes dificuldades.

* * *

Apreciamos Racine, Stendhal, Balzac, Baudelaire, Voltaire, Marcel Proust como celebramos Machado de Assis, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Mario de Andrade, Manoel Bandeira, a nossa querida e exemplar Helena Kolody, hélas!, somos iguais, não temos nada a perder com essa dupla identidade, somos brasileiros, somos amantes da França.

Necessário, todavia, insistir sobre ponto fundamental. A Aliança Francesa não é, como alguns pensam, somente uma escola de língua francesa. A Aliança é uma entidade cultural importante no Paraná, que tem dentro de si uma escola refinada e atuante. Uma tendência que cada vez mais se revela é a de aprimorar esta sua finalidade cultural.

Com estes setenta anos, a Aliança abrirá, nesta renovada casa, em prosseguimento de seu itinerário, uma nova fase, dentro de seus princípios, de sua grandeza, oxalá com a nossa devoção, no aprimoramento de sua vocação cultural.

O QUIROMANTE DA TERRA

Por MARLETH SILVA

UM TRISTE E LAMENTAVEL EPISÓDIO

Fomos todos surpreendidos com o falecimento do Professor João José Bigarella. Um verdadeiro cientista, reconhecido mundialmente, executou trabalhos na Rússia soviética, na África do Sul, na Espanha, Estados Unidos, Austrália, em toda parte do mundo, sempre convidado e prestigiado. A sua companhia nos engrandeceu a Academia Paranaense de Letras, onde se situava na Cadeira n. 22, sucedendo ao saudoso Metry Bacilla. Era muito boa e bastante discreta, devido a sua natural modéstia, a sua presença sempre com a Professora Iris com quem era casado, foi rareando nos últimos tempos, devido suas dificuldades de acesso. Por sua vez, Iris Bigarella é escritora, cronista da vida cotidiana. O casal gostava muito de ir a sua casa na praia, em Caiobá, onde passava um bom tempo e recebia sempre seus descendentes. De minha parte, fui honrado em receber na praia a visita de ambos, mais de uma vez, o que era bom por sermos vizinhos em Caiobá e melhor ainda pela qualidade dos entendimentos, das conversas, pois no plano social - e até político, neste caso sobre os direitos do homem - tínhamos grandes afinidades. Um sábio, quase sempre de bom humor, de contacto simples e delicado.

Já a Revista estava no prelo, quando sucedeu o triste passamento, que, no entanto, não ficará em branco, por isso é

acessado nas últimas páginas, sem prejuízo de que na próxima Revista haja outras manifestações. Na urgência do imediato, aí vai o excelente trabalho da escritora Marleth Silva.

O editor Eduardo Rocha Virmond

* * *

Os olhos treinados do professor João José Bigarella viam informação onde qualquer outro veria um deserto. Era assim que ele trabalhava e foi assim que se formou: indo a campo e olhando o terreno. No deserto da Namíbia, nos planaltos paranaenses, nas falésias do Nordeste brasileiro, na Transamazônica, ele observava. Uma nova estrada está sendo aberta no interior do estado? Era uma oportunidade para estudar o corte do terreno e destrinchar sua formação geológica. Daí sua autodefinição: "Sou um quiromante da terra". Esta forma de fazer ciência era também sua forma de ensinar. Muito cedo, o professor da UFPR concluiu que não ajudaria seus alunos mantendo-os em sala de aula ouvindo dissertações. Gostava de levar a turma para o campo – o litoral do Paraná era sua sala de aula. Incitava os estudantes: "O que vocês estão vendo? " A pergunta tinha que ser repetida várias vezes e, provocados, os jovens começavam a ver. A ler a mão da terra, como o professor já fazia.

Uma vez, em uma de suas temporadas em Matinhos, que frequentou desde a infância, ele foi reconhecido por um ex-aluno, já homem maduro, que disse: "Aquelas aulas de campo me ajudaram muito". Toda vez que o professor Bigarella me contou esse episódio, vi lágrimas nos seus olhos.

Havia muito a ser feito por um geólogo brasileiro ao longo do século XX. No Paraná, o subsolo apenas começava a ser estudado. A curiosidade e o empenho de Bigarella o talharam para a tarefa. Ele não se incomodava de pegar um ônibus quando a universidade não tinha transporte para levá-lo para o interior. Junto com Riad Salamuni, fez uma expedição até o Uruguai "perseguindo" o arenito. Foram confundidos com ladrões de gado e detidos pela polícia. Contar a aventura divertia o professor.

Dessas expedições, ele trazia fotos que usava para ilustrar as aulas e conferência que deu até o ano passado. Considerava inviável ensinar sem usar imagens.

Bigarella foi menino na Curitiba dos anos 20. Aprendeu alemão no Colégio Divina Providência e em casa, com a mãe, que era da família Schaffer. A família do pai era do Vêneto e tinha uma chácara na Travessa da Lapa, esquina com a Visconde de Guarapuava. Quando foi transferido para o Colégio Santa Maria, seu sotaque chamava a atenção dos colegas: falava como um estrangeiro. "Caçoavam de mim " – me contou, rindo. No Santa Maria teve ótimos professores que lhe abriram a curiosidade para as ciências. "Eles ensinavam ciência, me entusiasmaram por biologia, ciências químicas, física, e isso me orientou na vida. "

Na UFPR, fez Química, "mas não tinha pesquisa nenhuma". Mudou para Química Industrial. Entrou para o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, indicado por um professor e nomeado pelo interventor Manoel Ribas. Mais tarde faria doutorado e ingressaria como professor na UFPR. Andou pela África e pelos Estados Unidos. Aprendia observando outros geólogos trabalhando. Encantou-se pelas dunas, apaixonou-se pelas plantas do deserto, mergulhou nas descobertas da deriva continental. Tornou-se um ecologista quando ecologia era palavra nova.

Na época do primeiro emprego, começou a colaborar com o Museu Paranaense. "A gente seguia para o litoral onde com frequência levámos pesquisadores de fora. Eu observava como eles trabalhavam. Foi uma espécie de escola, por isso eu gosto muito de museus. "

Os museus se tornaram uma obsessão. Visitou mais de 400 deles mundo afora. Museus como extensão da sala de aula, laboratórios de ciência para a população. Colaborou com alguns projetos no interior do Paraná. Em Vila Velha, depositou toda sua expectativa de ver um espaço dedicado à ciência no estado. Foi sua grande amargura nos últimos meses de vida. Não se conformava com a incapacidade, ou falta de vontade, do poder público de levar adiante uma obra já começada, deixando material se deteriorar e recursos obtidos via Lei Rouanet serem desperdiçados.

A esposa, Iris, é testemunha de quanto essa situação o entristecia. Um mês mais velha que ele ("Por isso eu tenho que obedecê-la" – ele provocava), dona Iris cuidava do marido, que lhe retribuía com aquele olhar apaixonado que era impossível não notar.

RELAÇÃO DAS CADEIRAS

PATRONOS
FUNDADORES
OCUPANTES

CADEIRA N.º 1

PATRONO
Antônio Vieira dos Santos (1784-1854)
FUNDADOR
José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933)
1.º OCUPANTE
Valfrido Pilotto (1903-2006)
2º OCUPANTE
Dante José Mendonça (1951)

CADEIRA N.º 2

PATRONO
Cândido Martins Lopes (1803-1871)
FUNDADOR
Sebastião Paraná de Sá Sotto Maior (1864-1938)
1.º OCUPANTE
Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (1872-1955)
2.º OCUPANTE
Osvaldo Pilotto (1901-1993)
3.º OCUPANTE
Luiz Romaguera Netto (1935-2004)
4º OCUPANTE
Ernani Buchmann (1948)

CADEIRA N.º 3

PATRONO
Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá (1827-1903)
FUNDADOR
Moysés Araújo Marcondes de Oliveira e Sá (1859-1928)
1.º OCUPANTE
Flávio Carvalho Guimarães (1891-1968)
2.º OCUPANTE
Newton Isaac da Silva Carneiro (1914-1987)
3.º OCUPANTE
René Ariel Dotti (1934)

CADEIRA N.º 4

PATRONO
Dr. José Cândido da Silva Murici (1827-1879)
FUNDADOR
José Cândido da Silva Muricy (1863-1943)
1.º OCUPANTE
José Cândido de Andrade Muricy (1895-1984)
2.º OCUPANTE
Eduardo Rocha Virmond (1929)

CADEIRA N.º 5

PATRONO
Fernando Amaro de Miranda (1831-1857)
FUNDADOR
Manoel de Azevedo da Silveira Neto (1872-1942)
1.º OCUPANTE
Tasso Azevedo da Silveira (1895-1968)
2.º OCUPANTE
Leopoldo Scherner (1919-2011)
3º OCUPANTE
Paulo Venturelli (1950)

CADEIRA N.º 6

PATRONO
Senador Manoel Francisco Correia Neto (1831-1905)
FUNDADOR
Nestor Víctor dos Santos (1868-1932)
1.º OCUPANTE
Ulysses Falcão Vieira (1885-1942)
2.º OCUPANTE
Ernani Guarita Cartaxo (1900-1967)
3.º OCUPANTE
Francisco Raitani (1897-1971)
4.º OCUPANTE
Felício Raitani Neto (1917 - 2000)
5º OCUPANTE
Harley Clóvis Stocchero (1926-2005)
6º OCUPANTE
Oriovisto Guimarães (1945)

CADEIRA N.º 7

PATRONO
Bento Fernandes de Barros (1834-1903)
FUNDADOR
João Pamphilo d'Assumpção (1865-1945)
1.º OCUPANTE
Oscar Martins Gomes (1893-1977)
2.º OCUPANTE
Marino Bueno Brandão Braga (1920-2010)
3º OCUPANTE
Ney José de Freitas (1953)

CADEIRA N.º 8

PATRONO
Francisco Antônio Monteiro Tourinho (1837-1885)
FUNDADOR
Jaime Ballão (1869-1930)
1.º OCUPANTE
Ildefonso Serro Azul (1888-1949)
(Ildefonso Pereira Correia)
2.º OCUPANTE
Jaime Ballão Júnior (1891-1968)
3.º OCUPANTE
Elias Karam (1902-1975)
4.º OCUPANTE
Luiz Carlos Pereira Tourinho (1913-1998)
5º OCUPANTE
Rafael Valdomiro Greca de Macedo (l956)

CADEIRA N.º 9

PATRONO
Manoel Euphrasio Correia (1839-1888)
FUNDADOR
Leôncio Correia (1865-1950)
1.º OCUPANTE
Vasco José Taborda Ribas (1909-1997)
2.º OCUPANTE
Ário Taborda Dergint de Rawicz (1931)

CADEIRA N.º 10

PATRONO
Telêmaco Augusto Enéas Morocines Borba (1840-1919)
FUNDADOR
Ermelino Agostinho de Leão (1871-1932)
1.º OCUPANTE
Francisco de Paula Dias Negrão (1871-1937)
2.º OCUPANTE
Arthur Martins Franco (1876-1979)
3.º OCUPANTE
Ruy Christovam Wachowicz (1939-2000)
4º OCUPANTE
Raymundo Maximiano Negrão Torres (1925-2006)
5º OCUPANTE
Flora Camargo Munhoz da Rocha (1911-2014)
6º OCUPANTE
Flávio Arns (1950)

CADEIRA N º11

PATRONO
Alfredo Caetano Munhoz (1845-1921)
FUNDADOR
Alcides Munhoz (1873-1930)
1.º OCUPANTE
Laertes de Macedo Munhoz (1900-1967)
2.º OCUPANTE
João Manuel Simões (1939)

CADEIRA Nº 12

PATRONO
Ubaldino do Amaral Fontoura (1842-1920)
FUNDADOR
Euclides da Motta Bandeira e Silva (1877-1947)
1.º OCUPANTE
José de Sá Nunes (1893-1954)
2.º OCUPANTE
Faris Antônio Salomão Michaele (1911-1977)
3.º OCUPANTE
Ernani Costa Straube (1929)

CADEIRA Nº 13

PATRONO
Generoso Marques dos Santos (1844-1928)
FUNDADOR
Enéas Marques dos Santos (1883-1961)
1.º OCUPANTE
Manoel de Oliveira Franco Sobrinho (1916-2002)
2º OCUPANTE
Rui Cavallin Pinto (1928)

CADEIRA N.º 14

PATRONO
José Bernardino Bormann (1844-1919)
FUNDADOR
Dídio Iratim Affonso da Costa (1881-1953)
1.º OCUPANTE
Júlio Estrella Moreira (1899-1975)
2.º OCUPANTE
José Carlos Veiga Lopes (1939-2010)
4.º OCUPANTE
Guido Viaro (1968)

CADEIRA N.º 15

PATRONO
Dr. João José Pedrosa (1844-1882)
FUNDADOR
Clemente Ritz (1888-1935)
1.º OCUPANTE
Virgílio Moreira (1900-1973)
2.º OCUPANTE
Christovam Colombo de Souza (1920-1991)
3.º OCUPANTE
Adélia Maria Woellner (1940)

CADEIRA N.º 16

PATRONO
Brasílio Itiberê da Cunha (1846-1913)
FUNDADOR
Paulo Ildephonso d'Assumpção (1868-1928)
1.º OCUPANTE
Benedito Nicolau dos Santos (1878-1957)
2.º OCUPANTE
Bento João d'Albuquerque Mossurunga (1879-1970)
3.º OCUPANTE
Benedito Nicolau dos Santos Filho (1914-1987)
4.º OCUPANTE
Alceo Ariosto Bocchino (1918 - 2013)
5.º OCUPANTE
Paulo Sergio da Graça Torres Pereira (1954)

CADEIRA Nº 17

PATRONO
Eusébio Silveira da Motta (1847-1909)
FUNDADOR
Dario Persiano de Castro Vellozo (1869-1937)
1.º OCUPANTE
Dicesar Plaisant (1894-1969)
2.º OCUPANTE
Flávio Suplicy de Lacerda (1903-1983)
3.º OCUPANTE
Euro Brandão (1924-2000)
4º OCUPANTE
Clemente Ivo Juliatto (1940)

CADEIRA N.º 18

PATRONO
Joaquim de Almeida Faria Sobrinho (1847-1909)
FUNDADOR
Hypólito Pacheco Alves de Araújo (1969-1946)
1.º OCUPANTE
Manoel de Lacerda Pinto (1893-1974)
2.º OCUPANTE
Francisco da Cunha Pereira Filho (1926-2009)
3º OCUPANTE
José Laurentino Gomes (1956)

CADEIRA N.º 19

PATRONO
José Gonçalves de Moraes (1849-1909)
FUNDADOR
José Gelbecke (1879-l960)
1.º OCUPANTE
Arildo José de Albuquerque (1914-1974)
2.º OCUPANTE
Joaquim Carvalho (1910-1974)
3.º OCUPANTE
Carlos Alberto Sanches (1941)

CADEIRA N.º 20

PATRONO
Albino José Silva (1845-1905)
FUNDADOR
José Niepce da Silva (1876-1935)
1.º OCUPANTE
Ciro Silva (1883-1968)
2.º OCUPANTE
Francisco Pereira da Silva (1909-1974)
3.º OCUPANTE
Samuel Guimarães da Costa (1917-1997)
4.º OCUPANTE
Luiz Geraldo Mazza (1931)

CADEIRA N.º 21

PATRONO
João Evangelista Braga (1850-1913)
FUNDADOR
Leônidas Moura de Loyola (1892-1938)
1.º OCUPANTE
Milton Ericksen Carneiro (1902-1975)
2.º OCUPANTE
Ernani Simas Alves (1914-2000)
3º OCUPANTE
Albino de Brito Freire (1941)

CADEIRA N.º 22

PATRONO
Monsenhor Manoel Vicente Montepoliciano da Silva (1851-1909)
FUNDADOR
Bispo Dom Alberto José Gonçalves (1859-1945)
1.º OCUPANTE
Carlos Stellfeld (1900-1970)
2.º OCUPANTE
Metry Bacila (1922 - 2012)
3.º OCUPANTE
João José Bigarella (1923 - 2016)

CADEIRA N.º 23

PATRONO
Fernando Machado Simas (1851-1916)
FUNDADOR
Ernesto Luiz de Oliveira (1874-1938)
1.º OCUPANTE
Hugo Gutierrez Simas (1883-1941)
2.º OCUPANTE
Arthur Ferreira dos Santos (1894-1972)
3.º OCUPANTE
Odilon Túlio Vargas (1929-2008)
4º OCUPANTE
Jeorling Joely Cordeiro Cleve (1932)

CADEIRA.º 24

PATRONO
Luiz Ferreira França (1853-1921)
FUNDADOR
Serafim França (1888-1967)
1.º OCUPANTE
Assad Amadeu Yassim (1935-1985)
2.º OCUPANTE
Chloris Casagrande Justen (1923)

CADEIRA N.º 25

PATRONO
Vicente Machado da Silva Lima (1860-1907)
FUNDADOR
João Cândido Ferreira (1864-1948)
1.º OCUPANTE
Bento Munhoz da Rocha Neto (1905-1973)
2.º OCUPANTE
Ruy Noronha Miranda (1914-2010)
3º OCUPANTE
Paulo Vítola (1947)

CADEIRA N.º 26

PATRONO
Joaquim Dias da Rocha Filho (1862-1895)
FUNDADOR
Francisco Heráclito Ferreira Leite (1889-1982)
1.º OCUPANTE
Wilson da Silva Bóia (1927-2005)
2º OCUPANTE
Leo de Almeida Neves (1932)

CADEIRA N.º 27

PATRONO
Domingos Virgílio do Nascimento (1862-1915)
FUNDADOR
Omar Gonçalves da Motta (1910-1972)
1.º OCUPANTE
Noel Nascimento (1925 - 2013)
2.º OCUPANTE
Marta Morais da Costa (1945)

CADEIRA N.º 28

PATRONO
Francisco Carvalho de Oliveira (1863-1927)
FUNDADOR
Rodrigo Júnior (1887-1964)
(João Baptista Carvalho de Oliveira)
1.º OCUPANTE
Leonardo Henke (1906-1986)
2.º OCUPANTE
Helena Kolody (1912-2004)
3º OCUPANTE
Belmiro Valverde Jobim Castor (1942 - 2014)
4º OCUPANTE
Nilson Monteiro (1951)

CADEIRA N.º 29

PATRONO
Leônidas Fernandes de Barros (1865-1926)
FUNDADOR
Adolpho Jansen Werneck de Capistrano (1879-1932)
1.º OCUPANTE
Alcindo Lima (1902-1935)
2.º OCUPANTE
Carlos Alberto Teixeira Coelho Júnior (1894-1969)
3.º OCUPANTE
Ladislau Romanowski (1902-1997)
3.º OCUPANTE
Ladislau Romanowski (1902-1997)
4º OCUPANTE
Darci Piana (1941)

CADEIRA N.º 30

PATRONO
Emiliano David Perneta (1866-1921)
FUNDADOR
José Henrique de Santa Ritta (1872-1944)
1.º OCUPANTE
Octávio De Sá Barreto (1906-1986)
2.º OCUPANTE
Oldemar Justus (1922-2006)
3º OCUPANTE
Adherbal Fortes de Sá Júnior (1938)

CADEIRA N.º 31

PATRONO
Emílio Correia de Menezes (1866-1918)
FUNDADOR
Helvídio da Silva Pereira (1883-19?)
1.º OCUPANTE
Lauro Grein Filho (1921 - 2015)

CADEIRA N.º 32

PATRONO
Joaquim Procópio Pinto Chichorro Júnior (1866-1926)
FUNDADOR
Alceu Chichorro (1896-1977)
1.º OCUPANTE
Emílio Leão de Mattos Sounis (1913-1999)
2º OCUPANTE
José Wanderlei Miranda de Resende (1938 - 2016)

CADEIRA N.º 33

PATRONO
Nestor Pereira de Castro (1867-1906)
FUNDADOR
Samuel César de Oliveira (1895-1934)
1.º OCUPANTE
Alfredo Romário Martins (1874-1948)
2.º OCUPANTE
José Loureiro Ascenção Fernandes (1903-1977)
3.º OCUPANTE
Edwino Donato Tempski (1913-1995)
4.º OCUPANTE
Edilberto Trevisan (1923-2010)
5º OCUPANTE
Roberto Mugiatti (1937)

CADEIRA N.º 34

PATRONO
Júlio David Perneta (1869-1921)
FUNDADOR
João David Perneta (1874-1933)
1.º OCUPANTE
Raul Rodrigues Gomes (1889-1975)
2.º OCUPANTE
Antônio Celso Mendes (1934)

CADEIRA N.º 35

PATRONO
Nilo Cairo da Silva (1874-1928)
FUNDADOR
José Pereira de Macedo (1883-1965)
1.º OCUPANTE
Mario Braga de Abreu (1906-1981)
2.º OCUPANTE
Moysés Goldstein Paciornik (1914-2008)
3º OCUPANTE
Ricardo Pasquini (1938)

CADEIRA N.º 36

PATRONO
Ricardo Pereira de Lemos (1871-1932)
FUNDADOR
Heitor Stockler de França (1888-1975)
1.º OCUPANTE
Apollo Taborda França (1926)

CADEIRA N.º 37

PATRONO
Ismael Alves Pereira Martins (1876-1926)
FUNDADOR
Vicente Montepoliciano Nascimento Júnior (1880-1958)
1.º OCUPANTE
José Augusto Gumy (1889-1971)
2.º OCUPANTE
Dario Nogueira dos Santos (1899-1980)
3.º OCUPANTE
Pompília Lopes dos Santos (1900-1993)
4.º OCUPANTE
Hellê Vellozo Fernandes (1925-2008)
5º OCUPANTE
Clotilde de Lourdes Branco Germiniani (1938)

CADEIRA N.º 38

PATRONO
Reinaldino Antônio Scharffenberg de Quadros (1878-1929)
FUNDADOR
Durval Borges de Macedo (1895-1984)
1.º OCUPANTE
Mário Marcondes de Albuquerque (1915-1998)
2.º OCUPANTE
Carlos Roberto Antunes dos Santos (1945-2013)
3.º OCUPANTE
Maria José Justino (1949)

CADEIRA N.º 39

PATRONO
Aristides de Paula França (1879-1910)
FUNDADOR
José Antônio Fernandes Cadilhe (1881-1942)
1.º OCUPANTE
José Farani Mansur Guérios (1906-1943)
2.º OCUPANTE
Rosário Farani Mansur Guérios (1907-1984)
3.º OCUPANTE
Francisco Filipak (1924-2010)
4º OCUPANTE
Cecília Helm (1937)

CADEIRA N.º 40

PATRONO
Cícero Marcondes França (1884-1908)
FUNDADOR
Generoso Borges de Macedo (1875-1945)
1.º OCUPANTE
Ângelo Guarinello (1876-1959)
2.º OCUPANTE
Alvir Riesemberg (1907-1975)
3.º OCUPANTE
Valério Hoerner Júnior (1943-2015)

ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS

Adélia Maria Woellner adeliamaria@hotmail.com	Rua Maria Valenga, 257 Piraquara – PR 83305-085	(41) 3673-2384
Adherbal Fortes de Sá Júnior afortesjr@uol.com.br	Rua Ivo Leão, 702, ap.103 Curitiba - PR 80030-180	(41) 3252-2035
Albino de Brito Freire abfreire2007@onda.com.br	Al. Júlia da Costa, 941, ap.902 Curitiba – PR 80430-110	(41) 3015-7214
Antônio Celso Mendes antcmendes@gmail.com	Av.Anita Garibaldi, 31, ap.1102 Curitiba – PR 80540-180	(41) 3253-2645
Apollo Taborda França murilohfrana@yahoo.com.br	Rua Visc. Guarapuava 1535, ap.122 Curitiba – PR 80060-060	(41) 3363-5199
Ário Taborda Dergint ligiadergint@gmail.com.br	Rua Des. Otávio Amaral 770,ap.3 Curitiba – PR 80730-400	(41) 3335-9727
Carlos Alberto Sanches carlosasanches2@yahoo.com.br	Av. Iguaçu, 3000/ 501 Curitiba – PR 80240-031	(41) 3244-9279
Cecília Maria Vieira Helm ceciliah@onda.com.br	Rua Camões, 1790 - ap.101 Curitiba - PR 80040-180	(41) 3254-1914
Chloris Casagrande Justen cjusten@onda.com.br	Rua Des.OtávioAmaral, 557, ap.142 Curitiba-PR 80730-400	(41) 3336-4237

Clemente Ivo Juliatto cijpucpr@yahoo.com.br	Rua Imaculada Conceição,1155 Curitiba - PR 80215-901	(41) 3271-1505
Clotilde de Lourdes B. Germiniani frankgerminiani@uol.com.br	Rua Buenos Aires, 611, ap.201 Curitiba - PR 80250-070	(41) 3233-7941
Dante Mendonça dantejmendonca@gmail.com	Rua Augusto Stelfelld, 873, ap. 203, Centro Curitiba - PR 80430-140	(41) 3233-2346
Darci Piana presidencia@fecomerciopr.com.br	Rua Visconde do Rio Branco 931, 6º andar , Curitiba – PR 80410-001	(41) 3883-4512
Eduardo RochaVirmond erv@ervirmond.com.br	Rua Lamenha Lins,940 Curitiba – PR 80020-917	(41) 3222-0348
Ernani Costa Straube ihgpr1900@hotmail.com	Av. Paraná, 775, ap.06 Curitiba – PR 80035-130	(41) 3224 -0683
Ernani Lopes Buchmann ernanibuchmann@gmail.com	Rua Dep. Heitor Alencar Furtado, 1720 Ap 2303 Curitiba - PR 81200-110	(41) 3279-1270
Flávio Arns seae@seae.pr.gov.br	Rua Nunes Machado,2035 Rebouças Curitiba - PR 80220-070	(41) 3332-9161

Guido Viaro guidov@ig.com.br	Rua Rafael Papa , 109 Jardim Social Curitiba - PR 80020-010	(41) 3262-2747
Jeorling Cordeiro Clève dircecleve@onda.com.br	Rua Deputado Mário de Barros, 944 Curitiba - PR 80530-280	(41) 3253-4539
João Manoel Simões	Rua Tibagi, 137/ 142 Curitiba – PR 80060-110	(41) 3222-9988
Laurentino Gomes lgomes@laurentinogomes.com.br	Rua Vinte e Um, 51 Condomínio Vila Real de Itu Itu-SP 13312-393	(11)-9626-7252
Léo de Almeida Neves leoneves@cafepele.com.br	Avenida Brigadeiro Faria Lima, 3900 1º andar, cj 101 São Paulo SP 04538-132	(11) -2175-2707
Luiz Geraldo Mazza cbn@cbncuritiba.com.br	Av. Paraná, 775/01 Curitiba – PR 80035-130	(41) 3252-8504
Maria José Justino mjjustino@gmail	Rua Comendador Macedo, 254 Centro, Curitiba – PR 80060-030	(41) 3272-1069
Marta Morais da Costa mcosta45@yahoo.com.br	Avenida Nossa Senhora da Luz, 340 ap.602 - Bacacheri Curitiba – PR 80510-020	(41) 3606 2240

Ney José de Freitas neyfreitas@trt9.jus.br	Alameda Dr. Carlos de Carvalho 528, TRT9ª , Curitiba – PR 80430-180	(41) 3310-7000
Nilson Monteiro nilson_monteiro@hotmail.com	Rua Mauá, 1251, ap.301B Alto da Glória, Curitiba – PR 80030-200	(41) 3267-1112
Oriovisto Guimarães eladir@ogdm.com.br	Rua Gonçalves Dias, 665 Curitiba – PR 80710-570	(41) 3335-1441
Paulo Torres drpaulotorres@gmail.com	Rua Major Claro Américo Guimarães, 201, Jardim Social Curitiba PR CEP 82520 260	(41) 3264-5555
Paulo Venturelli paventur@uol.com.br	Rua Nicarágua, 888, ap.103 Curitiba PR CEP 82510 170	(41) 3257 - 3587
Paulo Vítola paulovitola@paulovitola.com.br	Rua Padre Agostinho, 1415 Mercês , Curitiba - PR 80810-110	(41) 3405- 3642
Rafael Greca de Macedo rafaelgreca@sul.com.br	Rua Ébano Pereira,11-14º andar Curitiba – PR 80410-901	(41) 3324-4000

René Ariel Dotti rene.dotti@adv.br	Av. Nossa Senhora da Luz, 2625 Jardim Social, Curitiba – PR 82510-010	(41) 3263-3843
Ricardo Pasquini rpasquini@uol.com.br	Rua Mendelssohn, 50 Vita Alegre,Curitiba - PR 80820-120	(41) 3338-6312
Roberto Fernando Muggiati muggiati@infolink.com.br	Rua Real Grandeza, 82, casa 3 Rio de Janeiro - PR 22281-034	(21) 2537-4900 (41) 7174-5088
Rui Cavallin Pinto rpullus@turbo.com.br	Av. Vicente Machado, 1171/402 Curitiba-PR 800420 011	(41) 3232-8767

SUMÁRIO

PREFÁCIO *5*
Chloris Casagrande Justen

PREÂMBULO *7*
Eduardo Rocha Virmond

MIGRAÇÃO DOS CONTINENTES *11*
João José Bigarella

A GENIALIDADE DE EINSTEIN *21*
Antonio Celso Mendes

A UNIVERSIDADE EXISTE PARA SERVIR A SOCIEDADE *29*
ESTÁTUA *32*
UMA CERIMÔNIA DE FORMATURA *34*
UMA LEMBRANÇA PRECIOSA DO LÍBANO *39*
Clemente Ivo Juliatto

CONSTITUIÇÃO DE 1946 - 70 ANOS *43*
Eduardo Rocha Virmond

A LITERATURA DA CIDADE DE NUVENS DE TODAS AS CORES *51*
Nilson Monteiro

DIZERES CONTIDOS SOBRE UMBERTO ECO *59*
Marta Morais da Costa

O LAMENTO DO PINHEIRAL - UMA LENDA PARANAENSE *65*
Iris Bigarella

BRASIL PROFUNDO / *MÚLTIPLO* ***69***
Eduardo Rocha Virmond

O CASO EUCLIDES DA CUNHA - DILERMANDO DE ASSIS ***73***
René Ariel Dotti

EUCLYDES ***85***
Ernani Buchmann

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES BREVES SOBRE A OBRA
DE GUIMARÃES ROSA ***91***
João Manuel Simões

GUIMARÃES ROSA: O TEMPO EM ESPERA ***97***
Marta Morais da Costa

LAURO GREIN FILHO ***103***
Editor
OS VELHOS E OS IDOSOS ***107***
Lauro Grein Filho

A VIA ILUMINATA DE WANDERLEI RESENDE ***111***
Rui Cavallin Pinto

WANDERLEI RESENDE - POEMAS ***115***

OS NOVENTA E OITO ANOS DA ESCRITORA E POETISA
ZULMIRA BRAGA ***117***
Chloris Casagrande Justen

O PODER MODERADOR NO IMPÉRIO
E A HERANÇA POSITIVISTA NA REPÚBLICA ***123***
Laurentino Gomes

SOBRE A FEB E NÓS ***141***
Eduardo Rocha Virmond

OPERAÇÃO ENCORE - A CAMPANHA ESQUECIDA DA FEB
19 DE FEVEREIRO A 7 DE MARÇO DE 1945 ***151***
Carmen Lucia Rigoni

MAIS CEM PENSAMENTOS DE UM FILÓSOFO APRENDIZ
PARA PROVAR QUE DESCARTES TINHA RAZÃO ***163***
João Manuel Simões

A VISITA: O SIGNIFICADO DO ENCONTRO COM
O KAINGANG MARCIO KOKOJ ***175***
Cecília Maria Vieira Helm

A ESTRADA DE PARANAGUÁ E "A GUERRA DOS PORTOS " ***181***
MANOEL RIBAS -DESVELANDO COM DESVELO ***186***
PARANAGUÁ: UMA NOVA VISÃO HISTÓRICA? ***190***
Rui Cavallin Pinto

COMO F. FERNANDO FONTANA DESVENDOU
MANOEL RIBAS - PREFÁCIO À OBRA ***195***
Darci Piana

OS CLÁSSICOS E AS LÍNGUAS NACIONAIS ***199***
Carlos Alberto Sanches

GRAMÁTICA DO AMOR: MORFOLOGIA E SINTAXE ***207***
João Manuel Simões

CADA PALAVRA UM MUNDO ***211***
Eduardo Rocha Virmond ou Marleth Silva?

FALTOU RUY CASTRO CONTAR ***213***
Dante Mendonça

UM ESCRITÓRIO CLÁSSICO ***217***
Guido Viaro

NÓS OS CORRUPTOS ... ***223***
Albino Freire

POEMAS *227*
Adélia Woellner

UM IMPOSTO INSONEGÁVEL *231*
Léo de Almeida Neves

MARIANNE E MARIANA: RIMAS SEM SOLUÇÃO *235*
DIREITA VOLVER! 1955-57: MEMÓRIAS DO QUARTEL *238*
Roberto Muggiati

OS DESAFIOS DA MULHER CONTEMPORÂNEA *247*
Chloris Casagrande Justen

SETENTA ANOS DA ALIANÇA FRANCESA *257*
Eduardo Rocha Virmond

O QUIROMANTE DA TERRA *261*
Marleth Silva

RELAÇÃO DAS CADEIRAS *265*
ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS *279*